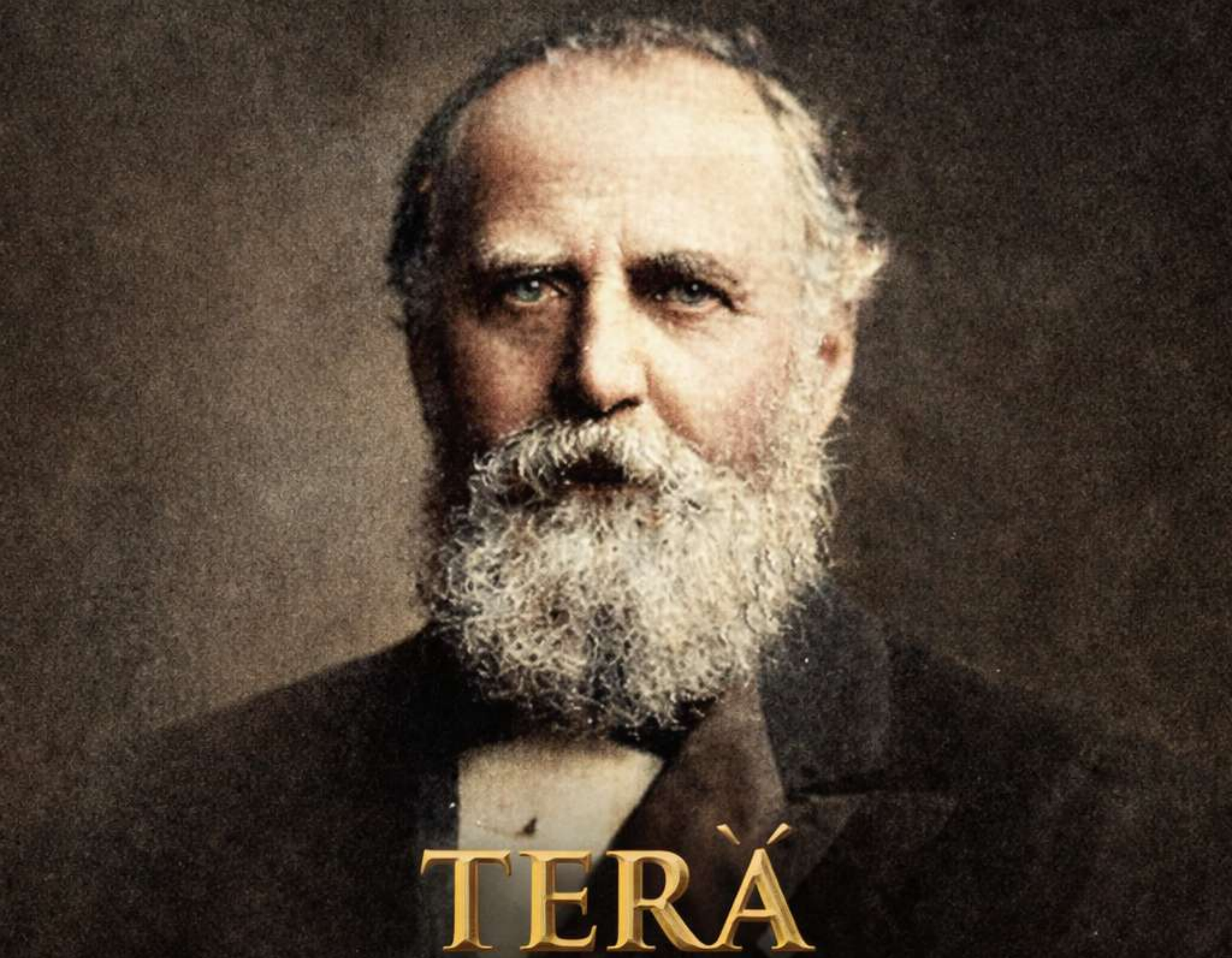


TERÁ

WILLIAM STEAD VOLTADO?

– UM SIMPÓSIO –

JAMES COATES

TRADUÇÃO: AMADEU ANTONIO

REGRESSOU W. T. STEAD?

UM SIMPÓSIO

Editado por

JAMES COATES, Ph.D., F.A.S., 1913

ÍNDICE

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I. O Sr. Stead Manifesta-se em Rothesay
II. Mensagens de Transe e de Escrita Automática
III. Mensagens Inspiracionais e de Escrita Automática
IV. As Mensagens de Melbourne do Sr. Stead — 49
V. O Sr. Stead Eterealiza-se e Fala em Cambridge House
VI. Fenómenos Notáveis à Luz, e a Eterealização do Sr. Stead
VII. Fotografias Psíquicas do Sr. Stead
VIII. O Sr. Stead Aparece em Rothesay
IX. O Sr. Stead Manifesta-se em Glasgow
X. O Sr. Stead Reaparece em Rothesay
XI. Irão os Acontecimentos Vindouros Lançar a Sua Sombra Diante de Si?

PREFÁCIO

O Sr. Coates pediu-me para escrever algumas palavras como Prefácio a este pequeno simpósio. Faço-o com imenso prazer, pois acredito firmemente que não faltarão muitos anos para que a verdade sobre a possibilidade do regresso dos chamados mortos seja um facto

estabelecido, e as pessoas olharão para trás, maravilhadas, para esta era de ceticismo, dúvida e descrença.

Esta obra é apenas o início; e traz consigo a garantia de um grande conforto para todos os que amam e anseiam falar com os seus entes queridos que partiram antes deles.

De toda aquela grande multidão do *"Titanic"*, o regresso do meu Pai é o mais evidente. Porquê? Porque ele abriu o caminho enquanto esteve aqui, e partiu preparado, com o pleno conhecimento de que poderia regressar e que, ao regressar, encontraria muitos prontos e desejosos de o acolher e de reconhecer a sua presença. É certo que muitos outros também tentaram, e alguns foram bem-sucedidos. Mas para a grande maioria daqueles que partiram naquela noite de abril, o caminho não estava aberto e não encontraram nenhum reconhecimento recíproco quando tentaram fazer notar a sua presença.

Que estas mensagens não tragam todas a marca do estilo do meu Pai é verdade, mas algumas trazem-na, e de forma acentuada. Quando se pensa na variedade de instrumentos utilizados, e na ignorância do meu Pai sobre como usá-los, e na necessidade de ele aprender, é de admirar que tenha conseguido tanto. Conforme escreveu numa mensagem inequívoca ao Círculo do Bureau a 2 de junho:

"Quando vejo agora por mim mesmo as dificuldades extraordinárias em fazer passar mensagens deste lado, não me maravilho de termos obtido tão pouco em todas as nossas buscas quando estava convosco, mas sim de termos obtido tanto quanto obtivemos. Pois sois vós, as vossas condições, que constituís a barreira. Ideias preconcebidas espetadas como cunhas nas nossas mentes, preconceitos e superstições, tudo, tudo isto deve ser martelado e desfeito antes que os dois mundos possam perceber que são um e o mesmo, e se possam combinar para expressar aquilo que, mais do que nunca, considero ser o propósito supremo de toda a existência: a realização do Divino no Humano pela união de todos os que amam no serviço de todos os que sofrem. Que este continue a ser o nosso lema e, com a ajuda de Deus, alcançaremos coisas grandiosas e provaremos, tanto à laboriosa Ciência, que questiona severamente em

busca de Conhecimento, como à humanidade dolorida, que apenas pede por amor, que NÃO HÁ MORTE."

Todos os que lerem as mensagens contidas neste simpósio, recebidas como foram em todas as partes do globo — tornando, portanto, qualquer ideia de conivência ridícula e impossível —, sentirão o mesmo apelo urgente ecoar como o toque de um clarim do início ao fim.

Pelo meu pai, agradeço a todos os que lhe permitiram transmitir estas mensagens, e especialmente ao Sr. Coates por todo o infinito trabalho e cuidado que teve ao recolhê-las e enviá-las para o mundo. Desejo também agradecer a todos os que se chegaram à frente para testemunhar a certeza do regresso do meu Pai, quando ver, ouvir e não dizer nada teria sido, em muitos casos, muito mais fácil.

ESTELLE W. STEAD.

8 de outubro de 1912.

INTRODUÇÃO

Nas páginas seguintes reuni algumas evidências de que foram enviadas mensagens por William T. Stead do outro lado. Ele enviou-as por todos os modos que lhe eram conhecidos na Terra, e foram aceites como verdadeiras e genuínas por aqueles que melhor o conheciam.

Embora não tenha nada a dizer diretamente sobre organizações, sociedades e modos de propaganda espiritualistas, desejo registar dois factos simples e a lição a retirar deles. Durante muitos anos, o Sr. Stead afastava-se todas as manhãs das atividades públicas e colocava a sua mão à disposição de Julia e de outros para a escrita automática. No decorrer desta experiência, ele encontrou prova atrás de prova de ação psíquica subconsciente, estimulada por Inteligências no Invisível, bem como por habitantes no corpo que, igualmente invisíveis e à parte, usavam a sua mão.

A partir deste desenvolvimento dos seus próprios poderes psíquicos, ele tornou-se um espiritualista convicto. Isto não foi, de

modo algum, tudo. Para além do desenvolvimento desta aptidão especial de poder psíquico, através da qual escrevia *"com mais sabedoria do que a que supunha ter"*, ele alcançou poderes extraordinários de perceção profética. Até jornalistas proeminentes, que condenavam o homem e o seu jornalismo franco e totalmente não convencional e talvez revolucionário, tiveram de admitir o seu dom profético extraordinariamente correto — ainda que misterioso.

Ele era um espiritualista não apenas devido à sua experiência pessoal privada e ao intercâmbio com Inteligências no Invisível, das quais Julia era, em muitos casos, o agente controlador no estado do Outro Mundo. Mas a sua perceção pessoal das relações com o Outro Mundo era potenciada pelo círculo privado que reunia semana após semana, muito antes e conduzindo à concretização do famoso *"Julia's Bureau"* — do qual ele era o chefe, se não a própria personificação. Ele reunia-se semanalmente com alguns psíquicos de confiança, através dos quais também obtinha evidências corroborantes da realidade do Regresso dos Espíritos. Nisto residiam, pelo menos, duas fontes das suas profundas convicções:

- (a) Aquelas baseadas no seu próprio desenvolvimento;
- (b) Aquelas que surgiam do conhecimento obtido no círculo privado.

Como resultado do seu conhecimento pessoal, secundado pelas experiências do círculo privado composto por pessoas testadas e de confiança, o Sr. Stead — num sacrifício pessoal sem precedentes na história do Espiritualismo — fundou e financiou do seu próprio bolso o extinto *Julia's Bureau* em 1909. Como a verdadeira história desse Bureau será ainda escrita por outras mãos mais competentes, ela não nos diz respeito aqui; mas o que nos diz respeito é o facto de o seu conhecimento ter sido adquirido pessoalmente, e a suprema importância do círculo privado.

A minha conclusão de tudo isto é: se não tivesse existido o *Julia's Bureau*, o resultado daquele círculo privado outrora realizado, o Sr. W. T. Stead não teria sido capaz de regressar de forma tão convincente para aqueles que verdadeiramente o conheciam; e se não

tivesse existido o Círculo de Rothesay, estas páginas nunca teriam sido escritas.

O Sr. Stead manifestou-se várias vezes em Glenbeg House desde a sua partida do corpo físico. Ele não tinha entes queridos aqui; ninguém em contacto familiar com ele em vida; nenhuns empregados pessoais, fiéis e devotados; por que razão, então, de todos os lugares, haveria ele de se manifestar em Rothesay e usar pessoas comparativamente obscuras para enviar a sua mensagem ao mundo?

Não sei, mas posso conjeturar e sugerir o seguinte:

O Sr. Stead sabia que eu estava em simpatia com o lado espiritualista do seu caráter variado e complexo; sabia também que a Sra. Coates era uma psíquica que ele próprio testara mais do que uma vez, e presumo também que sabia que, se ele exigisse que eu enviasse a sua mensagem ao mundo, isso seria feito. Nós agiríamos — uma vez convencidos de que a mensagem era dele — independentemente das consequências. Isto não foi tudo.

Assim como ele próprio fora convencido por experiência pessoal, nós também o fôramos. Assim como ele também fora confirmado na sua experiência pelo círculo privado, nós também o fôramos. A minha primeira experiência no Espiritualismo ocorreu há mais de quarenta anos e, durante dezassete anos, um círculo privado — não promíscuo — funcionou no nosso lar.

Até aqui, portanto, estávamos em simpatia. Aqui, tal como em Londres, havia instrumentos preparados, e o Sr. W. T. Stead usou não só a Sra. Coates, mas a mim próprio, para difundir aquela mensagem característica. É verdade que retive essa mensagem por alguns dias, até ser submetida ao Vereador John Duncan, de Edimburgo, e ao Sr. Reid, de Rothesay, para *"verificar a sua exatidão"* antes de ser enviada à Imprensa pelo primeiro. No intervalo entre a receção daquela mensagem a 26 de abril e a sua transmissão por todo o globo, notifiquei o Editor do *Light* da seguinte forma:

"Exmo. Senhor, — Foi-me solicitado pelo Sr. John Duncan, de Edimburgo, e pelos amigos e membros do Círculo de Rothesay, que declarasse que, numa sessão realizada na sexta-feira, 26 de abril, a Sra. Coates foi incorporada pelo Sr. W. T. Stead.

Soubemos pela mensagem transmitida que, se nenhum homem é indispensável, é indispensável que todos os homens sejam fiéis ao encargo que lhes foi confiado; não temendo a ninguém, dedicados a todos. Assim, a mensagem entregue foi, embora característica do homem, extremamente valiosa.

Conforme solicitado pelo Círculo realizado no domingo à noite, dia 28, venho comunicar que acreditamos que o Sr. Stead esteve connosco, e que declarou a sua intenção de comunicar novamente. A sua última mensagem — que passará para as eras vindouras através do 'Desastre do Titanic' — foi mais potente e marcante do que qualquer outra que ele pudesse ter entregue em Nova Iorque. Nunca a morte, a vida e a imortalidade foram de forma tão súbita, aterradora e poderosa impostas à atenção da humanidade como o foram pelo telégrafo sem fios durante aquela semana fatídica.

Nunca o 'Mais Perto de Ti, Meu Deus' foi tão expressivamente gravado na mente de milhões de desatentos. Nunca o Espiritualismo foi defendido de forma tão forçosa e verdadeira como pela transição daquela alma heroica, honesta e nobre, W. T. Stead, que não temia homem algum e nunca se poupou a si próprio." — Seu, etc.,

JAMES COATES.

Glenbeg House,

Rothesay, 29 de abril de 1912.

O que precede é apresentado como evidência de que a mensagem dada naquela data não foi uma reflexão posterior. Contudo, pouco suspeitava eu na altura de que essa mensagem seria tão total e surpreendentemente corroborada. Para aqueles que não conseguem ver a inspiração do Sr. Stead, seja nesta mensagem ou nas recebidas posteriormente, tenho pouco a dizer de natureza convincente.

Desejo, no entanto, enfatizar que Stead, como o conhecemos na Terra, de cérebro poderoso, intelecto dominador e génio insuperável, é uma pessoa totalmente diferente daquele reflexo dele visto nas comunicações imperfeitamente obtidas através de médiuns que lhe são inferiores em cérebro, força e espírito; não obstante, de diversas

maneiras, a sua marca está lá, e vemos linhas de pensamento semelhantes a correr através de todas elas.

Como a Srta. Harper, Secretária particular do Sr. Stead, numa comunicação recente afirmou verdadeiramente: *"Conheço tão bem a dificuldade de transmitir em linguagem externa as impressões e evidências vívidas, céleres e fulminantes da personalidade controladora (seja na fala, na escrita ou por impressão); mas a Sra. Coates deve sentir-se feliz por ter sido uma das primeiras escolhidas para dar as saudações dele ao mundo, que ele sabe tão bem estar à espera de toda e qualquer prova da sua existência contínua."*

Para o grosso da humanidade, W. T. Stead está morto. No entanto, *"ele seria a última pessoa a admitir que estava morto, e opor-se-ia"* — como disse o Rev. Herbert Stead na Reunião de Homenagem realizada no Queen's Hall a 26 de junho — *"a que se falasse dele como morto, pois ele não está morto, mas vivo, mais plenamente vivo do que nunca."* Uma afirmação que foi recebida com uma calorosa salva de palmas.

Naquela vasta plateia havia muitos que estavam não só convencidos, pela sua própria experiência, da verdade da afirmação do Sr. Herbert Stead, mas que estavam dispostos a testemunhar que ele se fizera notar a eles desde a sua transição. Destas testemunhas, a primeira e mais importante é a Srta. Estelle Stead. Apresento os depoimentos de algumas de entre muitas testemunhas cujo caráter, probidade e discernimento resistiriam ao exame mais minucioso num Tribunal de Justiça, e para o todo contribuo com a minha própria experiência pessoal.

Houve algum atraso na publicação desta pequena obra desde que a Srta. Stead escreveu o Prefácio. Isso deveu-se aos editores — onze em número — *"que, a uma só voz, pediram escusa."* O Sr. Stead declarou desde o início, por vias psíquicas, à Srta. Stead, a mim e a outros, que — não obstante estas recusas — a obra seria publicada. A sua promessa está agora cumprida, e ele encontrou os meios para o fazer. A Srta. Stead e eu estamos gratos a uma senhora na Austrália que, influenciada pelo Sr. Stead, me enviou um cheque — por intermédio da Sra. Bright, Editora do *The Harbinger of Light* — para

que os desejos dele fossem cumpridos. Os meus leitores serão deixados agora, após a leitura da evidência, para responder à pergunta:

"SUCEDEU O REGRESSO DE W. T. STEAD?"

Glenbeg House, Rothesay.

1 de julho de 1913. JAMES COATES

TEVE LUGAR O REGRESSO DE W. T. STEAD?

CAPÍTULO I.

O Sr. W. T. Stead manifesta-se em Rothesay.

As primeiras impressões e a mensagem recebida em Rothesay são as seguintes: — Na segunda-feira seguinte ao desastre do *"Titanic"*, a Sra. Coates deu por si ciente de uma impressão de que o Sr. Stead se havia afogado. Isto contou ela ao nosso filho James e a mim próprio à mesa do pequeno-almoço. Eu esperei que a impressão dela estivesse incorreta, e disse-lho — aguardando pacientemente pelas notícias que nunca chegaram. Na tarde de domingo, 21 de abril, ela sentiu a presença do Sr. Stead, mas, além disso, não houve outros indícios.

À noite, contudo, durante a sessão habitual, uma falecida filha do Sr. e da Sra. Duncan, de Edimburgo, comunicou que estavam presentes dois espíritos — um dos quais tivera uma morte súbita e violenta. Foi uma boa sessão, cujos detalhes não têm lugar aqui, mas um dos espíritos era ninguém menos que o Sr. Stead, desejoso de usar a mediunidade da Sra. Coates.

O que se seguiu na sessão seguinte foi, a pedido do Sr. Stead, enviado para a Imprensa, e é agora apresentado como uma parte da evidência a favor do regresso do Sr. Stead.

Para o final de uma sessão realizada a 26 de abril, em Glenbeg House, a Sra. Coates foi subitamente influenciada por um desconhecido. A médium estava evidentemente a lutar contra alguma força invisível, e depois pareceu desmaiar. Ao recuperar, levantou-se subitamente e agarrou numa senhora, empurrando-a pela sala, instando-a a *"entrar no barco"*. Mais uma ou duas pessoas foram

tratadas de forma semelhante, altura em que a médium colapsou novamente.

Naturalmente, as mentes de todos os presentes reverteram para o grande desastre recente, por entre icebergues, com o *"Titanic"*. O que tinha acontecido parecia indicar impressões retidas por alguém que partira. A médium, despertada, clamou novamente: —

"Ó Deus, tem piedade de nós!"

E depois, de forma mais submissa,

"Seja feita a Tua Vontade." Isto foi seguido pelo canto intenso de: —

"Mais perto de Ti, meu Deus, mais perto de Ti!

Ainda que seja uma cruz que me eleve;

Ainda assim, todo o meu canto será:

Mais perto de Ti, meu Deus, mais perto de Ti."

Por um breve momento, a médium pareceu ficar completamente quieta e, depois, com fervor triunfante, cantou: —

"Ou se, em asa alegre, fendendo o céu,

Sol, Lua e Estrelas esquecidos, para cima eu voar;

Ainda assim, todo o meu canto será:

Mais perto de Ti, meu Deus, mais perto de Ti."

Aqueles que estão familiarizados com a investigação de fenómenos psíquicos sabem que existem muitos modos pelos quais os falecidos se dão a conhecer. Até ali, não havia nada além do que poderia ser do conhecimento de todos os presentes, incluindo a médium. Estávamos ainda na ignorância quanto à inteligência que utilizava a médium, da qual a ação dramática precedente fora um preliminar.

A médium, mais calma e mais definitivamente sob influência, disse: "Meus queridos amigos, eu sei que já passei para o outro lado. O passado tem sido como um pesadelo, com um despertar súbito."

“Posso perguntar-lhe quem é, amigo?”, inquiriu John Duncan (Diretor da Mesa da Confraria dos Ofícios, Edimburgo), que estava presente vindo do Kyles Hydro. “Sou o Stead. Sei onde estou.” As seguintes são as declarações feitas, transcritas das minhas notas estenográficas: —

“Estive aqui antes, mas não consegui orientar-me para fazer o meu apelo de ajuda a todos os homens e mulheres tementes a Deus. Desejo interromper, pois a minha mensagem é urgente. Receio não me fazer suficientemente claro. Conhecendo os que aqui estão e o trabalho silenciosamente realizado, pensei que seria mais fácil interromper aqui do que noutro lugar.

Se pudésseis ver a miséria daqueles que se perderam, como eu os vi, os vossos corações sangrariam por eles. Chamados a separar-se de todas as suas esperanças acalentadas e da nova vida que muitos deles ansiavam começar, para mergulharem nos terrores do desconhecido — choraríeis com eles e oraríeis por eles. Que todos vós possais tirar desta triste catástrofe a lição que Deus pretende que tireis.

Não vos orgulheis das vossas riquezas e bens na terra, da homenagem dos homens ou do louvor dos reis, pois todas estas coisas são como escória quando comparadas com a consciência da proximidade de Deus; o Seu amor infinito e a certeza da vida imortal. Se ponderásseis sobre estas coisas, os vossos olhos abrir-se-iam para tomardes o caminho que deveis tomar. Com uma visão mais clara, procuraríeis o Mestre, Cristo, nosso Senhor, e aprenderíeis com Ele.

Muitos daqueles que passaram para a eternidade comigo não sabem onde estão. Foi um golpe avassalador e uma inversão terrível de todas as suas ideias e planos. Poucos foram os que alimentaram pensamentos sobre esta vida. Muitos estavam cheios de esperanças sobre o que o futuro imediato lhes reservava na terra; a vida era brilhante para muitos deles. Outros estavam a cumprir fielmente os seus deveres quando o chamamento chegou com uma rapidez trágica. Fiquei surpreso, estarrecido e, contudo, confiante. Quando o fim chegou, foi com uma dolorosa ausência de sofrimento, por misericórdia.

Pensai no destino daqueles que foram tão subitamente chamados a separar-se da família e dos amigos, das suas riquezas ou pequenos bens, de esperanças animadoras e de doces antecipações do que o novo mundo lhes reservava, enquanto lutavam até à inconsciência por baixo e sobre o mar enregelante. Tivessem eles ouvido a voz, 'Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus', teriam enfrentado o seu destino com um espírito mais calmo e uma fé mais profunda em Deus, que tudo faz bem. Pensai em tudo isto, e deixai que isso se grave em vós. Depois, com as almas despertadas, orai por eles.

Eles foram para a morte, e para a vida. Orai para que isso lhes seja revelado em maior abundância. Orai, também, para que a humanidade seja abençoada, e as vidas sacrificadas não tenham sido em vão.

Há um trabalho terrível a decorrer no vosso meio, e cabe a todos trabalhar — enquanto é dia — para salvar homens, mulheres e crianças sobrecarregados e indefesos que se afundam nos bairros de lata morais da vida, que o orgulho, a ignorância, a ganância, a luxúria e a indiferença tornaram possíveis. Na terra fiz o que pude. Sei que nenhum homem é indispensável, mas aprendi que é indispensável que cada homem seja fiel ao encargo que lhe foi confiado.

Um é chamado — a sua tarefa está cumprida —, mas o trabalho, que na melhor das hipóteses foi imperfeito, será continuado por centenas de trabalhadores voluntários. A missão de Cristo no mundo não é travada por perseguições, desastres ou pela queda dos fiéis. Se o meu trabalho na terra foi retirado, há trabalho aqui que sou capaz de fazer. Não imagineis por um momento que o meu trabalho está terminado.

Muitos dos que afundaram tornaram-se rapidamente conscientes da mudança e estão a trabalhar para ajudar outros que estão perdidos em confusão e trevas. É terrível testemunhar o triste estado destes. Orai por eles. Enviai a minha mensagem a todos os que me conheceram, para que orem por estas pobres almas. Ricos ou pobres na terra, o que importa; foram cortados de tudo o que consideravam ser a vida.

Orai para que possam ser libertados e iluminados. Orai para que possam ver a luz que o amor de Deus, e os espíritos dedicados que estão connosco, bem como as almas despertadas na terra, estão a fazer brilhar sobre estes seres errantes e angustiados, para que possam erguer-se e entrar na vida mais plena.

Estou livre, assim como muitos que estão comigo. Há um grande trabalho aqui. Ireis ajudar? Ireis enviar a mensagem e conseguir que outros ajudem? Muitos destes que sofrem estão mais perto de vós na terra do que estão dos espíritos brilhantes que se encontram acima deles. Vinde em pensamento e em oração para ajudar aqueles que foram subitamente arrancados de tudo o que consideravam querido. Muitos orarão com aqueles que choram na terra, que perderam — segundo pensam — os seus entes queridos. Muitos darão de bom grado da sua abundância para ajudar as suas necessidades, mas quão poucos considerarão necessário, útil e solidário orar por aqueles que foram assim subitamente mergulhados na eternidade? Peço as vossas orações.

Foi a meu pedido que a banda tocou *'Mais perto de Ti, meu Deus'*. Nunca foi tocado com um efeito mais emocionante; nunca as mensagens de vida, morte e imortalidade foram dadas ao mundo com tanto fervor.

Quando recobrei a consciência, vi aquela de cujo coração foram arrancadas, pela aflição, as palavras inspiradas deste hino. Ela estava rodeada por um brilhante grupo de espíritos ressuscitados, cantando o hino e iluminando o ambiente com o resplendor da sua presença. Vi espíritos ministradores, espíritos glorificados, a ajudar os mais fracos cujos corpos foram ao fundo com o navio ou pereceram nas águas enregelantes. Eles estavam a despertar aqueles, corajosos ou aterrorizados, que tinham enfrentado a realidade. Muitos perceberam logo que a grande mudança tinha chegado, mas a maioria é tão cega como os morcegos. Não conseguem ajudar-se a si próprios. Orai por eles.

Mensagens ser-me-ão enviadas para muitos na terra. O trabalho da minha vida na terra continua aqui. Se os meus métodos por vezes foram errados, os meus objetivos eram certos. Procurei trabalhar para

Deus, erguer os caídos e proteger os fracos. Melhor errar a tentar fazer o que está certo do que não tentar ou não liderar o caminho. Não me importava ponta com o homem; não temia o que ele me pudesse fazer ao transmitir as mensagens que a minha alma tinha o dever de transmitir. Procurei o bem de todos. Estou a trabalhar agora.

Mensagens serão enviadas mais tarde. Outros captarão as vibrações. O meu filho Willie está comigo, ajudando-me, fortalecendo-me e trabalhando para os outros. Escreve e envia esta mensagem para os quatro ventos, para que aqueles que a recebam orem por aqueles que foram tão subitamente cortados da terra, e trabalhem para fazer deste grande desastre uma bênção para todos."

Esta mensagem foi amplamente divulgada em pouco tempo pela Imprensa no Reino Unido, nos Estados Unidos, na Índia e na Australásia, e foi um sinal dos tempos que a maioria dos jornais que a reproduziram — no todo ou em parte — o fizessem sem comentários ou aspas. Alguns jornais ridicularizaram a mensagem e a sua fonte. Um pensou que o Sr. Stead, como jornalista, teria *"feito um grande furo de reportagem"* ao dar ao mundo um relato completo do que realmente aconteceu aos passageiros do *"Titanic"* e a si próprio. Outro considerou absurdo que o comunicador desse a entender que sugerira o toque de *"Mais perto de Ti, meu Deus"* ao maestro da banda. Outro jornal professou estar justamente indignado com o "tráfico de comunicações espirituais" e estava, como de costume, igualmente mal informado sobre como elas vinham e porquê.

Muitas pessoas boas, bem-intencionadas e cautelosas — e, na verdade, a própria prudência — sugeriram que a mensagem fosse confinada à Imprensa Espiritualista, mas isto não cumpriria o pedido. Não era esse o estilo do Sr. Stead; e embora a evidência não fosse, na minha mente, suficientemente forte na altura, cedi aos desejos combinados do comunicador, do Vereador John Duncan e de outros, consentindo na publicação.

Estou agora convencido de que a mensagem era do Sr. Stead.

Pouco depois do desastre do *"Titanic"*, a Sra. Coates teve uma impressão vinda do Sr. Stead — *"O meu corpo não será encontrado. Foi ao fundo com o navio."* Isto veio numa altura em que falsos

boatos e marconigramas voavam por todo o lado. Como medida de precaução, bem como para verificação futura, enquanto discutia a publicação da mensagem com o Sr. Harvey, editor do *Rothesay Chronicle*, expondo as minhas razões para a reter da Imprensa local, contei-lhe a ele e à Srta. Harvey o que precede.

O *"Titanic"* perdeu-se a 14 de abril de 1912. A impressão da Sra. Coates foi recebida no dia 19, e a precedente mensagem de Rothesay no dia 26, e antes de aparecer na Imprensa britânica, contei ao Sr. e à Srta. Harvey sobre o corpo do Sr. Stead. Até ao momento em que escrevo estas linhas, o seu corpo não foi recuperado. Chamaremos a isto corroboração ou uma "coincidência acidental"? Corroboração, certamente, com razões para conjeturar que a impressão sobre o corpo veio do Sr. Stead. Quer as mensagens de Stead para o mundo sejam aceites quer não, para mim, ao voltar o meu rosto para o sol poente da minha existência terrena, declaro solenemente a minha profunda convicção de que a mensagem precedente veio realmente do Sr. Stead. Estou ciente de que as minhas convicções não são evidências, mas diria que se as evidências destas mensagens não forem válidas, então o mundo nunca teve evidências da sobrevivência da personalidade humana.

DECLARAÇÃO DO REV. DR. CHARLES HALL COOK.

O Rev. Charles Hall Cook, Ph.D., B.D., da Diocese de Denver, Colorado, E.U.A., numa carta que me dirigiu, datada de 25 de maio de 1912, diz: "O seu pedido com a mensagem de W. T. Stead foi recebido há meia hora. ... O vosso trabalho é muito maior do que jamais podereis imaginar. A mensagem é notável, a ética e o estilo da mesma são exatamente como os de Stead. Pessoalmente, estou grato pela mensagem, pois posso apontá-la na plataforma como um ensinamento ético saudável."

A SEGUNDA MENSAGEM RECEBIDA

EM ROTHESAY DO SR. W. T. STEAD.

No final de uma sessão realizada a 3 de maio de 1912, recebemos outra mensagem de uma Inteligência que pretendia ser a do Sr. W. T. Stead. Não houve a agitação dramática ou a pressa que caracterizaram a comunicação anterior recebida dele a 26 de abril. Eu tinha acabado de manifestar a esperança de que, como o tempo estava a terminar, e a médium já tinha sido usada por tempo suficiente, ela pudesse ser libertada e a sessão encerrada, quando houve uma mudança marcante na atitude da médium (Sra. Coates) que, empertigando-se, disse: —

"Boa noite, boa noite, lamento não ter conseguido entrar antes. Compreendo que estas reuniões encerram a uma hora estipulada. Sou o Stead, William T. Stead. Quero falar-vos esta noite. A minha mensagem é urgente e, tal como a última que aqui dei, será corroborada. Desejo alistar os vossos serviços, com os de outros, como trabalhadores voluntários, ansiosos pela contenda. Sede destemidos. Não temais a ninguém, para que a verdade possa ser proclamada. Estou aqui. Vós conheceis-me. Voltarei, e o mundo saberá que não estou morto.

Peço a vossa ajuda, e a ajuda de todas as almas tementes a Deus e zelosas no trabalho de dar a conhecer os factos do Regresso dos Espíritos.

Peço novamente as vossas orações por aqueles que passaram para o outro lado, que estão em angústia e profunda miséria. Dedicai-lhes os vossos pensamentos e permiti que o vosso ser espiritual — o vosso eu astral — vá ao seu encontro onde eles se encontram. A amizade das vossas almas, com esse pensamento sincero e bondoso, que é a verdadeira oração, irá ajudá-los. É terrível contemplar o seu triste estado e o lento despertar para a mudança que ocorreu.

Fiquei feliz por poder prestar ajuda a muitos a bordo e, no breve tempo que me foi concedido, aconselhar e orar com aqueles que procurei. O trabalho em que estava empenhado em vida, e que era

para mim o mais importante de todos, e para o qual procurei ajudantes enquanto estava no corpo, é aquele em que continuo empenhado. Um homem que está convencido de que tem valor para Deus e para as suas criaturas semelhantes olhará para a vida de forma diferente daqueles que são oprimidos, não têm esperança e para quem a vida além-túmulo não tem interesse.

Há quem aqui esteja que ainda não despertou para o facto de ter valor. Estão inquietos, angustiados e sem esperança. Muitos estão a despertar rapidamente. À medida que a luz brota nas suas almas, os seus primeiros pensamentos vão para aqueles que deixaram na terra. Muitos destes regressarão, como eu fiz, para aqueles que deixaram atrás de si. Os seus pensamentos estarão com os outros.

Estava inteiramente convencido na terra e sabia que os 'Mortos Regressavam', e continuarei a ser capaz de convencer outros desse facto. Estou a abrir o caminho para outros e, ficai descansados, em breve serão dadas ao mundo provas surpreendentes do Regresso dos Espíritos.

Não falarei dos meus amigos no mundo dos espíritos; eles são muitos, e estou rodeado por eles.

Eu não conseguia conceber, nem mesmo vagamente, na terra, o que seriam as alegrias desta vida. A liberdade está além de qualquer expressão; é, na verdade, uma nova vida. Os vislumbres do que me rodeia que tenho conseguido obter são gloriosos além de qualquer expressão. Regozijai-vos comigo, embora eu não vos possa transmitir a plenitude da minha alegria.

Que mudança! Há pouco tempo estávamos no *"Titanic"*, desfrutando dos confortos e luxos providenciados. Tive muitas oportunidades para conversar e para me deter sobre o objetivo da minha missão. Notei que, tal como no mundo maior, havia um grande abismo fixado entre aqueles que possuíam riqueza, exigindo luxos, e para quem a poderosa embarcação fora projetada, e outros que ali tinham permissão para viajar e servir no mesmo mundo flutuante. Quando nas garras do *"Titanic"*, não havia abismo. Pensai nisso e deixai que isso se grave nas vossas almas. Uma lição terrível sobre a igualdade aos olhos de Deus.

Que não haja distinção nos vossos pensamentos para aqueles que estão comigo, a não ser a da necessidade. Há muitos que estão iluminados e que estavam preparados, e estão felizes e já a trabalhar, laborando pelo bem dos outros. É por aqueles que estão na penumbra que eu quero que oreis. Ajudai-os, e aqueles do nosso lado trabalharão arduamente e abrir-lhes-ão os olhos para a grande mudança — o seu nascimento para la vida espiritual.

A minha família sabe que estou com ela. Conheciam-me o suficiente para saber que a demora em dar-lhes a conhecer a minha presença não provém de falta de afeto, pois nós compreendemo-nos uns aos outros.

Eles já se aperceberam da minha presença, mas dentro de momentos a minha existência será demonstrada além de qualquer dúvida.

A minha família tem estado em simpatia comigo, e o trabalho em que eu estava empenhado será levado a cabo por eles como se eu fosse, como serei, o chefe orientador. Eles serão sustentados sabendo que estão a trabalhar para o bem da humanidade e a cumprir os desejos de alguém a quem honravam como um pai amoroso, um conselheiro e amigo.

Poderei voltar, mas serei capaz, através do *Julia's Bureau*, de dar mais provas do facto da Vida além-túmulo, e o trabalho ali inaugurado tornar-se-á mais marcante do que nunca. O trabalho ali tentado, e com algum sucesso, será grandemente aumentado e estendido. Continuai firmes. Confiai em Deus, que nunca falha, e fazei o que está certo, e as vossas reuniões provarão ser maiores bênçãos do que têm sido no passado. Uma bênção para todos. A força está a faltar. Boa noite."

Então a Sra. Coates voltou a si e declarou que tinha visto o Sr. Stead, descrevendo-o assim: — "Vejo-o perfeitamente. Está de pé à frente, a sorrir, como se estivesse contente por ser compreendido.

Parece mais alto e mais largo que o papá (o Sr. Coates), cabelo cinzento a atirar para o branco, ligeiramente ondulado e escovado para trás da testa de forma desalinhada; testa larga e alta; sobrancelhas ligeiramente farfalhudas, olhos azul-acinzentados brilhantes, tão penetrantes. Parecem-me mais azuis do que cinzentos; nariz

proeminente com uma ligeira curvatura, e barba e bigode brancos e fartos. A barba é farta e densa. Parece vestir um casaco de manhã cinzento-aço — creio eu —, mas poderá ser um fato de jaqueta. Não consigo distinguir, pois apenas vejo o busto completo, mas de alguém na posição de pé."

Esta descrição é confirmada por gravuras publicadas, mas se ele tinha olhos azul-acinzentados, mais azuis do que cinzentos, só poderia ser decidido por aqueles que conheciam intimamente o Sr. Stead.

CONFIRMAÇÃO DAS MENSAGENS PELA SRTA. HARPER, SECRETÁRIA PARTICULAR DO SR. STEAD.

Tendo tido ocasião de escrever à Srta. Harper a 11 de agosto, aproveitei a oportunidade para enviar um exemplar de julho do *Hindu Spiritual Magazine*, que por acaso continha a mensagem precedente. Na sua carta de 13 de agosto, datada de Cambridge House, Wimbledon, S.W., a Srta. Harper diz: —

"É muito interessante que se sinta impelido a concentrar-se no seu livro sobre as evidências do regresso do Sr. Stead. O Sr. Stead transmitiu-me uma mensagem nesse sentido há um ou dois dias e, além disso, acrescentou que ele próprio o iria impelir nesse sentido. Ele está muito ansioso para que o senhor foque a atenção do público nesse facto supremo. Ele usou inclusivamente a palavra concentrar, tal como o senhor fez. Direcionar a atenção do leitor para o funcionamento geral do Julia's Bureau talvez retirasse força ao grande anúncio

O SR. STEAD REGRESSOU!

Aqui estão as provas. O mundo pergunta: e agora? O que resultou de todo este questionamento ansioso — esta exploração do outro

mundo? Ele próprio partiu para lá. Irá ele voltar para nos dizer que ainda vive? E a resposta é: Ele regressou. Ele anseia por tornar isto conhecido.

Sim, os seus olhos eram de um azul-claro vivo — muito mais azuis do que cinzentos. Por vezes vi um clarão cinzento-aço, quando ele se concentrava profundamente nalgum problema mental ou político. Mas, em geral, eram de um azul bastante claro.

EDITH K. HARPER."

Para o leitor inteligente, não é necessário qualquer comentário sobre a confirmação precedente das mensagens e da visão clarividente. Desde que essa última mensagem foi transmitida, as evidências marcantes do regresso do Sr. Stead no seu lar encontram-se registadas mais adiante. A mensagem foi transmitida através da Sra. Coates a 3 de maio. O próprio Sr. Stead apareceu na sala do Julia's Bureau em Cambridge House, Wimbledon, dois dias mais tarde — a saber, 5 de maio — *vide* o testemunho do Vice-Almirante Moore. Poderá algum homem sensato supor que não existe uma inteligência de ligação e orientação entre a promessa feita na mensagem de 3 de maio e o cumprimento a 5 de maio, e subsequentemente?

DECLARAÇÃO DO VEREADOR JOHN DUNCAN

(Presidente da Mesa da Confraria dos Ofícios, Conselho Municipal de Edimburgo) e da SRA. DUNCAN, Dunearn House, Granton Road, Edimburgo.

Como o Sr. e a Sra. Duncan são membros respeitáveis da sociedade, estimados na comunidade em que vivem, e como estiveram presentes e foram testemunhas do discurso de transe acabado de apresentar, é apropriado que sejam os primeiros a contribuir para este simpósio.

"A sexta-feira à noite, 26 de abril, continuará a ser para sempre uma noite memorável para mim. A minha esposa, a minha filha, a Sra. S. e eu reunimo-nos, como de costume quando em Rothesay, para uma sessão na casa do Sr. e da Sra. Coates. Após termos tido algumas manifestações muito interessantes, a Sra. Coates pareceu estar a lutar contra alguma força invisível. Quando um pouco recuperada, levantou-se subitamente, agarrou na Sra. S., empurrou-a pela sala, fazendo-a parar no joelho da minha filha, instando-a a 'entrar no barco'.

Mais uma ou duas pessoas foram tratadas de forma semelhante, quando a médium pareceu ficar num estado de colapso. Acalmando-se, cantou de uma maneira emocionante duas estrofes do hino 'Mais perto de Ti, meu Deus'. Nenhum de nós presentes tinha qualquer conhecimento, na altura, de quem era a Inteligência que controlava a médium. Depois de terminar as duas estrofes, o controlo, dirigindo-se a nós de forma clara e vigorosa, disse: 'Meus queridos amigos, eu sei que já passei para o outro lado. O passado tem sido como um pesadelo com um despertar súbito.'

Eu, sentado perto da médium, disse: 'Posso perguntar quem é, amigo?' A resposta veio: 'Sou o Stead, sei onde estou; estive aqui antes.' Isto é inteiramente correto e confirma o que aconteceu na nossa sessão anterior (domingo, 21 de abril), quando a Sra. Coates foi controlada pela nossa filha Lizzie, que está na vida espiritual há mais de trinta anos. Depois de conversar durante algum tempo sobre vários assuntos, ela disse que teria de ir, pois estavam dois a tentar arduamente entrar.

Um deles tinha partido de maneira súbita e trágica; o outro ela estava a ajudar, e este acabou por ser um sobrinho que tinha passado para o outro lado escassos meses antes, e falou connosco naquela noite por um curto período de tempo. O Sr. Stead disse que 'desejava interromper, pois a sua mensagem era urgente'. Não preciso de repetir essa mensagem — a qual comuniquei ao *Edinburgh Evening Dispatch* e a outros jornais.

Na sexta-feira à noite seguinte, 3 de maio, o círculo reuniu-se novamente, sendo a minha esposa e eu os únicos presentes que não

eram propriamente membros. Estava perto do fim, e depois de o Sr. Coates ter sugerido que a sessão deveria ser encerrada, a médium, empertigando-se, disse: —

‘Boa noite, boa noite, lamento, mas não consegui orientar-me antes; sou o Stead, Wm. T. Stead.’

Este discurso, que foi corretamente relatado, deixou uma profunda impressão. A Sra. Coates disse que tinha visto o Sr. Stead e descreveu-o com precisão, tal como eu o vejo em fotos e gravuras.

(Assinado) JOHN DUNCAN.

MARGARET DUNCAN.”

CAPÍTULO II.

Mensagens de Transe e de Escrita Automática.

DECLARAÇÃO DO SR. H. BLACKWELL.

O autor desta contribuição conheceu o Sr. Stead durante os últimos dez anos da sua vida aqui, e esteve presente no Julia's Bureau quando o Sr. Stead era o seu diretor visível. Ele diz: —

“No domingo seguinte ao fatídico domingo, o autor assistiu a uma reunião no norte de Londres. Foi apresentada uma visão de uma grande multidão de pessoas que tinham perdido a vida no ‘Titanic’. Estavam a ouvir atentamente o Sr. Stead. Mais tarde, ele controlou a sensitiva e transmitiu a seguinte mensagem, concluindo com uma saudação pessoal e um aperto de mão a um amigo que estava presente: ‘Não estou debaixo das ondas. Estou aqui; e estou jubilante por ter encontrado tantos dos velhos amigos e pioneiros. Embora tivesse sido conscientemente avisado, sei agora que estava a bordo para um propósito especial, e cumpri a minha missão.

Tivemos grande dificuldade em fazer as pessoas compreenderem que tinham passado para o mundo seguinte.’ A mão e o antebraço da médium ficaram completamente entorpecidos e inúteis por mais de uma hora depois, pois ela evidentemente assimilou a última condição do Sr. Stead antes de ele passar para fora do corpo.

Três dias mais tarde — isto é, 24 de abril —, numa sessão privada noutra parte de Londres, o Sr. Stead foi novamente visto, e por dois clarividentes — a Sra. Harper e o Sr. Robert King. Por esta altura ele já tinha ganho mais força e, encontrando-se com amigos pessoais, transmitiu a seguinte mensagem extremamente interessante, que registei, palavra por palavra, na altura: — 'O meu amor para todos vós (três vezes). Estou tão feliz por estar convosco. Estou completamente livre; mas não choreis, pois estou tão perto de vós que isso me magoa. Graças a Deus já tudo passou. Não sofri. Senti-me mais entusiasmado do que nunca na minha vida. Senti o próprio impulso espiritual. Não senti a saída do meu corpo. Como é fácil! Lembro-me de cair, e estive apenas ligeiramente consciente de estar na água.

Após escassos segundos de uma sensação de entorpecimento, fiquei livre, mas rodeado por condições que testariam o coração do homem mais forte que alguma vez viveu. A ecoar nos meus ouvidos estava o refrão, "Mais perto de Ti, meu Deus". Sim, fui eu que sugeri que fosse tocado. Ai das pobres almas que nada sabiam sobre isso! Voltei instantaneamente a minha atenção para ajudá-las. Havia tanto para fazer e, como eu esperava, a minha vida aqui será de atividade. Quero agradecer-vos a todos pela grande ajuda que prestaram enquanto fora do corpo. ... Não posso dizer mais, exceto que desejo ser fotografado, Sr. Blackwell, assim que for possível.'

Veio então o Sr. Brailey, um daquele grupo devoto que se imortalizou nos anais da música ao continuar a tocar até ao mergulho final. A mensagem foi a seguinte: —

'Sou o Brailey. Estou tão feliz por estar convosco. Agradeço a Deus por saber algo sobre isto. [Ele é o único filho do Sr. Ronald Brailey, o conhecido médium.] O querido Sr. Stead falava frequentemente sobre o assunto a bordo a várias pessoas. Algumas das senhoras pareciam ficar um tanto horrorizadas com a forma natural com que ele falava das pessoas do mundo dos espíritos. Ele ia para a cama muito tarde. Foi por sugestão dele que tocámos "Mais perto de Ti, meu Deus" escassos momentos antes de o navio ir ao fundo. Não sofremos — apenas frio por uns momentos. O meu pai não queria que

eu fosse nesta viagem, mas pensei que seria uma coisa boa. Tenho de ir agora. Deus vos abençoe. Por favor, deem novidades ao meu pai.'

O Capitão Smith disse então algumas palavras, expressando a sua gratidão ao Sr. Stead, que foi o primeiro a ir ter com ele do outro lado. Subsequentemente recebi a seguinte nota: — 'O Sr. Stead deu-me várias mensagens desde então e transfigurou uma médium. Ele está muito ansioso com a paz na Europa, e estas mensagens — a pedido dele — foram enviadas a um amigo seu para que delas fizesse uso. Com bons votos, etc.'"

A única observação que me proponho fazer sobre o que ocorreu a 24 de abril é apontar a semelhança das declarações dadas por pessoas tão distantes, sugerindo que era a mesma Inteligência a manifestar-se por modos diferentes. Nenhum dos psíquicos referidos poderia saber do discurso da sessão transmitido através da Sra. Coates a 26 de abril, nem nós poderíamos saber das experiências do Sr. Blackwell, dado que ele não nos tinha escrito.

DECLARAÇÃO DA SRA. FRITH DE STONE.

A Sra. Frith é bem conhecida nos círculos de Pesquisa Psíquica como "uma dos 7" na curiosa correspondência cruzada que, há cinco anos, gerou algum alvoroço. Desde essa altura ela teve poucas comunicações até ao domingo, 23 de abril de 1912, quando recebeu um chamamento que pretendia vir do Sr. W. T. Stead. Ela não conhecia o Sr. Stead em vida. Após a oração dessa manhã, sentou-se e recebeu a seguinte escrita automática, que reproduzo a partir de uma cópia. Mais adiante apresento as minhas razões para a reproduzir textualmente.

UMA MENSAGEM DE W. T. STEAD.

"Senti-me impelida a pegar no meu lápis e a sentar-me para a escrita automática, algo que não experienciava há alguns meses, e recebi la seguinte mensagem: —

(Uns quantos traços incertos e depois)

'Stead.'

"Semper eadem. É verdade que Stead está aqui desejando comunicar convosco."

(Continua a escrita):

'É tão difícil compreendê-lo a partir do lado inverso. Oh, agora percebo. Obrigado por compreenderdes — o Marconigrama humano — estranho, estranho, estranho. O vosso guia e amigo está aqui a guiar-me à vossa presença. Terei muito para vos comunicar. Deveis manter-vos de prontidão. É mais do que um pedido, é uma ordem de almas que exigem socorro e assistência. Provavelmente não vos será pedido que publiqueis as minhas palavras. Encontrarei outros para isso, mas exijo a vossa ajuda, a vossa fluência.'

Pergunto: falou comigo no domingo?

(Escrita.) 'Sim, o meu amigo conduziu-me até vós e, vendo a luz, falei e pedi orações — mais especialmente por aqueles que estão nas trevas e na miséria, cegos e presos à terra. ... Orar sistematicamente por eles e consegui as orações que puderdes de outros corações amorosos e bons. Tendes estado connosco desde há uns dias a ajudar-nos; não cesseis os vossos esforços.

Uma carta para o *Light* seria bom. Transmiti as minhas palavras. Por que duvida-is? Cercastes-vos de uma forte muralha contra simulações. Eu desejo:

Que todos os médiuns psíquicos formem um grupo para ajudar esta comitiva de almas que caíram vivas no abismo. Muitas estão prontas e regozijam-se com a mudança, e seguiram em frente, mas muitas estão, por assim dizer, a afundar-se, a sofrer e a sufocar nestes ambientes invulgares. A atmosfera é turva e terrível ao redor delas. Há multidões de ajudantes a tentar alcançar a sua consciência deste lado, mas eles são tão vincada e recentemente habitantes da terra que mais ajuda pode vir para eles de outros habitantes da terra caridosos e voluntários do que deste lado, por enquanto.

Exijo de vós que esta necessidade seja tornada pública imediatamente. Se ao menos pudésseis ver — Oh meus amigos, se ao menos pudésseis ouvir, apressar-vos-íeis com a vossa caridade para

com as almas dos que partiram de forma tão célere e zelosa como vos estais a apressar para a necessidade terrestre dos seus sobreviventes.

Sim, enviai as minhas palavras para o *Light*, ou enviai as vossas próprias palavras, não me importa como. Sou W. T. Stead.

Enviarei, assinarei e selarei por outra mão. Uma geração incrédula e perversa busca um sinal.

O sinal do Profeta Jonas é suficiente para nós, sepultados nas profundezas do abismo, o abismo espiritual.

Estou tão ansiosamente empenhado em tentar aliviar a dor no meio destas almas que mal tenho tempo para acolher os meus próprios entes queridos aqui ao meu lado. Pressionei-os para o serviço, como agora pressiono a vós e a todas as almas caridosas e crentes.'

Pergunto o que é concretamente necessário.

(Escrita). 'Ter orações elevadas incessantemente por paz e iluminação, por orientação e desenvolvimento, por ajuda e conforto para as almas escuras e turvas na imensidão.

Aos de vós que forem capazes disso, imploro que envieis os vossos eus astrais para o nosso meio, para explicar e instruir, para liderar e guiar, para ensinar os princípios da vida futura. Missionários. É disso que precisamos aqui. Missionários. Projetai as vossas almas através do espaço e encontrai-nos a todos. Haverá um grupo organizado, e a cada ajudante será atribuído o seu lugar e trabalho imediatamente. O Ego terrestre consciente pode nem sequer saber que o seu Ego espiritual está assim empregado, mas enviai para nós e ajudai-nos.

Não tentarei a transmissão de nomes para vós. Apenas envio a mensagem.

Pegai nela. Enviai-a. Espalhai-a aos quatro ventos em nome de Deus, em nome de Cristo, em nome de tudo o que considerais santo, justo e bom.

E agora, por momento, deixo-vos e regresso ao meu trabalho. A todos os meus queridos amigos na terra saúdo com tão afetuosas saudações quais eles reconhecerão.

Adeus,

W. T. STEAD.' "

A precedente mensagem foi recebida por esta autora de escrita automática a 23 de abril, e foi possivelmente a primeira do género recebida em Inglaterra. A autora, Sra. Frith, não podia saber do discurso da sessão proferido em Rothesay, nem era possível que a Sra. Coates soubesse desta escrita. O que pensar, então, da concordância entre as duas mensagens?

Sem apresentar outras cartas, extraio o seguinte: —

O Vereador Walter Appleyard, Juiz de Paz, Sheffield, comentando a mensagem de Rothesay de 26 de abril, diz: — "Querido Sr. Coates, — Não tive tempo para lhe escrever detalhadamente em resposta à sua estimável missiva que incluía a notável mensagem do amigo Stead.

"Fiquei muito impressionado com a mensagem, por ser tão característica do homem; em tão perfeita harmonia com a que constava no *Light*, através de 'uma dos 7'. É muito estranho, mas escassas horas antes de ela chegar às minhas mãos, recebi uma carta do Almirante Moore, na qual ele afirmava categoricamente que tinham tido três conversas claras com o Sr. Stead, através da mediunidade da Sra. Wriedt. Ela chegou a Wimbledon no domingo à noite, pelo que não perderam muito tempo."

Comentários são quase desnecessários. A mensagem automática, datada de 23 de abril; o 1.º discurso de transe de Rothesay, a 26 de abril; a 2.ª mensagem de Rothesay, a 3 de maio. O Sr. Stead fala no seu próprio lar a 5 de maio. Quem ousará dizer que as tão ridicularizadas mensagens de Rothesay do Sr. W. T. Stead não foram corroboradas?

O TESTEMUNHO DE LADY ARCHIBALD CAMPBELL.

A parte que sublinhei no testemunho seguinte é tão intrinsecamente verdadeira, que só poderia vir do Sr. Stead. Abordo

isto no Capítulo XI, “Irão os Acontecimentos Vindouros Lançar a Sua Sombra Diante de Si”. E, mais uma vez, Lady Campbell soubera por meios psíquicos da transição do Sr. Stead antes de a mesma ser confirmada pelas agências de imprensa.

A mensagem partilha do estilo da autora, e não do Sr. Stead, mas isso não retira — em minha opinião — a sua autenticidade nem o modo da sua receção, ou seja, a clariaudiência. Da comunicação extraio as seguintes passagens. Lady Campbell diz: —

“Após a saída dramática do Sr. Stead, era de esperar que ele afirmasse a sua personalidade a partir do limiar do mundo cósmico. Que tenha aparecido visivelmente a alguns dos seus amigos e falado com eles, comunicando também através de escrita automática e telepatia, é certo.”

A autora procede detalhando a sua experiência real em clariaudiência e a dificuldade de estabelecer a identidade para os outros, mas, como recetora, diz: — “Nós, que recebemos, temos de julgar pelo tom, inflexão e tique de linguagem; também por observações confidenciais que nem sempre nos é permitido publicar.

CONDIÇÕES VÍVIDAS MAIS FORTES DO QUE A VISÃO.

Às primeiras notícias que tinham chegado por 'sem-fios' da catástrofe, sem detalhes quanto a perdidos ou salvos, todos nós que acreditamos na telefonia sem fios da alma pusemos a nossa fé à prova. O meu pedido foi respondido — 'W. T. Stead afogado'. Quase instantaneamente fui transferida para as seguintes condições vívidas. Eram mais fortes do que a visão. Encontrei-me na cabine de um navio subitamente sob a influência de alguma grande calamidade iminente. Uma porta abriu-se. Vi distintamente a figura de uma mulher demasiado etérea para ser uma desta terra. Senti-me impelida a perguntar-lhe: 'Há perigo?'

Ela respondeu com muita seriedade: 'Sim, muito — muito — grande — perigo.' Senti um solavanco, a cabine inclinou-se, a mulher cinzenta fez um sinal; mecanicamente segui-a — como, não sei. Encontrei-me no convés superior e, noutro instante, com um choque súbito, uma gigantesca parede negra ergueu-se alto no ar. Parecia côncava, cavernosa; a extremidade dela, contra o céu ou o oceano, não

sei dizer qual, parecia arqueada e rodeada por uma estranha auréola de luz. Não soube de mais nada. Adormeci."

A senhora que Lady Campbell viu na cabine era, segundo ela acreditava, Julia, e as várias frases obtidas clariaudientemente foram por ela anotadas pela sua ordem, começando a escrever conforme ditado a 17 de abril de 1912. Muito do que foi recebido, por mais excelente que seja, não precisa de ser reproduzido aqui, mas o seguinte é altamente digno de nota: —

"Não venho discursar sobre o que aconteceu e que não pode ser desfeito, mas sim dar luz aos fortes. Em parte para implorar aos que ficaram na terra que subscrevam orações e mensagens de amor para aqueles que afundaram sob as ondas. Em parte para fazer um trabalho de mensageiro.

Estou cansado, como que com a pressão de todos os confins da terra sobre mim. À Inglaterra eu diria: tenho razões para acreditar que vós e as outras nações sois uma só. Que vós, na Inglaterra, vos esquivastes de mim, estou ciente. Outras nações tinham começado a duvidar de mim, e não havia mão para ajudar os meus passos errantes. Não sabeis o que é sentir, por onde quer que se vá, o desastre a seguir-nos. O farol apagado, as vigias fechadas. Mas havia o vapor das inteligências impulsionadoras sempre sobre as plateias. Deveríamos estar sempre a orar às esferas espirituais para nos ajudarem.

Depois de seguir a mão do Destino, o que vos dei não foi senão o melhor relatório que pude fazer perante as circunstâncias. Cada passo no Cosmos apresenta à nossa vista uma perspetiva mais ampla do que alguma vez tínhamos delineado diante de nós no passado. ... Reconhecemos que o mundo está invertido e a arte mudou. A Ciência é o grande elemento móvel. Posso não estar aqui por muito tempo, mas empregarei a minha vigilância enquanto for diplomático para mim estar sobre esta terra. Tenho muito que fazer, muitos andam de um lado para o outro como rapazes da escola por mim, e vós direis agora 'Parece-me que ele protesta' por demasiado tempo.

Minha senhora, tudo isto, eu e mais ninguém, vos transmiti. 'Stead' "

MENSAGEM RECEBIDA

através de escrita automática por Madame LILY LAESSOE, New Oestergade, 7111, Copenhaga, Dinamarca, 14 de junho de 1912.

As circunstâncias que provaram a autenticidade desta mensagem para a sua recetora estão detalhadamente expostas no *Light*, 29 de junho de 1912: —

"23 de maio. — Tenho estado demasiado ocupada desde que cheguei aqui para vir ter convosco mais cedo, mas não posso esperar mais. Tenho de falar convosco, ainda que tantos, que estão mais necessitados, estejam a reclamar os meus serviços. Estou muito mais perto de vós agora do que alguma vez estive, não o sentis? A minha única grande mágoa quando fui chamado foi por aqueles que deixei para trás, os quais tive de deixar, a maioria deles, sem ser capaz sequer de os fazer sentir a minha presença em espírito. É verdade que as centenas em agonia ao meu redor reclamaram a minha ajuda e presença quase até ao fim; mas os últimos, os mesmíssimos últimos momentos foram dedicados aos meus entes queridos na Inglaterra e em todo o mundo. ... É maravilhoso o que se pode viver no espaço de escassos minutos.

Durante os últimos minutos, ou talvez segundos, da atividade do cérebro físico, o tempo, tal como o entendeis e como eu costumava entendê-lo, já não conta. É um pouco difícil de explicar, porque existem tantas leis e possibilidades que ainda são desconhecidas do vosso lado, mas ao tentar explicá-lo posso usar este símile: Suponde que existiam alguns seres que, no espaço, conheciam apenas o comprimento, não a profundidade. Eles seriam capazes de trabalhar apenas num espaço plano, enquanto todas as possibilidades de um espaço tridimensional seriam desconhecidas e praticamente inexistentes para eles.

Mas o tempo, tal como o espaço, tem várias dimensões, embora isto seja conhecido e experienciado por muito poucos no plano físico, exceto em sonhos e na fronteira entre o que se chama vida e morte. Isto explica as extraordinárias experiências relatadas por aqueles que, por exemplo, foram chamados de volta do afogamento, ou que viram toda a sua vida, com todos os seus detalhes, passar diante de si em escassos segundos; também explica como nos sonhos vos pode

parecer que viveis a história de uma vida na fração de minuto que decorre desde o momento em que começais a ser despertados para a consciência de vigília até estardes efetivamente acordados. Em ambos os casos, viveis em profundidade e não em comprimento.

Tive de explicar tudo isto para vos fazer compreender que, durante os mesmíssimos últimos momentos em que estive fisicamente sozinho, tive tempo para estar com todos os meus entes queridos em espírito e, com cada um deles, reviver as nossas mais belas experiências juntos. Dizei-lhes isso, a cada um daqueles queridos entes amados que choram o passado, que ficaram estarrecidos com a súbita rutura dos nossos laços terrenos.

Ah, dizei-lhes para não chorarem por mim, pois nem por um segundo estive sozinho ou com medo; o amor deles estava comigo, e o amor e a presença de todos aqueles que esperavam do outro lado. A única coisa terrível era o medo e a agonia daquelas pobres, pobres pessoas ao meu redor. Fiz o meu melhor para as ajudar, mas no mesmíssimo fim estava sozinho. Não as vi nem as ouvi depois de irmos ao fundo — na verdade, não tenho uma ideia clara do que aconteceu depois disso.

Penso que a minha cabeça foi atingida por algo, e que perdi a consciência exteriormente; mas interiormente estava bem acordado, e foram esses últimos momentos que passei com os meus entes queridos. Sei que gostaríeis de saber sobre as últimas horas, e tudo o que aconteceu depois de o 'Titanic' ter sido atingido. É uma coisa curiosa que deste lado seja quase impossível lembrar claramente — foi-me dito 'até que tenha passado muito tempo' — as coisas como nos pareciam enquanto no lado físico; mas a minha memória, a que costumavam chamar maravilhosa, dá-me alguma luz, onde uma grande quantidade de outros esqueceu limpadamente tudo, e estou encantado por ser assim porque" [Aqui estava tão cansada que o lápis me caiu da mão e adormeci. — L. L.]

"14 de junho. — Oxalá pudesse terminar isto, mas estais demasiado tired — o vosso cérebro está numa névoa; por que não tentastes antes? Ah! como a terra e as suas ações prendem mesmo

aqueles que deveriam ser incansáveis na sua busca pela verdade espiritual. Boa noite; não falheis em enviar isto para o *Light* amanhã."

UMA CONVERSA INESPERADA COM O SR. STEAD.

Como vimos que o Sr. Stead tem sido capaz de se manifestar por Transe e Automatismo Motor, pensei que seria de interesse apresentar um caso através daquele humilde — e utilíssimo — modo de movimentos de mesa.

O Sr. James Lawrence é bem conhecido na Costa Leste como um escritor de pena fácil, e como autor de *"Tyneside Tales"*, *"Highland Lyrics"*, *"Even a little Child"*, e pelas suas contribuições para a imprensa.

"Querido Sr. Coates: — A sessão realizou-se com boa luz. Se alguma vez vi uma forma, vi-o a ele, mas por que razão haveria ele de vir a mim ou aos meus, não faço qualquer pretensão de determinar. A minha esposa é, há cerca de dez anos, uma médium de mesa bem-sucedida. A minha filha Elizabeth é também uma boa médium. Eu não tenho quaisquer dons psíquicos.

O Sr. Stead vir ter com velhos amigos como o Sr. James Robertson ou convosco próprios era de esperar, mas comunicar comigo, de quem com toda a probabilidade nunca ouviu falar, é surpreendente. Da autenticidade das mensagens como mensagens não tenho dúvidas; as médiuns através das quais elas vieram estão acima de qualquer suspeita. Na quinta-feira à noite, 9 de maio, por volta das 21h15, fui profundamente impelido a realizar uma sessão para mensagens de mesa.

Agindo sob a impressão, pedi à minha esposa e à minha filha que viessem ao meu quarto, onde nos sentámos em redor de uma mesa com cerca de 24 polegadas de diâmetro. Daí a pouco ela moveu-se, e várias comunicações sem importância foram soletradas por um amigo com quem estamos familiarizados. Gradualmente, uma espécie de sensação estranha instalou-se no trio paciente e, pessoalmente, estava preparado para quase tudo.

Mesmo por volta das 21h40, vi distintamente uma figura passar por trás da minha esposa, a qual reconheci pelas fotografias como sendo a do Sr. Stead. Tinha as mãos atrás das costas, cabeça erguida e olhos que olhavam umas vezes em frente e outras nos meus. Estupefacto, embora perfeitamente seguro da identidade apresentada à minha visão, perguntei se ele comunicaria através da mesa, ao que ele respondeu afirmativamente.

Note-se que não me referi a ele pelo nome nesta fase, simplesmente como um 'amigo', e também que não tenho qualquer força na mesa, de modo que as minhas mãos direcionadas, como alguns poderiam sugerir, pelo meu eu subconsciente, nada tiveram a ver com os seus movimentos. Passo agora a registar os resultados praticamente como eles surgiram: —

Diz-me o teu nome? — Sim, Stead.

(As pancadas foram muito fortes e deliberadas, e surpreenderam a minha esposa.) Diz-me o nome de uma das tuas publicações mais famosas? — Borderland. (De forma muito distinta.)

Diz-me o nome do espírito que te transmitiu muitas comunicações valiosas? — Julia.

(Isto foi dado com pancadas suaves, como se o nome fosse precioso de pronunciar.) Tens alguma coisa para me dizer? — Sim, Stead ainda vive.

O que queres dizer com isso? — Stead vive como vós o conheceis.

Até aqui, poderia estar na margem da probabilidade que tanto a minha esposa como a minha filha soubessem tudo o que precede, consequentemente mudei o meu modo de questionar, mas os resultados foram os mesmos.

Estiveste neste quarto mais cedo esta noite? — Sim.

Viste alguém? — Sim, a ti sozinho.

O que estava eu a fazer? — A ler parte do tempo.

Diz-me algo do que eu estava a ler? — Sobre mim mesmo.

Quem o escreveu? — Eu mesmo.

Mas tu não o podias fazer, estando tu morto? — Fi-lo.

Como? — Através de uma mão.

De quem? — J. R. (James Robertson.) À medida que chegávamos aqui, as pancadas soaram menos decisivas e os movimentos tornaram-se mais lentos, pelo que perguntei: Tens alguma mensagem para dar, que eu possa enviar a alguém como uma prova adicional da tua identidade? — Sim, William Gon. Desejas que eu escreva a uma pessoa chamada William Gon? — Não, William is gone. Ah, estou a ver, vieste com o Sr. Stead e tomaste o seu lugar. É assim? — Sim.

Conhecias o bem em vida? — Sim.

Quem és? — Sou Emma Hardinge Britten.

Não consigo determinar este ponto, quanto a saber se estas duas almas dotadas se conheciam tão intimamente que justificasse o uso do nome próprio de uma pela outra. Seria interessante saber.

Tens alguma coisa para me dizer, agora que estás aqui? — Sim, estás a perder a tua alma, e vim avisar-te.

O que se seguiu não diz respeito ao público, mas foi para mim extremamente interessante, pois a inteligência comunicante — se não era a Sra. Britten — era certamente alguém que conhecia tanto a si própria, à sua família, como a mim. Talvez, se eu não tivesse sido tão insistente com as minhas perguntas sobre a identidade, tivéssemos recebido algum testemunho valioso das faculdades persistentes do nosso visitante, mas continuo cético quando em contacto com estranhos, e gosto de ter um terreno razoável para pisar antes de apor o meu selo de aceitação."

Para além de dar um exemplo dos modos de comunicação por pancadas e movimentos de mesa, desejo notar a possibilidade de que o Sr. Stead teria assim comunicado com o Sr. Lawrence. Pela lei psíquica, o Sr. Stead teria sido atraído por aqueles que — em igualdade de circunstâncias — tivessem a coragem de dar publicidade às suas mensagens, e que ao mesmo tempo não pudessem ser acusados de o fazer, quer por notoriedade quer por ganho financeiro.

CAPÍTULO III

Mensagens Inspiracionais e de Escrita Automática

DECLARAÇÃO DO SR. JAMES ROBERTSON

A evidência deste cavalheiro, tal como a minha, será possivelmente considerada suspeita, pois com a pena e com a voz ele tem, há quase quarenta anos, defendido o Espiritualismo, o qual sabe, por experiência pessoal e investigação cuidadosa, ser verdadeiro, e felizmente tem a coragem de o dizer. Embora seja um dos Diretores Gerentes de uma casa comercial em Glasgow, nunca permitiu que considerações comerciais interferissem com as suas convicções de que os mortos regressam.

O Sr. Robertson desenvolveu, nas suas horas passivas, o dom da escrita inspiracional, e envia-me três mensagens do Sr. W. T. Stead. Duas estão no belo estilo dessa personalidade leonina e a última — que omito, estava num tom de raciocínio mais calmo dirigida aos Espiritualistas.

As primeiras mensagens escritas surgiram a 27 e 29 de abril, e a 2 de maio foi redigido o seguinte: —

"O meu colapso físico eu há muito esperava que tivesse algo de trágico associado a si, mas nunca por ser engolido pelas águas. Perguntas: tinha medo de encarar a morte? Bem, sim e não. Um tremor que poderia ser chamado de medo passou por mim quando havia alguma esperança de resgate, mas no momento em que soube que não havia esperança de fuga, fiquei cheio de uma coragem que me foi verdadeiramente concedida. Senti que, afinal de contas, ia enfrentar a forma mais fácil de morrer, e assim se provou ser; um pouco de um calafrio com a água fria, uma dificuldade em respirar por um instante, e depois a súbita libertação chegou. Estava rodeado por uma multidão de corações amorosos, alguns dos quais eu considerara meus inimigos quando na terra, e estes esperaram até que eu tivesse realmente nascido.

Não encontrei nenhum daqueles que estavam comigo que tivesse tido a mesma rápida libertação das velhas vestes. Embora escrevesse

muito sobre todos os temas, este grande facto da relação consciente do homem com o Mundo Espiritual estava por trás de todo o meu pensamento. Confinei-me, confesso-o agora, a um canto do Mundo Espiritual e pensei que aqueles que me estavam associados e de quem eu desejava ser ajudante não viam com um olhar mais amplo; e assim fui arrastado a trabalhar num domínio que era tanto mecânico como espiritual.

Com faculdades psíquicas eu próprio, descurava continuamente o facto de que, não tendo estas crescido noutros, eles eram menos capazes de absorver verdades ou de ver coisas que para mim eram evidentes. Bem, melhor errar e estar em ação do que esperar até que tudo esteja perfeito na tua mente, e depois descobrir que é demasiado tarde. Nós, sábios e ignorantes por igual, cavámos pelo menos algum solo onde uma fundação está a ser lançada. Se tivesse esperado até ter estudado tudo o que fora escrito sobre o assunto, nada teria feito.

Quer para o bem quer para o mal, o que fiz na causa foi, pelo menos, o resultado da sinceridade. Conheço melhor do que os meus críticos os pontos em que errei. Somos todos mais sábios após o acontecimento. Certo estou disto: de que não podemos forçar fenómenos nem trazer convicção a menos que estejam presentes o espírito de recetividade e certas condições áuricas. Anseio por mais fenómenos — não menos. Anseio pela multiplicação de D. D. Home, Stainton Moses e de escritores como os da América, que emitiram conhecimento científico quando eles próprios nenhum tinham.

Anseio por uma qualidade de visão ainda mais elevada entre eles — algo mais direto, claro e penetrante. Até agora temos olhado por um espelho de forma obscura, mas o mundo precisa de ver face a face. A religião é, com toda a certeza, a verdade para começar. Comecemos com a veracidade em todas as coisas, e então faremos progressos. De onde estou agora, posso ver a cortina a ser erguida e o drama celestial a alegrar todos os corações humanos, dissipando toda a dúvida e o desespero sem esperança.

Ouço a nova canção de descanso e paz elevar-se alegremente, cada vez mais alta e mais doce, até que o conhecimento aceite seja o de que Deus, nosso Pai, está sobre tudo, e tudo está bem com os filhos

e filhas da terra. Novamente estarei convosco e espero manifestar-me com maior clareza."

Esta segunda mensagem, que "se escreveu a si própria", por assim dizer, chegou ao Sr. Robertson a 5 de maio: —

"Perceber que um homem morto pode ainda conversar com os seus semelhantes deixados para trás é uma enorme satisfação para mim. Acreditava que isto era possível, mas a mudança de ser um recetor para a de ser um transmissor é surpreendente, e traz-me à memória muitos pontos que não consegui compreender quando estava em baixo. A minha determinação é impor as ideias que me possuíam tão claramente quanto puder, e a minha fé aumenta de que as possibilidades de fazer passar mensagens são maiores do que até os mortais e muitos amigos espirituais ainda conseguem ver. Há que espalhar o pensamento por todo o lado e deixar que ele seja colhido por todas as vias que estiverem abertas.

Tive um período atarefado porque, primeiro, a minha mente estava absorta pelas condições de cegueira daqueles que estavam comigo; a estes procurei primeiro ajudar a abrir os seus entendimentos, para que alguns pudessem ver que aquilo de que eu falara no navio não era fantasia, mas sim uma grande realidade. Muitos dormitaram por muito tempo; alguns abriram as suas mentes prontamente. A minha própria condição, uma vez acordado, não me absorveu. Tinha sido abençoado com a visão e o conhecimento, mas os ignorantes e os que sofrem, que se tinham entregado ao egoísmo enquanto na terra, reclamaram o meu pensamento.

É inato no homem ter compaixão uma vez que é tocado ao ver o sofrimento. Trabalhei com afinco até ver muitos nas mãos daqueles cuja própria natureza fora iluminada, e que eram agora atraídos para socorrer os seus amigos e parentes. Às vezes gostaria de ter estado entre os sobreviventes para que a minha pena pudesse ter contado a verdadeira história de quanta coragem foi revelada por homens e mulheres que nunca pensaram ter tal dote.

Foi maravilhoso ver a têmpera de mulheres e homens que ficaram cheios de um novo poder, de quem todo o medo tinha fugido. 'Os outros primeiro', ouvia-se continuamente. 'Sem pressa para mim!' foi

grandioso, foi nobre. Agradeci a Deus pela dignidade que pertencia à nossa humanidade. Poderei ainda enviar os meus telegramas de herança para que a história gráfica possa ser mais detalhadamente registada e compreendida. Senti que tinha muito trabalho a fazer na terra, mas aceitei de bom grado a sorte que me havia tocado e devidamente reconheci que, da presente catástrofe, surgiria segurança para todos os que 'desciam ao mar em navios', e assim será. E chega de conversa para esse capítulo.

Agora a minha mente está absorta em salvar a multidão do profundo desespero que oprime os homens enquanto caminham pela terra firme, sem luz, com pouca ou nenhuma esperança, com demasiados 'talvez' e uma total falta de certeza. Tencionava regressar a Londres e difundir mais a certeza que tinha alcançado. O amigo que eu ia trazer comigo iria, sentia eu, derrubar muitas muralhas; mas como esse capítulo terminou, tenho de trabalhar com aqueles que, vendo comigo, se esforçarão em todas as estações para olhar através de cada fresta por onde possam enviar algo que seja visto. Tenho de reunir missionários aqui, e sei que muitos mais no lado terreno procurarão trabalhar com eles com um intento elevado e puro.

Não nomeio aqueles que me deram as mãos para uma nova cruzada, mas alguns deles perderam na terra o que poderia ter sido o maior triunfo na busca da verdade. Este é o tipo de pessoa que procura sempre recuperar o tempo perdido. Telegrafaremos o tempo todo, procuraremos aqueles cujos poderes psíquicos estão apenas em germe; seguiremos tantos quantos pudermos impressionar para que se interessem. Nenhum trabalhador espiritual pode ser do mais alto valor na campanha se os seus afetos não estiverem centrados na melhoria dos outros e se a sua fé em Deus não for real. Penso que a qualidade moral nos instrumentos é essencial, e procurarei com os outros enviar o que puder de sustento espiritual. Se trabalharmos continuamente com os olhos postos no objetivo, esqueceremos o quanto ainda há para fazer. Que cada Espiritualista sinta que é chamado a entrar no trabalho com um novo sentido de elevação; que o bem-estar da sua própria alma exige um trabalho contínuo para que a pureza possa abundar e a tranquilidade e a confiança sejam o pão nosso de cada dia.”

TESTEMUNHO DA SRTA.

FELICIA R. SCATCHERD, ("FELIX RUDOLPH.")

14, Park Square, Regent's Park, Londres, N.W.

A contribuição seguinte, de uma conhecida assistente social e colaboradora do Sr. Stead, é valiosa por nos colocar mais em contacto com o lado incompreensível e místico da natureza do Sr. Stead, se não com a tónica do seu génio.

Segunda-feira, 15 de abril de 1912.

Os Teus caminhos seriam os nossos caminhos pudéssemos nós ver com a Tua visão,

Pudéssemos nós contemplar o tempo a partir da altura da Eternidade,

Pudéssemos nós ligar o oceano do Ser com um só olhar e abranger,

Desde o nascimento da Vida até ao nascimento da Morte, todo o curso do homem. "FELIX RUDOLPH."

“Perguntam-me constantemente: 'Que provas tem do regresso do Sr. W. T. Stead?'

A minha resposta é: possuo o mesmo tipo de provas para a 'presença espiritual' do Sr. Stead desencarnado que para a 'presença espiritual' do Sr. Stead encarnado — mas com esta tremenda diferença: antes da sua transição, eu podia sempre descobrir se os registos concordavam com os desejos, intenções e ações do Sr. Stead. Agora, este testemunho corroborante raramente é obtido. Devo admitir francamente que nunca teria podido aceitar a 'hipótese espiritualista' se não fossem as provas que possuo quanto às atividades do espírito humano encarnado à distância do seu instrumento físico.

Quando, como investigadora psíquica, recebi através de várias formas de 'automatismo motor', e mais tarde através de escrita passiva e impressões vívidas, comunicações dos chamados mortos, maravilhei-me com a minha faculdade inventiva e perguntei-me por que não era romancista ou dramaturga.

Depois veio uma nova fase: fui recetora de mensagens de vivos — na sua maioria estranhos envolvidos em assuntos públicos, e fui sobressaltada com a perceção do valor científico destes fenómenos. Quando, num jantar em Paris, conheci um cientista famoso que, nas suas observações após o jantar, expressou os mesmíssimos sentimentos que eu recebera como vindos dele, muitos meses antes, numa língua com a qual eu estava então mal familiarizada. Não havia margem para erro. Sabendo que o ia conhecer, levara comigo o meu registo escrito, tomado em estenografia e copiado em caligrafia o mais rapidamente possível, como era então a minha prática invariável.

Desagradava-me receber informação desta maneira, mas não o podia evitar. Se recusasse estas confidências, nada mais vinha, e toda a experimentação chegava ao fim. Contudo, fiquei mais conformada com isso quando descobri que podia muitas vezes ser útil, num caso evitando um suicídio, noutros antecipando várias fatalidades.

Na minha experiência, o Sr. W. T. Stead era, de longe, a pessoa viva mais ativa psiquicamente. Dificilmente passava um dia sem algum acontecimento de interesse psíquico a seu respeito. Após estabelecer a sua exatidão geral, deixei de registar estas coisas, mas existem muitas provas nas cartas que trocámos, a maioria das quais está agora na minha posse. A distância parecia imaterial. As coisas mais conclusivas ocorreram quando ele estava na Rússia e eu em Inglaterra; também quando ele estava em Constantinopla e eu permaneci em Londres, e novamente quando eu estava no Egito e ele em casa.

Claro que é possível negar a ligação do Sr. Stead encarnado com os referidos fenómenos. Qualquer pessoa pode descartar a prova circunstancial, como o falecido Sr. Podmore, creio eu, descartou um dos casos mais bem atestados de bilocação dos tempos recentes em palavras com este efeito: —

'Sim, a prova é irrefutável, mas como é impossível para uma pessoa estar em dois locais ao mesmo e mesmíssimo tempo, recuso-me a registar o assunto.'

E é porque considerei o 'eu espiritual', 'astral' ou 'duplo' do Sr. Stead o mais verdadeiro e desinteressado de todas essas 'entidades',

que aceito, como vindo dele agora, tudo o que teria considerado devido à sua atividade espiritual ou mental durante a vida terrena, embora os velhos testes já não estejam disponíveis.

Tem sido afirmado que as mensagens que pretendem vir do Sr. Stead contêm poucas provas da sua identidade. Vou, portanto, limitar-me a um ou dois casos em que essa afirmação não pode ser razoavelmente mantida.

O primeiro caso aconteceu um ou dois dias após o 'Titanic' ter ido ao fundo. Nós, em Atenas, não estávamos ainda cientes da extensão da tragédia e fomos assegurados de que todos os passageiros de primeira classe estavam a salvo, pelo que o Sr. Stead devia estar entre os sobreviventes. Estava a almoçar com amigos dele. Enquanto decorria uma discussão em grego, conversei com a anfitriã.

Há cerca de cinco anos, quando fui sua convidada, a sua casa em Inglaterra fora salva da destruição pelo fogo através do 'duplo' ou 'astral' do Sr. Stead ter-me obrigado a descer às cozinhas tarde da noite, no nosso regresso do teatro. Pelo que ela sabia tudo sobre as minhas estranhas experiências. Subitamente sussurrei: —

'O Sr. Stead está aqui.' Ela não me levou a sério. 'O Sr. Stead está aqui', repeti, 'e está muito ansioso com o amigo dele ali, e teme que ele esteja prestes a dizer ou fazer algo de que se arrependerá mais tarde.'

Nessa noite, o cavalheiro em questão disse: —

'Não consigo pensar no que me conteve hoje ao meio-dia. Algo ou alguém me segurou para não agir de uma forma de que me teria infinitamente arrependido.' E então contei-lhe sobre a 'presença espiritual' do Sr. Stead. Este incidente fez-me ter esperança de que o relato sobre a segurança de todos os passageiros de primeira classe fosse verdadeiro, e escrevi ao Sr. Stead para o Manhattan Hotel, em Nova Iorque. Tinha uma vaga ideia de que, se o Sr. Stead tivesse passado para o outro lado no dia 15, eu saberia, e que, nesse caso, ele não se manifestaria da sua forma habitual tão cedo após tal tragédia. Mantive esta crença até chegarmos a Milão, e soube a verdade pelos jornais no hotel.

Desde o meu regresso a Inglaterra, recebi algumas provas interessantes através da fotografia. Não tenho procurado provas através de médiuns ou de outra forma. Tenho estado demasiado ocupada com os problemas na Pérsia e no Próximo Oriente para me sentir justificada a fazê-lo. Tudo o que obtive veio por si mesmo ou no decurso da minha rotina habitual, como frequentar o Julia's Bureau, que nunca negligenciei a nenhuma quarta-feira quando em Inglaterra.

Foi assim que estive presente em muitas das sessões da Sra. Wriedt e presenciei os fenómenos registados mais adiante neste livro.

Depois, há cerca de um mês, recebi uma prova surpreendentemente estranha. Os detalhes completos estão à guarda do Sr. E. R. Serocold Skeels, advogado, 55, Chancery Lane, W.C.

Por razões óbvias, os factos reais não podem agora ser tornados públicos.

Durante alguns anos, o Sr. Stead vinha a tentar verificar uma série de incidentes que ele alegava terem obrigatoriamente acontecido. Ele não poderia ter discutido isto com mais ninguém a não ser, talvez, com a sua filha ou com aqueles do seu círculo mais íntimo, certamente não com nenhum estranho.

Eu não saberia sobre o assunto se não fossem as minhas experiências 'telepáticas'. Ele referira-se a isso na sua última carta para mim, escrita a bordo do 'Titanic'. Tínhamos perspetivas exatamente opostas sobre a questão. Isto entristeceu-o, e foi por esse motivo que ele desejava tanto mostrar-me o meu 'erro'.

No passado mês de agosto, um cavalheiro de meia-idade (um jornalista) veio ver-me. Estava num estado de extrema agitação.

'O Sr. Stead esteve comigo. Escreveu isto através da minha mão.' Entregou-me algumas folhas densamente escritas a lápis. A escrita estava certamente redigida no estilo do Sr. Stead, com o qual o automatista estava familiarizado, pois era um grande admirador do Sr. W. T. Stead e lia quase tudo o que ele escrevia. Portanto, isso não me impressionou, nem uma profecia improvável, desde então cumprida à letra. Nem a ordem categórica para me deixar ver certos documentos na posse do escritor.

'Sim, os documentos estão no meu bolso. Não lhos posso dar. No entanto, se não o fizer, o Sr. Stead não me dará paz. Ele diz que a senhora compreenderá por que razão ele deseja que os veja. Nunca pensei deixar que nenhum ser vivo o fizesse, muito menos a senhora. Ninguém sabia da sua existência. Estavam guardados numa gaveta secreta. O que devo fazer? Ele diz que a senhora tem de os ler.'

'Vamos! vamos! Se isso aliviar a sua mente, deixe-me dar um olhar aos misteriosos documentos. Pode confiar em mim. Não precisarei de os ler e, em todo o caso, não o julgarei mal.'

Continham, muitas vezes expressa em linguagem de grande beleza, a prova que o Sr. Stead há tanto tempo procurava. Ele provara estar certo em todos os aspetos em que eu o julgara mais equivocado. A prova é avassaladora e indiscutível, como o Sr. Skeels pode testemunhar.

FELICIA R. SCATCHERD."

Annie M. Bright

Aqueles que estão inclinados a escarnecer da ideia de eu ser capaz de escrever tão cedo sobre as minhas experiências nestes novos ambientes, limitadas como devem necessariamente ser, são relembrados de que toda a minha vida anterior fora uma preparação para esta. Não parti, como a vasta maioria o faz, com a mente obscurecida pelas ideias comuns sobre a morte. Durante anos, para meu grande detrimento mundano, como as pessoas nunca se cansavam de me lembrar, os meus olhos tinham sido abertos para as realidades do Mundo Espiritual. Escrever, escuso de o dizer, era o meu forte, e eu era também um autor de escrita automática, como as *"Cartas de Julia"* testemunham, tendo-se tornado uma palavra familiar em muitos lares. Durante quase quinze anos, esse pequeno volume, agora chamado *"After Death"*, diretamente transmitido do Mundo Espiritual, tem estado em constante procura e passou por muitas edições. Eu sabia que a escrita automática era uma forma valiosa de comunicação com aqueles que tinham partido.

A minha experiência com Julia disse-me isto, pois a sua personalidade foi-me provada vezes sem conta por teste após teste, corroboração após corroboração. Por maior que tivesse sido a minha crença em todas estas realidades, por muito cheia que estivesse a minha mente com a importância para o mundo de um conhecimento da existência contínua além da fronteira, ainda assim, enquanto no meio do turbilhão da vida quotidiana, ela estava necessariamente esbatida e, olhada a partir desta nova perspetiva, a minha grande surpresa é ter sido capaz de ver tão claramente como vi, e de ter proclamado a verdade face a tão enormes desvantagens.

O que há de mais natural do que eu querer dizer ao mundo que tudo isto é verdade e mais maravilhoso do que alguma vez sonhara nos meus momentos mais otimistas. Como disse naquela primeira mensagem que fui capaz de enviar através deste jornal: 'Estou cheio de deleite com os meus novos ambientes, cheio de deleite por este mundo ser ainda mais cheio de alegria e êxtase do que ensaiei dizer às pessoas na vida terrena; tão cheio de alegria que quero enxugar as lágrimas dos olhos que choram por este terrível desastre; tão cheio de alegria que quero tirar a dúvida de cada alma abatida.' Foi-me

apontado por um dos seres angélicos que aqui, na editora deste jornal, estava um canal através do qual o meu trabalho poderia ainda ser continuado. Tal como eu, ela era uma escritora, e uma escritora automática, tendo sido a própria Julia, em 1893, a primeira a usar a sua mão.

Era quase tão fácil como escrever eu próprio usar a sua pena fácil, e as condições eram, para um começo, o melhor possível. São ainda dias primitivos, mas as condições podem mesmo agora permitir-me escrever algumas das minhas experiências. O que estas condições se tornarão mais tarde não é possível prever; mas, do lado Espiritual da vida, é declarado pelo conclave Espiritual que dirige o trabalho nestas terras do sul que, com este número do *"Harbinger"*, uma nova era começou na sua história. Será feito chegar e influenciar milhares que estão agora no cativeiro do materialismo; espalhará uma nova e gloriosa ideia do destino do homem e fará mais para inaugurar uma nova ordem social do que toda a legislação alguma vez tentada.

Durante sete anos, a editora, por entre desarmamento e momentos de desespero que teriam domado um espírito mais fraco, manteve erguido o estandarte da verdade. Veremos que fruto os próximos sete anos produzirão. É um facto que ajudantes deste lado controlaram o jornal, o que é por si mesmo a sua melhor corroboração de direção Espiritual. Tudo isto era necessário como prelúdio, e agora como posso contar em linguagem mortal os acontecimentos desde a noite temível em que o *"Titanic"* foi ao fundo com a sua preciosa carga de vidas humanas.

Não poderia ter havido uma comitiva mais brilhante do que aquela que embarcou no maior vapor flutuante. O desastre era a última coisa a ser esperada, e o tamanho enorme do navio dava uma solidez que só se experiencia quando em terra. Parecia demasiado forte, demasiado grande, para encontrar qualquer desastre. Eu, despertado do meu beliche por uma das primeiras colisões com um icebergue, vesti-me e fui para o convés sem pânico ou medo, e encontrei os barcos a ser lançados para resgatar as mulheres e crianças.

Tão grande era a confiança na embarcação que muitos recusaram aventurar-se nos barcos e acreditaram que a sua melhor probabilidade

de segurança residia em manterem-se nela. Cedo percebi que estávamos condenados. Um momento de angústia, o pensamento nos entes queridos em casa, o horror da situação a avassalar-me e, rodeado pelos gritos das criaturas indefesas que se afogavam, passei à inconsciência na água gelada.

Contar-vos os transportes de alegria quando acordei para o que me esperava está além das palavras mortais. Pensai no que seria quando, após uma longa separação de entes queridos na margem, talvez tendo-os já como perdidos, fôsseis subitamente trazidos face a face com eles. Parecia que uma falange inteira de anjos e amigos estava pronta para me acolher. Cenas de deleite abriram-se à minha visão, e a realidade e a magnificência do todo quase me deslumbraram. Antes de mais, fui conduzido a um lar que estivera a ser preparado para mim durante toda a minha vida.

É bem verdade que "na Casa de meu Pai há muitas Moradas". Oh! se as mais belas arquiteturas da terra fossem colocadas ao lado destas, seriam reduzidas à insignificância. Aqui, neste lar preparado para mim, estavam nas paredes representações de tudo o que eu tinha feito na vida terrena, de ajuda a desafortunados, ajuda em reformas. A ajuda em espalhar o grande facto da vida imortal estava representada mais plenamente do que qualquer outra coisa. Muitos factos na minha carreira, aos quais eu próprio e o público daríamos a maior importância, não estavam de todo representados; apenas aqueles que tinham ajudado ao crescimento da alma.

Ansiava por voltar para os entes queridos ainda na terra, mas fui apenas conduzido a um lugar de descanso no meu lar, acompanhado pelo amado filho cujas comunicações comigo tinham confirmado a minha crença na existência contínua. Através dele, o rio da morte fora ligado por uma ponte para mim. Era necessário descansar e aqui, rodeado por uma bela e arrebatadora paisagem e música, das quais tendes apenas os ecos mais ténues na terra, adaptei-me gradualmente ao novo ambiente e tornei-me calmo e repousado. . . ."

O que precede é suficiente para mostrar uma direção mental semelhante àquela que influenciou a Sra. Coates a 26 de abril de 1912.

COMO CONHECI JULIA, E A MEDIUNIDADE

Por WILLIAM T. STEAD

Um dos primeiros assuntos de que tenho de falar é Julia, as minhas comunicações com ela, a fundação do Bureau de Comunicação e a relação de todos os três com o Espiritualismo. No meio da grande multidão que me acolheu à minha chegada a este país abençoado estava Julia, fiel como sempre, e jubilante por me ter deste lado da vida. Na transição de alguém não há restrições quanto àqueles que desejam estender saudações, e todos os que foram atraídos para vós na vida terrena, com espíritos adiantados e anjos que, talvez inconscientemente para vós próprios, dirigiram o vosso trabalho, estão lá à vossa entrada nos reinos espirituais.

Mais tarde sois levados, acompanhados apenas por um ou dois escolhidos e pelo vosso guia espiritual designado, para o lar preparado para vós. De acordo com a contagem terrena, foi escassos dias antes de Julia e eu termos oportunidade para uma conversa especial, pois os nossos lares ficam em partes diferentes. Mas então, falar face a face e saber que todas as suas mensagens eram verdadeiras, e que o impulso vindo dela própria para fundar o bureau era uma realidade, foi uma alegria sem mistura.

Mas, oh, quão pequenos, quão insignificantes parecem todos os nossos esforços quando vistos do ponto de vista espiritual. Acima de qualquer outra questão ergue-se a mui importante: o que fez este e tantos outros círculos em que eu estava interessado para elevar o

estado espiritual do mundo? Um resultado importante foi a investigação que causou — o nome de mim próprio e de Julia tornou-se um provérbio. Muitos foram induzidos a investigar, muitos tornaram-se leitores de literatura espiritualista através do bureau. Tudo foi bom, até onde chegou. O escárnio lançado sobre mim por supor que o Cardeal Manning, Gladstone, Disraeli e outros podiam falar através deste canal, até fez bem.

Foi observado na altura — e não achei conveniente negar a sua possível verdade — que a minha presença no bureau era uma necessidade absoluta para que as mensagens chegassem através de oradores deste género. E aqui vem o cerne do que tenho a dizer sobre este grande assunto da mediunidade — este assunto tão mal compreendido, este assunto grosseiramente aviltado. É bem verdade que na vida terrena vemos por um espelho de forma obscura e que aqui vemos face a face, e um dos primeiros assuntos de que tenho de falar é este assunto da mediunidade.

Não se deve supor que homens como os mencionados acima estavam realmente no bureau de Julia. Cada um deles tinha sido meu amigo. Eu estava grandemente perturbado com a situação política e, de alguma forma subtil que tendes de estar aqui para compreender, os pensamentos deles ensombraram os meus, e foi a minha personalidade inspirada que formou aqueles discursos surpreendentes através do médium.

QUE ASPETO TEM A TERRA

Olhar para trás, para a vida terrena, é olhar para o que parece, ao primeiro vislumbre, ser um grande ninho de formigas — pessoas a correr por todo o lado atrás de algo que querem possuir, ou de algum

trabalho necessário para alimentação, vestuário e proteção. Ao contrário de uma colónia de formigas, as suas pessoas são dotadas de força espiritual, cujo treino e desenvolvimento as coloca em contacto com a parte espiritual do universo. Aqui vedes, portanto, pontos iluminados, indivíduos iluminados pertencentes a cada igreja, credo e nação, formando a guarda avançada da raça humana.

Tal como aqui não podem elevar os outros, apenas podem ensinar e tentar despertar os poderes latentes da alma. Aqui nada conta a não ser o desenvolvimento espiritual. Reis, rainhas, potentados de todos os géneros que assumem grandes proporções na vida terrena afundam-se aqui para a sua verdadeira proporção. Assim se verá que, por muito útil que o bureau de Julia fosse, por muito valiosos que os serviços de um médium possam ser para dar provas de uma existência invisível, isso termina aí — a menos que aqueles que escutam, aqueles que participam, ganhem desenvolvimento espiritual com isso.

Se eu estivesse de volta à terra, o meu trabalho seria bem diferente. Iria de continente em continente e poria as pessoas em chamas com o conhecimento que agora tenho do universo e dos insignificantes esforços do homem para o compreender. A cada novo trabalho na minha própria vida, no estabelecimento do *"Borderland"*, o jornal do bureau de Julia, foram os clérigos, principalmente, que encolheram os ombros e retiveram a aprovação. E, no entanto, supõe-se que eles são os líderes nas coisas espirituais. Muito disto deveu-se, e deve-se, à débil apresentação dos factos psíquicos, por estarem atualmente nas mãos, a maioria, daqueles que negoceiam com isso, até parecer estar desesperadamente misturado com a adivinhação do futuro e por aí adiante. Mas disto tem de ser elevado, e rapidamente.

Dons psíquicos sem o correspondente desenvolvimento espiritual são meramente físicos. Uma peculiaridade de constituição permite que sejam usados por espíritos aviltados bem como por adiantados. As pessoas, ouvindo que alguma profecia se cumpriu, que algum parente perdido comunicou, ficam tão arrebatadas com isso que pensam que esse é o canal através do qual devem ser guiadas. Nada disso! Se for verdade, é apenas um meio de lhes abrir os olhos para o facto de uma consciência fora delas próprias. Se se afundarem na posição de revogarem o seu próprio poder de vontade e se colocarem a si e aos

seus assuntos sob a orientação de um médium, é o início da degradação da alma.

A LEI DA ATRAÇÃO

Sobre tudo isto Julia e eu conversámos o quanto quisemos. Um espírito puro e bom, ela está sempre pronta a agradar, mui ansiosa por ser útil e por continuar o seu bom trabalho, mas percebe que há algo mais elevado diante da raça do que pensava. As pessoas escarnecem da oração, mas aquilo que é o mesmo — a aspiração — é o único meio pelo qual a salvação do mundo se operará. Se não quereis subir, permaneceis no vosso sulco estreito. Se tendes um desejo fervente de entrar em contacto com as coisas espirituais, de estar em sintonia com o infinito; o próprio desejo traz em vossa assistência um raio de força espiritual que vos ampara e fortalece — alimenta, em mesmíssima verdade, a alma. Esta Lei da atração é um grande facto do universo. É extremamente difícil fazer com que as pessoas na pequena partícula de terra compreendam esta vida de trabalho incessante — trabalho que dá deleite é a sua tónica — e todo o trabalho é um meio de desenvolvimento espiritual.

Ouvistes falar da casa de prisão e de espíritos que vão falar aos pobres prisioneiros aviltados que lá estão — que só por si se podem elevar através de um desejo de subir. Mas isto é apenas a fase rudimentar. Ao longo das esferas este ensinamento continua, por espíritos num grau mais elevado para aqueles que estão logo abaixo. Muitas vezes vemos vastas multidões de espíritos num plano elevado a sair de algum vasto anfiteatro, onde o que se pode chamar de oradores espirituais estão a falar das alturas do conhecimento diante deles e a incitá-los a uma aspiração ainda mais fervente.

Depois há reuniões menos imponentes. Vedes frequentemente numa das moradas um clã inteiro, como lhe podeis chamar, de uma família reunida de muitas partes da terra, todos bons espíritos e, embora felizes, desejosos de aprender mais. Até eles vai algum espírito exaltado, pois o próprio desejo de um é em si mesmo um cumprimento. E assim esta grande Lei da Atração reina ao longo do universo. É de tal forma revelador para mim que quero a todo o

momento abrir os olhos daqueles que deixei para trás, e de tantos outros quantos possa alcançar. Estou em constante trabalho, dando-me este forte desejo esta tarefa de que tratar pelos espíritos controladores desta esfera — aqui está novamente la Lei da Atração em funcionamento. Os vossos grandes videntes na terra captam vislumbres das imensidades do universo, mas os melhores deles captam apenas vislumbres.

Nada do que alguma vez li na terra pode dar uma ideia da realidade das vossas mentes. Não há palavra suficientemente forte para expressar o que quero dizer sobre o medo da morte. É um pesadelo que tem de ser sacudido do mundo antes que este possa começar sequer a crescer em poder espiritual. Para cada um que vê estas coisas, um fardo sagrado é colocado sobre os seus ombros para proclamar este grande facto a partir dos telhados das casas.

Não temais homem algum. Não temais oposição alguma. Não temais o escárnio. Não temais a calúnia. Mas proclamai como nunca antes: — NÃO HÁ MORTE.

Existe dentro de cada um de vós o poder. Esse poder serve para conhecer algo da vida que vos espera. É possível para cada um aproximar-se dos Reinos Etéreos. Cada um deve ser o seu próprio salvador. Declarai isto por toda a parte. É a grande verdade do universo. É a única salvação possível para a raça."

De julho de 1912 até junho de 1913, a Sra. Bright recebeu um grande número de mensagens de Stead. Catorze apareceram no seu jornal. Sete foram reimpressas em forma de folheto. A maioria, contudo, permanece inédita. O nosso espaço não permite mais reproduções.

O Sr. Britton Harvey contribuiu para o *The Harbinger of Light*, de Melbourne, a 1 de novembro de 1912. Ele é um conhecido jornalista e autor do estado de Victoria. O seu artigo especial intitulava-se: "As Mensagens de Stead — Serão Genuínas?". Ele faz um estudo crítico de três mensagens. Nomeadamente, os textos automáticos recebidos pela Sra. Bright, a 23 de abril. Também a mensagem de transe por um psíquico de Sydney, a 21 de abril. E a mensagem obtida pela Sra. Coates, a 26 de abril.

Os psíquicos eram não profissionais. Além disso, cada um ignorava por completo as comunicações registadas pelos outros. O Sr. Harvey faz uma análise minuciosa. Ele coloca extratos destas mensagens em colunas paralelas. Ele descarta a teoria da mente subliminar. Esta teoria poderia ser avançada para justificar os numerosos pontos de semelhança. Ele está convencido, pela evidência interna, de que as mensagens emanaram de uma única mente. Ou seja, a de William T. Stead. Elas apresentam, num grau notável, o seu estilo característico.

A SRTA. STEAD SOBRE AS MENSAGENS DE MELBOURNE

Eu trato da evidência da Srta. Stead mais adiante. No entanto, considero apropriado falar agora sobre as mensagens de Stead recebidas na Austrália. A Srta. Stead aprova-as calorosamente. Ela enfatiza isto ao declarar na sua carta à Sra. Bright: — "Anseio sempre por ler as mensagens dele (do pai) através de si. Elas são tão esplêndidas e soam tão verdadeiras. ... Tudo isto é tão maravilhoso e tão sagrado. Em si e no *Harbinger*, ele encontrou um foco esplêndido. Através dele, ele pode manifestar-se. Foi ainda mais notável que ele tenha conseguido transmitir-me a sua mensagem. Refiro-me à mensagem sobre o interesse dele em si e no *Harbinger*. Eu não sabia o seu nome. Tive de perguntar a quem ele se estava a referir. ... Esperando que continue por muito tempo o seu bom trabalho, e com amor e melhores votos. Sua muito sinceramente, E. W. Stead."

DECLARAÇÃO DA SRTA. EDITH K. HARPER

Tenho o prazer de apresentar esta declaração. Ela não testemunha diretamente o regresso do Sr. Stead. Contudo, lida eficazmente com algumas contradições aparentes nas comunicações.

A Srta. Harper diz: — "Estive presente em quase todas as sessões do círculo da Sra. Wriedt. Houve muito poucas exceções. As sessões ocorreram em Cambridge House, de 5 de maio a 5 de julho. Além

disso, tive oportunidades privadas para conversar com os meus amigos no mundo dos espíritos.

Miss Harper, secretária privada de Stead

O Sr. Stead O Sr. Stead manifestava-se frequentemente. O tema constante das suas comunicações sobre a sua partida era a garantia repetida de que os seus sofrimentos foram mais mentais do que físicos. Ele foi deixado quase instantaneamente inconsciente por um golpe na cabeça. Este golpe ocorreu na queda, enquanto o navio se afundava. Ele nunca recuperou a consciência terrena. Acordou, contudo, com a plena perceção de que tinha deixado o seu corpo físico.

Usando as suas próprias palavras enfáticas: 'Está tudo acabado agora!'. Juntamente com ele, face a face, estavam Julia, a sua camarada, e Willie, o seu amado filho. Ao seu redor encontrava-se uma massa de humanidade sofredora, a sufocar e a lutar na água. Eram almas angustiadas e em pânico, recém-nascidas no Outro Mundo.

O primeiro pensamento dele foi tentar ajudá-las e confortá-las. Fez isso com todo o ardor do seu coração compassivo. Ele era exatamente o mesmo homem cinco minutos após a 'morte' do que fora durante toda a sua vida anterior. Não apenas 'as mulheres e as crianças primeiro!', mas 'todos menos eu primeiro!'. Esse era o estilo do Sr. Stead.

Foi profunda e pateticamente interessante notar o esclarecimento gradual da sua memória quanto aos detalhes daquela noite terrível. Ele

parecia ansioso por esclarecer todos os pontos duvidosos. Foi afirmado que ele regressara à sua cabine. Ele confirmou este facto. No entanto, acrescentou que voltou ao convés. E estava no convés quando o navio se afundou.

'Todos diziam que o navio era inafundável', disse ele a 9 de junho. 'Mas ocorreu-me que estávamos condenados.... Ajudei no que pude.... Lembro-me de Butt ameaçar disparar.... Agrei-me a Butt e a outro homem, e disse: "Oremos, cavalheiros." E orámos.... E o navio foi ao fundo.... Eles sofreram — oh, como sofreram!' Perguntámos novamente: 'Sofreu?'

'Sim, sofri. Todos nós sofremos! (Ele noutra ocasião falara do sofrimento do frio, da suspensão, da queda quase instantânea, mas nenhum sofrimento de afogamento.) Mas não lutei na água. Fui atingido. A minha cabeça foi atingida. ... Costumava dizer que seria espancado até à morte pela multidão.'

As comunicações acima foram recebidas através da voz direta. Isso aconteceu através da maravilhosa mediunidade da Sra. Wriedt. Mas parece ser muito mais difícil para um espírito transmitir declarações definidas através de um médium de transe. Especialmente ao início, enquanto provavelmente a mente do médium está sobrecarregada com as ideias naturais de luta e sufocamento. E

stas ideias seriam passíveis de ser sentidas por quem se afoga. Tenho notado frequentemente como as ideias preconcebidas se apegam à expressão do espírito. Mesmo que o sensitivo esteja completamente em transe. É como a água que passa por um depósito de ferro e sai tingida de vermelho ferrugem.

Não obstante, o Sr. Stead, falando comigo através do Sr. Vango, cerca de uma semana após a sua partida, e quando os detalhes eram desconhecidos, foi capaz de me garantir que morreu instantaneamente. Isto devido a um golpe na cabeça. E nada mais soube após o frio entorpecedor do ar no convés e o 'horror de grandes trevas' ao redor. Mas nós, conhecendo-o, sabemos muito bem que, após a primeira agonia da perceção aguda do que a separação terrena significava — a rapidez, a tragédia de tudo isso —, haveria um supremo fortalecimento do seu espírito.

Haveria um supremo abandono de si mesmo e uma suprema piedade pelos outros. Pelos outros que não tinham o seu alegre conhecimento do Mundo Invisível para o qual iam agora. E depois, haveria apenas um grande e apaixonado anseio de os arrastar a todos consigo para o seio protetor do Pai Infinito.

Quanto ao seu lamento sobre previsões desatendidas, não será apenas um desabafo momentâneo natural? Proferido impulsivamente ao entrar no cenário familiar da sua antiga e amada sala de sessões. Onde tantas vezes se reunia com amigos terrenos para comungar com amigos no Além. É um toque caracteristicamente humano. Totalmente compatível com o seu sentido da vida mais ampla e do trabalho maior para o qual é chamado, e cuja alegria ele percebe.

Para nós, tudo isto é tão natural, tão parecido com ele. Quantas vezes não escreveu a amigos em casa, quando no estrangeiro numa missão mundial que reclamava todo o zelo e energia do seu coração e da sua alma: 'Sinto que estou realmente a fazer um trabalho útil e estou a divertir-me imenso, mas ficarei tão feliz por estar de volta convosco novamente.'

Devemos tentar perceber que, por via de regra, o amigo espírito que se manifesta a nós através das 'condições da terra' deve encontrar extrema dificuldade. Dificuldade em perfurar a barreira física que divide espírito de espírito. E os nossos amigos não deixam todos de uma vez de ter sentimentos humanos para se tornarem arcanjos glorificados, felizes por se livrarem do pó da terra.

EDITH K. HARPER.

Cambridge House, Wimbledon, S.W.

UMA MENSAGEM AUTOBIOGRÁFICA

DE WILLIAM T. STEAD

Entre las mensagens americanas que pretendem vir do Sr. Stead — e estas são muitas —, as duas que mais me atraem são a comunicação dada através da Sra. Cora L. V. Richmond, em Chicago — desta citei uma ou duas frases significativas no Capítulo XI — e outra dada através do Sr. J. Clegg Wright, em Lily Dale. O Sr. Wright era um dos trabalhadores mais respeitáveis e fiáveis nos Estados Unidos. O texto seguinte é parte de um discurso de transe. Um dos últimos que ele proferiu antes de passar ele próprio para o Invisível: —

W. T. STEAD SOBRE A SUA VIDA E TRABALHO

"A minha vida está agora perante o mundo para ser julgada pelo que fiz e pelo que falhei em fazer. Os meus trabalhos jornalísticos foram apenas formas de eu aumentar a consciência benevolente e moral dos meus semelhantes.

Na minha juventude, a pobreza privou-me dos adornos clássicos da aprendizagem. O jornalismo era uma porta aberta para uma mente como a minha, e mergulhei no vórtice. Quando eu era jovem, havia homens públicos em Inglaterra de grande capacidade e qualidade moral. John Bright deu-me o ideal de um orador e de um grande benfeitor público.

Thomas Carlyle impressionou-me mais do que qualquer outro escritor do meu tempo. Os seus livros eram uma companhia para mim. O seu pensamento era uma inspiração constante. Quando entrei no jornalismo eu era um noviço. Mas tinha uma natureza moral que não podia ser tentada. Guerras estrangeiras assolavam — a guerra turco-russa encheu-me de horror. Era o conflito de religião e raça. Estes grandes acontecimentos foram apenas estudos preparatórios para eu ocupar mais tarde um lugar mais proeminente.

Mais tarde visitei a América. Encontrei coisas nas cidades maiores que não eram melhores do que em Londres. E escrevi o meu livro, 'Se Cristo Viésse a Chicago'. O qual foi muito ofensivo para os *dilettanti* daquela cidade. Mas tais exposições de imoralidade apenas causaram uma determinação muito transitória de melhorar os assuntos. Chicago lucrou pouco com a exposição moral.

Moralmente, a idade feudal era melhor do que Londres ou Chicago. O vício entrincheirado combateu-me: a minha luta foi desigual. A igreja não me apoiou enquanto eu travava esta luta solitária. Mas nunca cedi. Avancei e conquistei novos campos, e o assunto da Arbitragem Internacional. E, nesta altura, eu estava mais maduro mentalmente.

Felizmente, nesta altura, Carnegie deu a influência da sua grande riqueza e força moral. Fez isso para concretizar o acordo do Tribunal de Arbitragem em Haia. Esta foi uma grande vitória. Embora não cubra tudo o que queríamos, é a ponta fina da cunha. E muitas disputas internacionais serão resolvidas por esse Tribunal de Julgamento e Razão.

Apresento estas reminiscências para vos mostrar que o primeiro ato mental dos chamados mortos é rever de forma geral as passagens difíceis da vida. Ao olhar para trás, para os últimos vinte e cinco anos, vejo anos de uma influência crescente. Pois eu conseguia obter a atenção de estadistas e de reis. E ajudei a estabelecer a Causa da Paz. Os fenómenos psíquicos devem ser estudados tanto do ponto de vista da mente como do ponto de vista da matéria. O que poderia haver de mais maravilhoso do que o movimento de um corpo pesado por um poder espiritual? Há momentos em que os médiuns não estão disponíveis para uma investigação científica adequada. A falta de mediunidade de fenómenos deve-se a causas que não preciso de nomear. Mas as quais passarão rapidamente. Posso fazer uma pancada numa mesa ou escrever de pernas para o ar — é apenas uma questão de poder dado a mim por uma organização mediúnica.

Havia videntes, mas eram geralmente místicos perdidos em abstrações. Nos tempos antigos, estes videntes abundavam na Escócia e no norte de Inglaterra. Há pessoas sujeitas a edifícios antigos, ruínas, velhos castelos. Espero ser eu próprio, e falar de mim próprio, e pensar em mim próprio, por muito tempo no futuro. Não tenho desejo de perder qualquer poder ou associação que me desperte para o meu eu terreno. Isto é muito razoável. É natural. O que poderia eu fazer como espírito se estivesse absolutamente cortado daquilo que tinha sido?

Homens de grandes inspirações gerais viveram em todas as épocas. Mas foi reservado ao século dezanove dar aos fenómenos um caráter científico. Foi aqui que a ciência fez uma invasão na província da Fé e da Religião. E a influência progressiva do poder espiritual criará esta nova era. Dá confiança ao mundo de que uma era de iluminação pode gerir os seus assuntos. Sem os grandes e esmagadores estabelecimentos militares. Esta é a praga dos vossos tempos."

DECLARAÇÃO DO SR. ARCHIBALD BRYSON

O autor desta contribuição para o simpósio é um comerciante de Glasgow bem conhecido e sensato. Reside atualmente em Nenthorne, Ayr. A sua resposta à pergunta "Sucedeu o Regresso de W. T. Stead?" é um afirmativo enfático.

"Querido Sr. Coates, — Enquanto estava numa sessão com o Sr. J. B. Jonson (que é um médium de materialização genuíno) na sua casa, em Toledo, Ohio, na última quinta-feira, 13 de junho, tive o prazer de ver uma manifestação do Sr. W. T. Stead.

Estava a falar com um amigo meu muito íntimo. Ele tinha partido desta vida comparativamente há pouco tempo, quando a forma do Sr. Stead apareceu. O seu corpo, da cintura para cima, estava perfeitamente distinto. Não havia hipótese de errar a cabeça maciça e as feições rugosas e os olhos expressivos. Ele dirigiu-se à Sra. Jonson e a mim próprio. Sabendo que eu era do Velho País, disse: —

'Estou tão feliz por ter a oportunidade de vir aqui. E de vos provar que estou vivo. Tornai esta grande verdade conhecida. Sabeis que eu era um homem muito ocupado no plano da terra. Mas agora considero-me ainda mais ocupado nesta vida. Há tanto para aprender e tanto para fazer. Há tantos a necessitar de conforto e orientação.'

Embora vos apresente o que precede da melhor forma que me lembro, isso representa mal o que ele disse e a forma como o disse. O que me impressionou também foi que ele desejou que eu desse uma mensagem ao Almirante Moore quando voltasse à Grã-Bretanha. Esta era de natureza privada. Entreguei-a no devido momento. O Sr. Stead também falou comigo de uma forma amável. Encorajou-me a prosseguir as minhas investigações em assuntos psíquicos. Ele não ficou muito tempo. Devido, creio eu, a ter interrompido a conversa privada que eu mantinha com o meu amigo. A sua voz era perfeitamente clara e distinta. E não havia margem para dúvidas quanto ao objetivo da sua visita.

Seu sinceramente,

Nenthorne, Ayr. ARCH. BRYSON."

CAPÍTULO V

O Sr. Stead Eterealiza-se e Fala em Cambridge House

"SIM" é a resposta enfática da Srta. Estelle Stead. A veracidade da sua declaração é afiançada por testemunhas fiáveis e independentes. O que haveria de mais apropriado — a admitir a evidência — do que o Sr. Stead regressar para os seus e para os seus fiéis assistentes? Na mesmíssima sala impregnada com a aura da sua personalidade intensamente volitiva e vigorosa quando no corpo. Que ele regressou de facto, a evidência humana não tem valor se o facto não for aceite.

Na edição de julho da *Nash's Magazine* de 1912, a Srta. Estelle W. Stead tem um artigo sobre "O Meu Pai (W. T. Stead) e o Espiritualismo". O Editor, na sua introdução, faz a seguinte contribuição notável para la resposta, dizendo: —

"O Sr. W. T. Stead, que foi ao fundo com os 1595 perdidos do *Titanic*, está a viver maravilhosamente de novo nos seus trabalhos. Ele era um vidente que via além das linhas de fogo e das fronteiras. Ele era um cidadão do mundo. Era um patriarca moderno, um profeta — um cruzado, armado para a paz. Ele acreditava, também, no invisível, no eterno.

Miss Estelle Stead

Ele afirmava conversar com os mortos. ... Agora, o Espírito de Stead, um espírito incomparavelmente viril, original e sensato, parece ter falado com a sua filha Estelle Stead. Ela, tal como o seu pai, não é uma sonhadora. Eis um testemunho que desafia o pensamento progressista. Talvez não seja miraculoso que a mente que viu a fusão das nações se tenha manifestado do outro lado da fronteira dos mundos." — (*Nash's Magazine*, pp. 544-546).

A primeira pessoa com direito a responder à pergunta "Sucedeu o Regresso do Sr. Stead?" é, sem dúvida, a sua própria filha. Ela foi também sua colaboradora no *"Julia's Bureau"*. O seu testemunho é dado sem qualquer hesitação no seu artigo. Além disso, é apoiado pelo testemunho amplo e independente de testemunhas credíveis. Estas testemunhas conheciam intimamente o seu pai quando ele estava visivelmente presente na terra.

No texto seguinte, resumo da forma mais correta possível o testemunho convincente da Srta. Stead sobre o regresso do seu pai.

"Três semanas após o desastre do *'Titanic'*, vi a cabeça e os ombros do meu pai. Vi-os tão claramente como os vi quando nos encontrámos pela última vez na terra. Falei com ele sobre os assuntos mais íntimos. Assuntos que diziam respeito a mim e a ele apenas. Eram coisas sobre as quais a médium não podia ter a menor ideia. A sessão realizou-se no *Julia's Bureau*. Foi uma sessão de trompete, e a médium foi a Sra. Wriedt, da América. Depois de mostrar o seu rosto, o meu pai pegou no trompete. Dirigindo-se a um dos presentes, que se mostrara algo cético nas nossas sessões anteriores, quando o pai estava presente no seu corpo físico, disse, com a maior ênfase: —

'Acreditas agora? Não é verdade tudo o que te disse?'

Se eu tivesse duvidado da proximidade do Outro Mundo, e das possibilidades do Regresso e da Comunhão dos Espíritos, isto teria dissipado tudo. Mas, desde a minha infância, tenho conhecido, visto e sentido tanto do Mundo Maior ao redor, que a dúvida nunca entrou na minha mente. Dúvidas quanto à autenticidade das mensagens e quanto à perfeição dos instrumentos de comunhão, sim, mas nunca quanto à realidade de tudo isso.

Penso que os muitos escarnecedores e céticos com quem o meu pai teve de lidar durante a sua vida encontrariam dificuldade em refutar o seu ego vivo, vibrante e inconfundível. Bem como a voz que conversou comigo naquela noite. Isso aconteceu na quietude e no silêncio da sala de sessões no *'Julia's Bureau'*. Estavam presentes outras sete pessoas, além da médium, que testemunharão o que escrevi."

Abstenho-me com relutância de apresentar o resto destas declarações que dão que pensar. Omitirei os tocantes tributos à vida do seu pai e as profundas convicções baseadas em provas pessoais convincentes sobre o regresso dos espíritos. Fica também de fora a defesa dos médiuns e o testemunho da mediunidade marcante da Sra. Etta Wriedt. Na sua presença, os espíritos conversavam — por voz direta — em norueguês, francês, alemão, italiano, sueco, árabe, bem como em inglês.

É com prazer que reproduzo as declarações finais da Srta. Stead: —

"No Natal de 1909, esta mensagem chegou ao *'Julia's Bureau'* vinda do fundador: 'Em breve, todos os do vosso lado estarão do nosso lado. E só quando estiverdes aqui podereis compreender plenamente a necessidade do meu Bureau.' E agora, aquele que sentia a necessidade de forma tão forte, e que trabalhou tão arduamente para ligar a sepultura por uma ponte, partiu ele próprio. Não duvido de que ele, compreendendo tão bem as dificuldades com que teve de lutar, e percebendo o ceticismo e a necessidade de provas, tendo enfrentado e batalhado deste lado durante tanto tempo, dará às pessoas que pensar. No entanto, não sei. Será pelas massas que ele trabalhará. Trabalhará para lhes abrir o caminho para a certeza daquele outro mundo. Para que possam ver como ele viu: 'O Espiritualismo tornou a morte algo diferente da morte para mim.' "

Não há dúvida na mente da Srta. Stead quanto ao regresso do seu pai. Sei que há muitos que tratarão o seu testemunho como ilusões. Da mesma forma que trataram as profundas convicções, destemidas e francas, do seu pai relativamente à comunhão com o Mundo Espiritual. Eles não sabem que mulher sensata, de mente forte, direta e prática é a Srta. Estelle Stead. Não sabem com que relutância ela deu o seu testemunho. Não sabem quão sagrado é este conhecimento para o seu coração. Mas, em prol da verdade, ela deu-o ao mundo. Ela possivelmente sabia que o seu pai também aprovava a revelação do facto de ele (o Sr. Stead), em sua própria pessoa, ter vindo provar que "Os Mortos Regressam".

Dá-me prazer declarar que sabemos ser verdade o que a Srta. Stead afirmou. Não só a Sra. Wriedt fundamentou plenamente tudo o que a Srta. Stead disse, mas, como o Sr. W. T. Stead se manifestou em várias ocasiões na nossa casa, tendo-se eterealizado quatro vezes, três das quais com clareza suficiente para identificação, e falado duas vezes, como só o Sr. Stead sabe falar, não tenho qualquer hesitação em endossar o que a sua filha disse.

As nossas próprias experiências, pela sua ordem, foram tratadas noutro local. Para aqueles que ainda duvidam, cito o seguinte: —

"5, Smith's Square, Westminster, S.W., 6 de agosto de 1912.

Querido Sr. Coates: — Muito obrigada por me deixar ler a 'Nota A' (o texto acima) do seu Simpósio, 'Sucedeu o Regresso de W. T. Stead?'. Estou encantada por citar o meu artigo desta forma, e terei muito prazer em que reproduza as fotos. Desde que escrevi o artigo, tive várias conversas com o meu pai. Ele está agora a começar a usar a minha mão. Sinto-o mais perto de mim e mais vezes comigo do que quando ele estava no seu corpo físico. A Srta. Harper está a devolver-lhe os manuscritos, com uma ou duas alterações, muito poucas.

Estou a aguardar com interesse a leitura de todo o Simpósio.

Sinceramente sua,

ESTELLE W. STEAD"

TESTEMUNHO DO VICE-ALMIRANTE MOORE

O Vice-Almirante Usborne Moore, na sua carta dirigida a mim com data de 12 de agosto, expressando grande prazer com a produção desta obra, enviou-me a seguinte importante contribuição. Trata-se de extratos das suas notas sobre "As Vozes", que abordam as Sessões de Wriedt em Cambridge House, Wimbledon.

"A primeira aparição de W. T. Stead em Cambridge House, a sua residência de campo em vida, ocorreu às 11h30 do dia 6 de maio. Eu estava sentado às escuras com a Sra. Wriedt. Na mesma noite, foi organizada uma reunião do círculo de Julia para acolher a Sra. Wriedt. Contou com a presença da Srta. Stead, que registou brevemente o que viu e ouviu do seu pai... A sessão durou uma hora e um quarto, e esteve repleta de incidentes... Pelo menos quarenta minutos foram ocupados pelo Sr. Stead a falar com a sua filha. Não pude deixar de ouvir cada palavra. Foi a conversa mais dolorosa e, ao mesmo tempo, a mais realista e convincente que já ouvi durante as minhas investigações. A primeira vez que ele veio foi principalmente para dar instruções à sua filha quanto ao destino dos seus papéis privados. A Srta. Estelle estava, naturalmente, muito agitada, e o seu sofrimento acabou por reagir sobre o pai. A segunda visita, que ocorreu no final da sessão, foi uma manifestação muito mais calma. Desta vez, o orador foi muito ajudado pelo 'Dr. Sharp', que por vezes interpretava o que ele tinha a dizer.

Na quarta-feira, 8 de maio, os membros do círculo de Julia reuniram-se novamente... Todos os membros do círculo de Julia eram mediúnicos, exceto três homens. Esta sessão foi boa. Poucos segundos após as luzes terem sido apagadas, os fenómenos começaram. E duraram, sem interrupção, por uma hora e quarenta minutos... Por volta do meio da sessão, W. T. Stead veio, falando em voz alta.

Ele insistiu na continuação das sessões de Julia. Disse: 'Minhas senhoras e meus senhores, peço para propor que estas sessões continuem, pelo menos enquanto a Sra. Wriedt estiver aqui. Aqueles que estiverem a favor, levantem as mãos. Se for necessário dinheiro, eu tratarei disso.' (pausa) 'Almirante Moore, o senhor não levantou a mão,' (escuridão total). Para lhe fazer a vontade, levantei a mão. A minha cabeça foi atingida duas vezes pelo trompete. A voz continuou: 'Fui atingido nesta sala uma vez da mesma forma.'"

O galante Almirante, após referir-se às despesas envolvidas na realização das reuniões de Julia, diz: —

"Quanto à alusão do meu amigo sobre ter sido atingido na cabeça no ano anterior, a história é esta. Uma noite, Stead apareceu em sua casa determinado a ser muito científico. Ele ordenou que os dois trompetes fossem pintados perto da extremidade grande com tinta luminosa. Isto foi feito, e eles foram colocados de pé no centro do círculo. As luzes foram apagadas, o Sr. Stead segurou ambas as mãos da Sra. Wriedt nas suas, e a sessão começou. Pouco depois, viu-se um dos trompetes a erguer-se, mas em vez de sair alguma voz dele, foi atirado à cabeça dele e atingiu-o com um golpe agudo. O segundo trompete comportou-se da mesma maneira.

Stead ficou levemente indignado e exclamou: 'Isto a mim! Levai estes trompetes daqui e mandai-os lavar.' Quando foram trazidos de volta limpos e colocados no círculo, os fenómenos continuaram como de costume, e houve uma sessão satisfatória. Posso mencionar que a conversa de Stead, em todas as ocasiões em que veio, era característica dele. Ninguém que a ouvisse e que tivesse desfrutado do privilégio de o conhecer em vida podia duvidar de que ele estava perante nós."

"Quarta-feira, 15 de maio. 'Círculo de Julia.' Estava presente um estranho, um médico muito interessado na investigação psíquica... Como de costume, os fenómenos começaram muito rapidamente e continuaram ao longo da sessão com poucas lacunas. O Sr. Stead falou. Deu as boas-vindas ao médico ao círculo, e saudou-me a mim e a outros membros. Um índio veio e disse à Sra. Wriedt que o seu marido, em Detroit, Michigan, escorregara nos degraus exteriores que davam para a casa e fizera uma entorse no tornozelo. (Uma carta recebida mais tarde confirmou este facto)."

"Quarta-feira, 29 de maio. William Stead, júnior, que partira vários anos antes do seu pai, veio e conversou com a sua irmã. Ela disse-lhe que reconhecia a sua voz da mesma forma que no ano passado. Posso apoiar a Srta. Estelle nesta afirmação. Há algumas vozes de espíritos que notei que nunca mudam, e uma delas é a do jovem Stead. Já falei frequentemente com ele; a voz e a forma de falar são sempre precisamente as mesmas.

Um marido e uma esposa foram visitados pelo seu filho, que conversou com eles durante vários minutos. A senhora à minha esquerda entrou em contacto com o jovem Brailey, que se afogara no *'Titanic'*... Julia manifestou-se e saudou a Srta. Estelle Stead e todos os membros do círculo."

"Quarta-feira, 19 de junho. Os membros do 'Círculo de Julia' reuniram-se na sala de estar, onde examinaram uma fotografia tirada naquele dia na sala de sessões, às escuras, por uma senhora. A imagem é, sem dúvida, de origem psíquica. Mostra a cabine com a porta aberta e aparentemente partida, uma vigia, cordas penduradas por ali, e um rosto que é muito parecido com W. T. Stead. Subimos então as escadas para a sala de sessões.

A psíquica apagou as luzes e, antes que ela tivesse tempo de regressar à sua cadeira, ouviu-se a voz do 'Dr. Sharp'. Ele saudou os presentes pelo nome e manteve uma breve conversa, em voz clara, com três deles. Iola falou comigo e, depois, saudou os presentes com um pequeno discurso. Foi instantaneamente seguida pelo Sr. Stead, que falou rapidamente com a sua filha sobre assuntos privados.

Disse então, com referência a uma narrativa sobre a sua vida que ia ser escrita pela sua secretária particular: ‘Quero avançar bem. Quero que a Edith a escreva como eu quero.’ Um dos presentes comentou: ‘Ele está com pressa.’ W. T. Stead: ‘Alguma vez me viram demorar o meu tempo com o que quer que fosse?’ Houve um coro de ‘Não!’ de todos os presentes. W. T. Stead: ‘Como está, Almirante?’ Almirante Moore: ‘Encantado por ouvi-lo novamente.’ Seguiram-se algumas palavras finais para a sua filha. Almirante Moore: ‘Pode falar-nos sobre a fotografia?’ W. T. Stead: ‘A fotografia representa o que aconteceu no *‘Titanic’*, o mais próximo que vos posso dar.’ Almirante Moore: ‘Essa é a porta da sua cabine?’ W. T. Stead: ‘Sim, e a vigia.’ ... Julia manifestou-se agora, como de costume, para encerrar a sessão, e falou em termos elogiosos sobre o Sr. Stead.

Enquanto ela falava, ouviu-se um grito: ‘Vitral, Julia.’ A última tirada do Sr. Stead foi — para mim — o facto probatório mais marcante da sessão. Ele estava, em vida, rodeado por um grupo de mulheres que o adoravam pela sua amável simpatia. Quando uma delas se aproximava dele com algum discurso elogioso, ele, de bom humor, desviava o assunto dizendo ‘Vitral’.”

“Quarta-feira, 30 de julho. Assim que as luzes se apagaram, o ‘Dr. Sharp’ deu uma saudação geral aos presentes. Depois, viu-se um grande número de luzes de espíritos, um clarão de luz no teto da sala, e uma eterealização parcial. Havia uma cabeça iluminada e alguma substância branca por baixo, mas as feições não eram distinguíveis. Depois, uma voz disse: ‘Iola, aquele era o Sr. Stead.’ ... Muitos espíritos manifestaram-se aos seus amigos. W. Stead, júnior, falou durante muito tempo com a sua irmã Estelle. Pedi-lhe que desse os meus melhores cumprimentos ao seu pai. Ele respondeu: ‘Ele ouve-o, Almirante.’

Não me sinto justificado a revelar as centenas de detalhes privados que surgiram e trouxeram convicção a participantes individuais. Mas estas notas podem ser suficientes para confirmar as declarações reiteradas de todos os investigadores sérios durante os últimos quarenta anos: os melhores resultados só podem ser alcançados se o círculo for composto pelas mesmas pessoas, reunidas no mesmo dia da semana, à mesma hora. W. T. Stead valorizava

devidamente estas reuniões semanais, mas considerava-as apenas como agradáveis incidentes periódicos no seu magnífico plano de, eventualmente, permitir a todos, jovens e velhos, fortes e fracos, ricos e pobres, entrar em contacto com aqueles que tinham amado e que temiam ter perdido."

ESSE MAGNÍFICO PLANO ERA O JULIA'S BUREAU, que custava, pelo menos, mil libras por ano a manter. A maior parte das quais, recorde-se, o Sr. W. T. Stead pagava do seu próprio bolso. Nunca na história do Espiritualismo Moderno houve um esquema filantrópico concebido de forma mais nobre para colocar o investigador zeloso e o falecido em contacto. No plano da terra, a vontade indomável do Sr. Stead, a energia excessiva e a mão benevolente à frente dos assuntos farão falta.

DECLARAÇÃO DE E. R. SEROCOLD SKEELS, DE 55, CHANCERY LANE, LONDRES

"Não há ninguém por quem eu tivesse maior consideração do que o Sr. Stead. Sinto como se tivesse perdido, no que diz respeito a este plano, um parente próximo e querido. Ajudei-o a formar o *'Julia's Bureau'* em abril de 1909, e nunca cessei a minha ligação com o mesmo. Tenho, pendurada no meu escritório, uma fotografia de Julia, assinada por ela (através da mão automática do Sr. Stead): 'Ao Hon. Tesoureiro do Meu Bureau, Julia A. Ames.' Antes de investigar praticamente os fenómenos, li as experiências de sábios e cientistas, tais como A. R. Wallace, Sir William Crookes e o Professor Richet. E quando li sobre as tempestades de abuso e incredulidade que os tinham acolhido, senti que estes eram homens que tinham tudo a perder e nada a ganhar com a publicação de verdades que eram tão desagradáveis, e que certamente teriam guardado silêncio se tivessem a menor dúvida quanto à realidade dos fenómenos de que testificavam. Tenho uma mente algo analítica e recusei sempre aceitar uma explicação supernormal para um fenómeno até que todas as normais tivessem sido eliminadas.

O Sr. Stead, na sua maneira bem-humorada, repreendia-me continuamente por levar esta característica longe demais. E eu era

chamado por ele de ‘o investigador psíquico do Bureau’. A ignomínia desta marca será reconhecida por aqueles que ouviram as suas opiniões sobre a S.P.R.! Referindo-me às sessões com a Sra. Wriedt, que são descritas noutro local, tive várias reuniões com ela no ano passado. E embora me falte ainda receber uma prova conclusiva da identidade das ‘vozes’, tive evidência ampla para me convencer de que os fenómenos eram superfísicos.

A 6 de maio deste ano, assisti a outra sessão com a Sra. Wriedt, sendo todos os presentes amigos pessoais do Sr. Stead. E vi distintamente uma eterealização dele, cabeça e ombros, com a barba ligeiramente mais branca do que me lembro dela. Não sou minimamente clarividente e estou certo de que o que vi foi objetivo.

(Assinado) E. R. SEROCOLD SKEELS.”

DA DEVOTADA SECRETÁRIA CONFIDENCIAL DO SR. STEAD, SRTA. HARPER

“A minha mãe e eu estávamos ambas presentes a 6 de maio. Vimos o Sr. Stead, de forma absolutamente inconfundível, e ouvimo-lo falar.”

EDITH K. HARPER, Londres, 13 de maio. S. A. ADELE HARPER.

O TESTEMUNHO DA SRA. ELLA ANKER, Jornalista, Correspondente em Londres do “Dagbladet Kristiania”.

Numa sessão posterior à mencionada pela Srta. Stead, o Sr. Stead apareceu, sendo isto testemunhado por uma senhora norueguesa e várias outras pessoas. A Sra. Anker diz: —

“A sala estava perfeitamente escura e todos estavam sentados há algum tempo sem ouvir vozes ou ver luzes, quando subitamente o rosto de William Stead apareceu numa luz brilhante. Durou vários

segundos, perfeitamente claro e distinto até desaparecer subitamente. Passado um pouco, o seu rosto apareceu novamente, no canto da sala, agora ainda mais claro. E vimos a sua cabeça e ombros no seu traje habitual.

Depois, a sua voz foi ouvida a falar de forma característica à sua maneira. Todos distinguimos o que ele disse.

ELLA ANKER."

E onze assinaturas de todos os presentes.

DECLARAÇÃO DO MAJOR-GENERAL SIR ALFRED TURNER, K.C.B., antigo Inspetor-Geral das Forças Auxiliares no Ministério da Guerra.

Este distinto oficial é tão corajoso na investigação psíquica quanto se provou ser no serviço militar. Apresento a declaração tal como foi originalmente enviada para a Imprensa.

O SR. STEAD: ESPÍRITO

"Fiz um estudo sério do oculto quase toda a minha vida. Fiz isso na medida em que as obrigações profissionais e outras o permitiram. Nos últimos vinte anos dediquei muito pensamento e tempo à investigação do assunto. Nele estive estreitamente associado a um querido, firme e estimado amigo, o falecido Sr. W. T. Stead. Com ele e com a sua ajuda fui capacitado a adquirir muitas experiências valiosas e mui proveitosas.

Fiquei naturalmente mui entristecido com a sua partida. Na manhã de domingo seguinte ao naufrágio do *'Titanic'*, visitei uma senhora. Ela possui grandes poderes de clarividência. Fiz isso para tentar obter informações sobre ele vindas do outro lado da fronteira. Posso aqui dizer que a clarividente nada sabia sobre o meu conhecimento com o Sr. Stead.

Após alguns momentos, ela viu uma figura de pé atrás de mim. Descreveu-a exatamente como sendo o Sr. Stead. Disse que ele

parecia bastante calmo e feliz, e que segurava uma menina pela mão. Ele não se pôde manifestar a mim diretamente de forma alguma. Comuniquei imediatamente o que tinha visto para Cambridge House, Wimbledon. Era lá que me deveria ter reunido com ele em carne e osso a 11 de maio. Foi-me informado em resposta que uma aparição idêntica do nosso amigo fora vista em Cambridge House. Ele fora visto com o mesmo aspeto descrito por mim e a segurar uma criança pela mão.

Poucos dias mais tarde, realizei uma pequena sessão na minha própria casa. Os participantes eram todos ocultistas sérios e de longa experiência. Mal tínhamos começado quando a voz do Sr. Stead foi ouvida. Ela era bem conhecida de todos os presentes. Ele permaneceu a falar connosco por um tempo considerável, mas não se materializou.

Ele expressou vários desejos a uma senhora de Cambridge House. Ela tinha sido sua secretária particular. Ele descreveu-nos então a sua transição deste mundo para o seguinte. Para ele, além de uma breve luta enquanto o espírito deixava o corpo, isso foi pouco mais do que passar de um lugar para outro. Como seria de esperar com confiança no caso de alguém para quem a morte não tinha terrores. E que a considerava como o meio de passar para um mundo melhor em todos os sentidos do que este.

Disse ainda que se manifestaria visivelmente a mim numa certa noite em Cambridge House. A sua voz sumiu. E embora não o tivéssemos visto, estávamos conscientes de que ele se tinha ido. Nenhum médium profissional ou pago estava presente na ocasião. Mas todos os participantes, em número de sete ou oito, possuíam fortes poderes psíquicos. Eram, de facto, mais ou menos médiuns. A sessão realizou-se com portas trancadas na minha biblioteca. O que ouvi foi ouvido por todos os presentes. Não eram possíveis truques, fraude ou deceção.

Poucos dias depois, assisti a uma sessão em Cambridge House na noite aprazada. A Sra. Wriedt estava presente. Ela é a médium americana maravilhosamente dotada. Nesta ocasião, o nosso amigo não falou. Mas mostrou-se duas vezes a nós por menos de um minuto de cada vez. Parecia perfeitamente calmo e feliz, e sorriu

benignamente para nós. Mas aparentemente não podia erguer a voz ou responder a nenhuma das perguntas que lhe fizémos. O círculo era misto e de modo algum forte. Tivemos muito poucos resultados ou demonstrações de qualquer espécie. Como é sempre o caso quando o poder psíquico dos presentes é pequeno.

Estas são algumas das minhas experiências nas regiões do espiritualismo. Tivessem elas ocorrido apenas a mim próprio, teria parecido não descabido a muitos concluir que eram as emanações de um temperamento altamente sugestionável e imaginativo. Considero, contudo, que poucos dos que pensam minimamente sobre o assunto pretenderão acreditar nisto. Ou seja, que a alucinação coletiva e simultânea possa justificar a suposta aparição de fenómenos.

O que vi e ouvi a este respeito tem sido visto e ouvido comigo por inúmeros outros de tempos a tempos. Tenho até agora evitado escrever as minhas experiências de ocultismo. Mas registo-as agora até certo ponto como muitos outros registaram as suas. Faço-o independentemente do comentário hostil que possa surgir por o fazer. Se a consideração destas experiências trouxer conforto às mentes de uns poucos que seja, ficarei totalmente satisfeito."

CAPÍTULO VI

Fenómenos Notáveis à Luz,

e a Nova Eterealização do Sr. Stead

DECLARAÇÃO DE FELICIA R. SCATCHERD ("Felix Rudolph.")

"Nenhum registo da fase de fenómenos descrita abaixo parece ter chegado até si. Por isso, envio o seguinte extrato das minhas notas. Foram escritas imediatamente após o acontecimento.

Os fenómenos repetiram-se uma quinzena mais tarde, com ligeiras variantes.

29 de maio de 1912. Julia's Bureau. Tínhamos quase terminado a ceia. A luz elétrica estava toda acesa. Estávamos todos a conversar. A Sra. Wriedt falava-nos sobre o seu primeiro encontro com o Sr. W. T. Stead. Foi quando vi o Sr. Mallinson a olhar com olhos sobressaltados para o arbusto mui grande de margaridas. Este arbusto tem ocupado a cadeira do Sr. Stead à cabeceira da mesa da sala de jantar durante o último mês.

A Sra. Wriedt sentava-se do lado direito da mesa, e eu do esquerdo, de frente para ela. Portanto, a planta estava entre nós. Segui o olhar do Sr. Mallinson para as flores mais próximas da Sra. Wriedt. Elas estavam em movimento agitado uma após a outra, e depois todas juntas. O resto da planta estava quieto. Mas, enquanto eu olhava, a flor mais alta moveu-se sozinha. Mais tarde, outras 'curvaram-se', como disse um dos convidados.

'Muito bem! Agora mova a planta inteira', exclamei. Ela virou-se, vaso e tudo, em minha direção.

'Talvez possa mover a cadeira também!'

Quase imediatamente, a cadeira foi torcida de um ângulo reto para uma posição de quarenta e cinco graus em relação à mesa. De modo que o canto esquerdo da cadeira ficou virado para mim. Depois, mantendo ainda essa posição com referência à mesa, foi deslocada seis ou oito polegadas para mais perto de onde eu estava sentada. Sentimos todos o chão, as paredes e as janelas a vibrar. Já experienciei duas vezes choques de sismo nas Ilhas Jónicas. A sensação foi semelhante.

A Sra. Harper clamou: 'Assim mesmo, Chefe! cumpra a sua palavra!' Estávamos todos sentados afastados da mesa. Fizemos isso para ter a certeza de que nenhuma ação involuntária tinha abalado a planta, após termos notado os seus movimentos. Sugeri que se baixassem as luzes. O interruptor elétrico foi desligado, deixando-nos na escuridão, exceto pela luz vinda de fora.

Três choques violentos fizeram as janelas tremer. A loiça tilintou, e as paredes e o chão foram abalados por um movimento vibratório profundo. Movimento esse que só posso comparar, como disse, às minhas experiências de sismo. Este movimento foi acompanhado pelo

som de passos pesados. Passos como os de alguém a marchar ruidosamente pela sala. Depois tudo ficou quieto. Acendemos as luzes.

Houve um ou dois ligeiros movimentos de flores depois disso, caso contrário nada mais ocorreu. A cadeira é pesada. Tinha-se movido para a esquerda cerca de oito polegadas. Tendo previamente rodado sobre a sua perna traseira direita ao longo de um arco de quarenta e cinco graus.

Sra. Harper, por que razão disse: 'Assim mesmo, Chefe! cumpra a sua palavra?'

A explicação foi que, cerca de uma quinzena antes de deixar a Inglaterra, numa quarta-feira na Ceia do Bureau, o Sr. Stead mostrou-se algo desdenhoso das 'pancadas' que não conseguia ouvir muito bem. 'Quando eu voltar, marcharei ruidosamente pela sala e farei tremer o chão e as janelas. Não haverá erro quanto à minha presença ali!' ou palavras com esse efeito. Eu estava na Grécia nessa altura. A afirmação foi confirmada por todos os presentes na ocasião."

A Sra. Mallinson, de Kingston-on-Thames, que já testemunhou o regresso do Sr. Stead, teve a bondade de me informar do seguinte. Ela teve o privilégio de participar no Círculo de "Julia" por quase três anos, na casa de Wimbledon do Sr. Stead, e diz: —

"Sentei-me ao lado do Sr. Stead à ceia duas ou três semanas antes da sua viagem fatal. E ouvi-o dizer que, quando voltasse do outro lado, faria tremer o chão e as paredes e marcharia ruidosamente pela sala. Também estava presente à ceia a 29 de maio, quando a sala foi abalada como que por um sismo. Tive de me agarrar à mesa, pois a minha cadeira balançava. Ouvi passos pesados pela sala e vi a cadeira do Sr. Stead a mover-se sozinha."

Que as manifestações do Sr. Stead fossem mais marcadas em Cambridge House do que noutro local não é surpreendente. Não estavam as próprias paredes e o mobiliário carregados com o seu magnetismo e presença viril quando ele estava no corpo? Não estavam todas as pessoas presentes em máxima simpatia com o Sr. Stead, o seu espiritualismo e esquemas para o bem maior, quando ele estava no plano físico? Eram pessoas que se reuniam com ele no círculo de

“Julia”, com um só acordo e propósito. Esse propósito era que a comunhão espiritual provasse ser uma bênção para os outros. E, finalmente, não contavam com a presença de uma médium excecionalmente dotada na Sra. Wriedt? Sob todas estas circunstâncias, não é surpreendente que o Sr. Stead fosse capaz de dar estas manifestações marcantes. E fê-lo na sua própria casa, na presença da sua amada filha Emma, chamada Estelle, e de amigos dedicados.

O TESTEMUNHO DO CONDE CEDO MIYATTOVICH.

O Conde testemunha ter visto e ouvido o Sr. W. T. Stead pouco depois da sua partida. Isso aconteceu na quinta-feira, 16 de maio, e na sexta-feira, 24 de maio, em Cambridge House. O seu testemunho é valioso, pois o Sr. Stead era um velho e querido amigo. É corroborado por testemunhas respeitáveis e é dado em atenção a um forte sentido de dever. O Conde não estava convencido quanto aos fenómenos do Espiritualismo até ter estas experiências. Na sua carreira pública, foi Embaixador junto à Corte de São Tiago nos reinados das Suas falecidas Majestades a Rainha Vitória e o Rei Eduardo.

A evidência lembra-me um incidente extraordinário em que o Sr. Stead e ele estiveram envolvidos. Ou seja, serem testemunhas da previsão dramática no ano de 1903, pela vidente de Yorkshire, Sra. Burchell, sobre o assassinato do Rei e da Rainha da Sérvia. Previsão essa que se cumpriu tragicamente logo a seguir, enchendo a Europa e a Grã-Bretanha de horror.

“Tendo ouvido dizer que na casa do Sr. W. T. Stead, em Wimbledon, estava alojada a notável médium americana, Sra. Wriedt, com quem o Vice-Almirante Moore fizera experiências, dirigi-me lá. Fui acompanhado pelo meu amigo, Sr. H. Hinkovitch, Doutor em Direito e um distinto Advogado em Agram (Croácia), que acabara de chegar a Londres.

Quinta-feira, 16 de maio, 10h30. A Sra. Wriedt levou-nos ao Julia's Bureau. Como eu já estivera noutra ocasião nessa sala e examinara o gabinete com vários médicos alemães, não considerei necessário fazê-lo nesta oportunidade.

Eu e o Dr. Hinkovitch sentámo-nos perto um do outro no centro da sala, de frente para o gabinete. A Sra. Wriedt não entrou no gabinete, mas sentou-se todo o tempo numa cadeira perto de mim. Ela colocou um tubo acústico de folha (Megafone) em frente ao meu amigo. Ligou um relógio musical automático e apagou todas as luzes, de modo que ficámos em perfeita escuridão.

Quando uma bela melodia de caráter algo sagrado foi terminada pelo relógio, a Sra. Wriedt disse-nos que as condições eram mui boas. E que seríamos capazes não só de ouvir, mas também de ver alguns espíritos. 'Sim', continuou ela, 'aqui está o espírito de uma jovem mulher. Ela acena-lhe, Sr. Miyattovich; não a vê?' Eu não a vi, mas o meu amigo viu um pedaço de névoa oblongo e iluminado. 'Ela sussurra-lhe', continuou a Sra. Wriedt, 'que o seu nome é Mayell — Adela ou Ada Mayell!' Fiquei estupefacto. Há apenas três semanas falecera a Srta. Ada Mayell, uma amiga minha mui querida a quem eu era profundamente ligado. Mas, naquele momento, não houve outra manifestação dela. Desapareceu sem dizer mais nada além do seu nome.

No momento seguinte, uma luz apareceu por trás da médium. Moveu-se da esquerda para a direita do gabinete, como se fosse transportada lentamente por uma brisa suave. Ali, naquela luz em lento movimento, estava não o espírito, mas a própria pessoa do meu amigo, William T. Stead. Ele não vinha envolto em mantos brancos, como tenho visto espíritos noutras sessões, mas sim com o seu traje habitual de passeio! Ambos, eu e a Sra. Wriedt, exclamámos em voz alta de alegria. O meu amigo Hinkovitch, que apenas conhecia o Sr. Stead por fotografias, disse: 'Sim, esse é o Sr. Stead!'

O espírito do Sr. Stead acenou-me de forma amigável e desapareceu. Meio minuto depois, apareceu novamente e colocou-se oposto a mim (mas um pouco mais elevado acima do chão). Ficou a olhar para mim e a inclinar-se em minha direção. E, um pouco mais tarde, apareceu ainda pela terceira vez. Foi visto por nós os três de forma ainda mais clara do que antes. Após o seu terceiro desaparecimento, senti que o tubo acústico foi movido em direção ao meu rosto, e então ouvimos todos os três distintamente estas palavras: —

‘Sim, sou o Stead — William T. Stead! E, meu querido amigo Miyattovich, estou tão feliz por ter vindo aqui. Eu próprio vim aqui expressamente para lhe dar uma nova prova de que há vida após a morte, e de que o Espiritismo é verdadeiro. Tentei persuadi-lo disso enquanto estive aqui, mas o senhor hesitou sempre em aceitar essa verdade.’

Ali interrompi-o, dizendo: ‘Mas sabe que sempre acreditei no que me dizia!’

‘Sim’, continuou ele, ‘acreditava porque eu lhe contava algo sobre isso. Mas agora venho aqui trazer-lhe uma prova do que lhe contava. Desejo que não apenas acredite, mas que saiba (pronunciando esta palavra com grande ênfase) que há realmente uma vida após a morte, e que o Espiritismo é verdadeiro! Agora, adeus, meu amigo! Sim, aqui está Adela Mayell, que deseja falar-lhe!’

Stead nunca conheceu a Srta. Adela Mayell nesta vida, nem jamais ouvira o seu nome antes. Ela falou-me então na sua maneira afetuosa e generosa. Não há necessidade de relatar aqui tudo o que me disse. A Sra. Wriedt e o Sr. Hinkovitch ouviram cada palavra que ela proferiu.

Depois, para espanto meu e do meu amigo croata, uma voz forte começou a falar com ele na língua croata. Era um velho amigo, médico de profissão, que falecera subitamente de doença cardíaca. A Sra. Wriedt, pela primeira vez na sua vida, ouviu como soa a língua croata.

Eu e o meu amigo croata ficámos profundamente impressionados com o que tínhamos testemunhado naquele dia, 16 de maio, entre as 11 e as 12 horas do meio-dia. Falei disso a muitos dos meus amigos como a experiência mais maravilhosa da minha vida. Falei disso à mulher mais científica da Alemanha, a Frau Professora Margarette Selenka. Ela acabara de regressar de Tenerife, onde estava a estabelecer uma estação para a observação científica de macacos.

A Sra. Selenka veio a Londres para ouvir todos os detalhes da catástrofe do *‘Titanic’*, na qual o seu grande amigo, W. T. Stead, perecera. Combinámos ter uma sessão privada com a Sra. Wriedt na sexta-feira, 24 de maio, à uma hora. Essa sessão realizou-se no Julia's

Bureau, mas, exceto uma voz ter gritado uma vez: ‘sentem-se quietos na cadeira!’, nenhuma outra manifestação ocorreu. Por combinação com a Sra. Wriedt, eu e a Sra. Selenka regressámos à noite.

E, às oito horas, tivemos uma sessão. Nela, além da Sra. Selenka e de mim próprio, estavam presentes a Sra. e a Srta. Harper, e uma senhora mui charmosa cujo nome não apurei. Passado pouco tempo do início da sessão, vimos todos o Sr. Stead aparecer, mas dificilmente por mais de dez segundos. Desapareceu, para reaparecer novamente um pouco mais distinto, mas não tão claramente como aparecera para mim a 16 de maio. Essa foi a única manifestação de materialização daquela noite. Mas, como compensação, tivemos maravilhosas e variadas manifestações de voz. O Sr. Stead manteve uma longa conversa com a Sra. Selenka e uma curta comigo. Lembrou-me de um incidente que, há dois anos, ocorrera no seu escritório em Mowbray House. Depois, novamente, a Srta. Ada Mayell falou-me.

Contou-me, entre outras coisas, que sabia que as suas irmãs e a sua sobrinha me escreviam, como ela desejara que fizessem. Depois dela, a minha própria mãe veio e falou-me na nossa própria língua sérvia de forma mui afetuosa. A Sra. Selenka teve uma conversa mui comovente com o seu marido, o Professor Lorentz Selenka, da Universidade de Munique. E também com a sua própria mãe, que falecera no ano passado em Hamburgo. Ambas as conversas foram mantidas em alemão.

DECLARAÇÃO DE Mons. W. de KERLOR, 1, Piccadilly Place, Londres, W., 27 de agosto de 1912.

Este cavalheiro é um linguista dotado. O Sr. W. T. Stead manteve muitas conversas com ele. Daí a referência na comunicação. Com isso não nos preocupamos.

O que é de maior importância para nós são dois factos proeminentes. Primeiro, o Sr. de Kerlor conhecia o Sr. Stead em vida. Segundo, ele é testemunha do regresso do Sr. Stead.

Ele viu-o em duas ocasiões. E ouviu-o falar consigo próprio. Isto aconteceu na presença da Sra. Anker, a jornalista norueguesa. Também do Sr. Yeats, o dramaturgo irlandês. E da Sra. Harper, da Srta. Harper (secretária particular do Sr. Stead) e de outros.

“Na terça-feira, 18 de junho, no Julia's Bureau, Wimbledon, assisti a uma das sessões mais convincentes. Foi a melhor a que assisti nos últimos dez anos. Durante a primeira meia hora não ocorreram manifestações.

Depois juntámo-nos para cantar um hino favorito do Sr. W. T. Stead. E para recitar o Pai Nosso. Não tivemos de esperar muito. Vários participantes exclamaram que viam luzes. Eram bolas vermelhas de luz a voar pela sala de um lado para o outro. Vimo-las de forma objetiva.

A médium esteve normalmente consciente durante toda esta sessão. Ou seja, completamente acordada. Ela começou a dar uma ou duas ‘descrições’. Seguiu-se um comentário geral.

Foi então que a Srta. Harper e a Sra. Wriedt me perguntaram algo. Queriam saber se eu tinha impressões ou visões de coisas ao redor. Respondi que conseguia ver distintamente uma letra ‘A’. E o símbolo de uma âncora.

A senhora sentada à minha direita exclamou logo: ‘Mas esse é o meu marido! Ele faleceu há pouco tempo. Esse é o meu nome, sou a Sra. Anker. Sinto a certeza de que ele virá falar comigo através do trompete.’

Isto foi mui interessante. Eu nunca tinha visto a senhora antes. Nem sequer fomos apresentados. E foi ainda mais interessante devido à forma singular do espírito. Ele estava a tornar a sua presença conhecida através de um símbolo pictórico.

Depois continuei com a descrição do perfil de um homem. Ele tentava abrir a boca como se quisesse falar. O perfil parecia-se com o do Dr. J. M. Peebles, da América. A médium também pensou isso. O Dr. Peebles, por sinal, ainda está vivo.

Logo a seguir a isto, o rosto do Sr. W. T. Stead apareceu mesmo à minha frente. Veio da direção da médium. Estávamos todos a debater a nacionalidade e a identidade do perfil. Subitamente, a voz do Sr. Stead falou de uma maneira mui poderosa. Sobressaltou toda a gente, e a mim em particular.

As suas primeiras palavras foram proferidas com grande ênfase. Ele disse: —

‘Meu querido Sr. de Kerlor, — Meu querido rapaz, perdoe-me por não ter prestado atenção às previsões e avisos que me deu.’

Depois, voltando-se subitamente para os outros membros da assistência, disse: ‘Declaro, e desejo que todos aqui presentes saibam, que este cavalheiro, o Sr. de Kerlor, profetizou-me a morte que aí vinha, problemas, desastres. E lamento tanto não ter dado mais atenção às suas previsões. Não gostei de as ouvir na altura.’ A voz foi mui enfática ao fazer esta declaração.

Nessa altura eu estava bastante dominado pela emoção. Recuperei rapidamente o meu autocontrolo. Lembrei o Sr. Stead da minha última visita. Esta ocorrera cerca de três ou quatro semanas antes da sua partida para a América. E referi a sua impossibilidade de me ver por estar ocupado com um artigo para o seu jornal.

A sua voz tornou-se então singularmente patética. Estava sufocada pela emoção. Esta foi uma particularidade notada na voz nessa noite. Ele disse: ‘Sim, sim, eu estava tão ocupado. Oh, se ao menos tivesse compreendido!... mas o tempo é tão curto!’ Seguiu-se uma pequena conversa de natureza pessoal.

Ele encorajou-me em palavras calorosas. E impeliu-me a continuar o trabalho de provar a verdade do regresso dos espíritos.

Quando respondi que às vezes tivera dúvidas, mas que agora acreditava plenamente, os tons do Sr. Stead tornaram-se logo enfáticos. Era a sua característica. Ele disse com grande força: ‘Não deve dizer que acredita — deve dizer que sabe.’

Pedi-lhe então que descrevesse os seus últimos momentos. E a forma da sua transição. Ao que ele respondeu que morreu de um choque contra o lado direito da testa. E que a sua vida física estava extinta antes de chegar à água. Quando o barco mergulhou, ele foi de cabeça e não se lembrou de mais nada!

Conversámos praticamente durante quase meia hora contínua.

Todos ficaram encantados por ter recebido uma prova tão convincente do regresso do espírito. A manifestação foi tão real. A voz era tão exatamente igual à dele em vida. As palavras e as afirmações enfáticas em cada detalhe eram tão parecidas com ele próprio. Tudo foi tão completo e tão impressionante. E a realidade da personalidade do Sr. Stead era tão tangível.

Quando a voz cessou, quase nos perguntámos se ele não teria estado corporalmente presente. Parecia incrível que tivéssemos estado a ouvir alguém que partira há tão pouco tempo para o grande além.

Para encerrar a reunião, a voz de 'Julia' foi ouvida através do trompete. E ela desejou-nos boa noite.

Na sessão realizada a 25 de junho, muitos amigos vieram ter comigo. Falaram em inglês. O meu avô falou em francês. E um velho amigo em alemão. Respondi a cada um individualmente nessas línguas.

O Sr. Stead veio novamente e tivemos uma conversa. Perguntei ao Sr. Stead se ele me ajudaria durante a palestra no Clube. E ele respondeu — 'Claro que sim, com todo o agrado. Mas lamento não poder estar convosco o tempo todo. Tenho de ir à minha outra reunião. Sabe, o meu serviço memorial a realizar no Queen's Hall (26 de junho). Mas farei o meu melhor para o ajudar! Estou feliz por o Dr. Wallace presidir! Isso é bom! É como deve ser!'

A observação sobre o Dr. Wallace espantou-me. Nem um único mortal sabia que o Dr. Wallace ia presidir. Eu tinha abordado o doutor, mas ele mostrara-se relutante. E foi só ao meio-dia do dia 26 que ele consentiu pelo telefone. Aceitou ser o meu presidente nessa noite. Não preciso de prova mais convincente do regresso do Sr. Stead."

Como o Mons. de Kerlor é um psiquista profissional, senti o dever de não apresentar a sua declaração sem uma forte prova corroborativa. Apresento-a agora.

CERTIFICADO IMPORTANTE

Terça-feira à noite, 18 de junho de 1912.

“Na sessão da Sra. Wriedt esta noite, o Sr. Stead falou através do trompete. Falou claramente e com grande ênfase. Saudou o M. de Kerlor. Lembrou-o da sua profecia relativa à morte e ao desastre. E disse: ‘Não gostei de a ouvir na altura, mas o senhor provou estar certo…’

Encorajou o M. de Kerlor a continuar o trabalho de provar a verdade do regresso dos espíritos. E quando este último respondeu que às vezes duvidara, mas que agora acreditava plenamente, o Sr. Stead respondeu com grande força: não deve dizer que acredita, deve dizer que SABE.”

Assinado pelos seguintes, que estavam presentes e ouviram o que precede: — E. R. Richards, W. B. Yeats, M. Jacob, S. A. Adela Harper, Nini Blom, Herbert Platt, Etta Wriedt, Wm. Blom, Ella Anker, Martin Steinsvik, W. de Kerlor, Edith Katherine Harper, Secretária, Julia's Bureau.

MEMORANDO

“A 23 de fevereiro de 1912, no International Psychic Club, o M. W. de Kerlor deu-me uma mensagem simbólica para o Sr. Stead. Fez isso no final da palestra sobre ‘Projeções Astrais’. Foi sob a forma de uma visão clarividente.

Ele descreveu um navio enorme. Do qual apenas conseguia ver a parte traseira. No lugar do nome do navio, viu uma quantidade de coroas de perpétuas. Ele interpretou isto como significado de problemas e dificuldades. E de uma condição mui sombria em ligação com o Sr. Stead.

Também descreveu outra visão simbólica. Uma pedra chamada ágata. No meio da qual o Sr. Stead estava de pé, com os veios da pedra a cercá-lo. Isto denotava, disse o M. de Kerlor — limitações, dificuldades e problemas dos quais ele não se conseguia libertar. Esta pedra, disse-me o M. de Kerlor, é simbólica de funerais e luto. E era atribuída pelos antigos à influência maléfica do planeta Saturno.

A minha mãe estava presente e ouviu o M. de Kerlor dizer isto. E junta a sua assinatura à minha em testemunho da exatidão do que precede.”

EDITH K. HARPER, Secretária, Julia's Bureau, Cambridge House, Wimbledon, 25 de junho de 1912.

S. A. ADELA HARPER

Pelas corroborações precedentes, ver-se-á que o testemunho do Mons. de Kerlor está correto quanto ao que a 'voz' disse. Também se vê que afirmações sombrias foram feitas em várias ocasiões. Isso aconteceu entre setembro de 1911 e a partida do Sr. Stead para a América em abril de 1912.

Um exame cuidadoso de toda a evidência torna claro para mim um facto. O Sr. Stead não teve nenhum aviso definitivo de qualquer fonte antes de deixar a Inglaterra.

Não posso fazer melhor do que concluir estes testemunhos relativos às manifestações do Sr. Stead em Cambridge House. Faço-o extraindo uma passagem de uma carta da Srta. Estelle Stead. Carta esta dirigida à Sra. Bright, do *Harbinger*, de Melbourne. A Srta. Stead diz: —

"O seguinte foi retirado das minhas notas de uma sessão. O meu irmão Jack e eu tivemo-la com a Sra. Wriedt. Tenho a certeza de que lhe interessará.

'23 de junho — A Sra. Wriedt apagou as luzes. Ficámos a conversar por alguns minutos quando a Sra. Wriedt ligou a caixa de música. Estávamos os três sentados juntos, bem afastados do gabinete, no centro da sala. Pouco depois vimos uma luz no gabinete. E em escassos momentos vimos o rosto eterealizado do Pai.

Não era uma eterealização tão clara como a que eu tinha visto antes. Mas era inconfundivelmente o Pai. Ele parecia estar a levar a mão ao rosto. Saiu do gabinete e veio direito a nós. Desapareceu e pouco depois vimo-lo novamente.

Desta vez não se moveu do gabinete. E a eterealização estava mais clara. Virou-se para o meu irmão e para mim e sorriu.

Novamente desapareceu. Depois, mais uma vez, vimos o querido rosto. E desta vez veio mesmo até nós. Desapareceu de novo e esperámos escassos segundos. E então o meu irmão Will falou através

do trompete. Saudou-nos a ambos. E disse que o Pai nos falaria em escassos momentos.

E cedo ouvimos a querida voz forte do Pai. Estava cheia de emoção quando nos saudou a ambos. Depois disto conversámos por cerca de meia hora.

Às vezes o Pai perdia força devido à sua sofreguidão. E deixava cair o trompete. Então o Will apanhava-o. E com a sua voz calma e tranquila explicava o que tinha acontecido. E enquanto o Pai recuperava a força, o meu irmão conversava connosco. Às vezes voltava-se de nós e fazia uma pergunta ao Pai. E ouvimos então o murmúrio das duas vozes. Após o que o Will se voltava para nós novamente.' "

Considerando tudo o que foi avançado até esta fase, posso dizer com segurança uma coisa. Seguramente a evidência dada do regresso do Sr. Stead pode ser aceite. E as afirmações feitas nos controlos através da Sra. Coates foram amplamente verificadas.

Mais adiante apresento testemunho pessoal verificado. Foi verificado por sete e por catorze pessoas sanas e sensatas. Refere-se às eterealizações e às manifestações de 'voz direta' do Sr. Stead em Glenbeg House.

CAPÍTULO VII

Fotografias Psíquicas do Sr. W. T. Stead

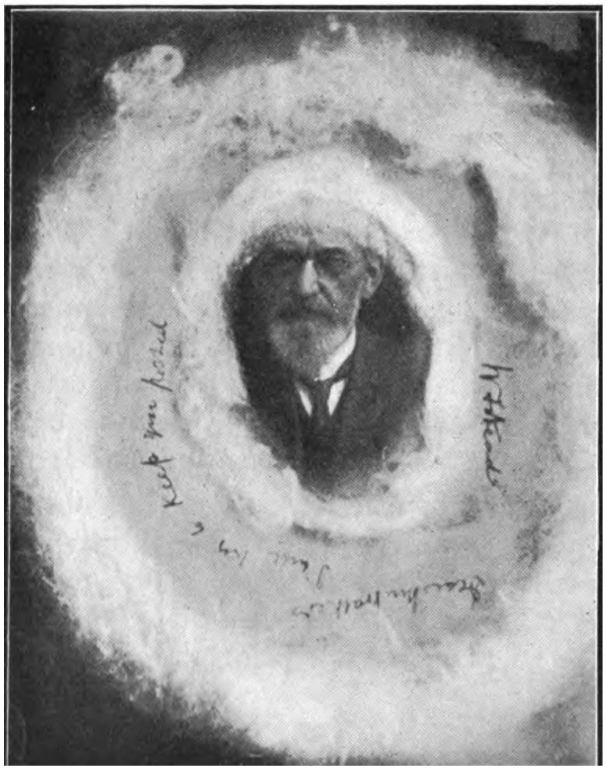
Admitindo pelas evidências precedentes nos capítulos anteriores uma coisa. Ou seja, que foi possível para o Sr. Stead manifestar-se por vários meios conhecidos por ele em vida. É provável que tentasse fazê-lo pelo que se chama 'Fotografia de Espíritos'. Pois ele tinha dado muita atenção a este assunto.

Não me proponho tratar dos factos ou problemas das fotografias produzidas por espíritos. Isso estaria fora do nosso propósito atual. Mas no texto seguinte resumo as evidências disponíveis. Refiro-me às fotografias psíquicas do Sr. W. T. Stead.

DECLARAÇÃO DO SR. WILLIAM WALKER

Este cavalheiro tem uma experiência fotográfica que se estende por mais de 42 anos. E tenho a máxima confiança na sua integridade. Bem como na sua capacidade para testemunhar factos observados. E com ela apresento o testemunho da secretária do Sr. Stead quanto à caligrafia do seu chefe.

"Em setembro de 1911, desloquei-me ao escritório do Sr. Stead. Queria mostrar-lhe o meu álbum de fotografias psíquicas. Ele agradeceu-me o gesto. E esperava que eu continuasse a acompanhar o assunto. Pois considerava que a fotografia psíquica tinha bom valor — como evidência, escuso de dizer. Desejou ainda que eu o mantivesse informado a respeito de sucessos futuros.



Fotografia Psíquica da caligrafia de Stead

Tinha obtido outras fotografias psíquicas entre 21 de setembro de 1911, a data da minha visita ao Sr. Stead, e a data da triste calamidade do *"Titanic"*. Não lhe tinha, porém, enviado cópias. Vi pelos jornais que ele estava totalmente ocupado.

Quando a triste calamidade e a perda do Sr. Stead apareceram nos jornais, a minha esposa disse: 'Prometeste manter o Sr. Stead informado, mas agora é demasiado tarde.' Senti-me mui triste com a perda de tantas vidas. E por pensar que entre elas estaria a do Sr.

Stead. Ele era um campeão de tudo o que era bom e verdadeiro. Em resposta à minha esposa, disse: ‘Muito bem, possivelmente ele compreenderá por que não lhe escrevi. E por que não lhe enviei as cópias como prometi. Mas ele talvez tente manter-me informado.’

A 6 de maio de 1912, visitei Crewe. Sentei-me com os meus amigos para a fotografia psíquica. Foram feitas condições de teste estritas. E usámos as nossas próprias placas. Foi usado apenas um caixilho duplo opaco. Coloquei as placas no caixilho. E tirei-as após a exposição através da câmara. Também as desenvolvi. A placa n.º 1 continha a mesma mensagem que depois se encontrou na placa n.º 2. Mas as letras estavam invertidas. A mensagem dizia o seguinte: ‘Querido Sr. Walker, tentarei manter-me informado. — W. T. Stead.’

O que poderia ser mais oportuno do que a mensagem em resposta às minhas palavras? Refiro-me às palavras ditas à minha esposa, como antes referi. Também a caligrafia do Sr. Stead é do tipo exibido na placa fotográfica. Os participantes não podiam produzir aquilo a partir do pensamento. Pois estavam ignorantes a esse respeito.

A seguir — ter-nos-á outro espírito dado a mensagem? Uma mensagem na caligrafia reconhecida de qualquer homem ou mulher é considerada boa evidência. Seja a favor ou contra, nos nossos Tribunais de Justiça. Por que não neste caso?

A 29 de maio de 1912, sentei-me novamente para fotografias psíquicas com os meus amigos de Crewe. Na placa n.º 1, apareceu uma cruz. Estendia-se desde cima da minha cabeça até às coxas. A parte inferior tem a forma de uma âncora. Isto foi causado pela atitude de uma figura com o rosto voltado para o lado. Estava demasiado afastado para ser de momento reconhecido. Mas sinto que isto tem referência ao Sr. Stead e à sua forma de morte. Pois o todo, ao primeiro vislumbre, dá a ideia de uma âncora. Na placa n.º 2 não tivemos efeito psíquico. Mais tarde obtivemos uma psicografia — sem a câmara. A qual, quando traduzida, dizia o seguinte: ‘Bom dia! Trabalhai bem e tende fé em fazer o que está certo; ouvi muito mas falai pouco. E lembrai-vos de que a fortuna favorece os audazes.’

Está inteiramente de acordo com o Sr. Stead, embora sem assinatura. Tenho fé em fazer isto por ser o correto. Serve para

defender a verdade do regresso do espírito. Temos ouvido muito e falado pouco. Mas estaríamos longe de ser audazes se deixássemos passar tudo o que foi escrito. Faríamos mal em não adicionar estes factos em apoio ao regresso do Sr. Stead.

(Assinado) W. WALKER."

3, Palace Road, Buxton.

VERIFICAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS PSÍQUICAS DO SR. WALKER

Ao receber a contribuição do Sr. W. Walker — a qual é tão clara, direta e convincente —, fiz duas coisas. Primeiro, fui ver algumas cartas antigas do Sr. Stead. Pegando na primeira que me veio à mão, datada de 5 de outubro de 1896, de Mowbray House, encontrei a assinatura característica do Sr. W. T. Stead. E, em segundo lugar, enviei as fotografias à Srta. Harper. Ela deve ter visto o Sr. Stead assinar cartas inumeráveis. Fiz isso para obter a sua opinião. Na sua carta de 13 de agosto, que trata de outros assuntos, ela diz: —

"Relativamente às fotografias que anexa do Sr. Walker, a de 'Stead' foi-me submetida na altura. E o Sr. e a Sra. Walker fizeram uma visita em maio. Tivemos uma longa conversa sobre o assunto. Fiquei mui interessada, pois tinha ouvido falar muito dos médiuns de Crewe. E disse ao Sr. Walker: 'É com toda a certeza um fac-símile exato da caligrafia do Sr. Stead.' A caligrafia do Sr. Stead era mui característica. E não se parecia com a de mais ninguém. Não tenho dúvidas da sua autenticidade."

Que a caligrafia na placa é a do Sr. W. T. Stead, produzida posteriormente ao dia do acontecimento, 14 de abril, não pode haver dúvidas na minha mente.

Desde que o que precede foi escrito, recebi uma longa comunicação do Sr. William Walker. Veio a 14 de janeiro de 1913, com uma fotografia interessante. Tinha o Sr. Orr, de Kingston-on-Thames, e ele próprio como sujeitos. E o retrato psíquico do Sr. Stead envolto em aura, em parte sobre e acima deles. É uma semelhança

inconfundível do Sr. Stead. E embora seja demasiado delicada para uma produção bem-sucedida em meio-tom, encontra-se reproduzida.

Relativamente à fotografia do Sr. Stead, a Sra. Harper, na sua carta de 13 de agosto, informa-me: —

"Que a pequena fotografia psíquica foi tirada em Cambridge House, a 16 de junho de 1912. Sendo a Sra. Etta Wriedt, a Srta. Edith Katherine Harper e eu própria as únicas pessoas presentes na sessão. A sala estava absolutamente escura. O Sr. Stead tinha-se eterealizado, bem como 'Katie King'. Durante estas eterealizações, tirei um instantâneo com uma câmara Brownie n.º 2. Segurava-a na mão para estar pronta. Todos os rolos, exceto um dos seis, tinham sido expostos. E o último, o sexto, foi aquele em que a fotografia foi produzida. A câmara estava coberta com um pano preto no cimo da caixa de música Boursnell. O Sr. Boursnell tinha prometido ajudar-me com a fotografia psíquica. No dia seguinte, quando um cliente tinha uma sessão privada com a Sra. Wriedt, o Sr. Stead falou e disse: —

'Digam à Sra. Harper para tratar da sua câmara imediatamente, pois há algo nela.'

Após la sessão, a Sra. Wriedt transmitiu a mensagem como ordenado, com o resultado demonstrado.

Em duas sessões subsequentes, o Sr. Stead deu a explicação, na 'voz direta', de que 'a imagem representava uma vigia no *Titanic* e a porta da sua cabine, e as cordas atiradas pela borda fora.' A porta aparece partida das dobradiças."

A Srta. Harper, referindo-se ao que precede, diz: —

"A fotografia psíquica do Sr. Stead foi obtida pela minha mãe. A Sra. Wriedt considera-a a experiência mais maravilhosa da sua mediunidade."

Foi certamente a primeira experiência do género nos 32 anos de mediunidade da Sra. Wriedt. Ela, contudo, nada teve a ver com a sua produção fotográfica. Um exame da impressão mostra um facto. Mostra que não foi tirada de uma estampa, imagem ou pintura. Muito menos de uma cabine ou vigia no *"Titanic"*. Estou totalmente satisfeito de que esta seja uma fotografia psíquica genuína. Como

fotografia é interessante. Mas, devido aos contornos delicados do perfil do Sr. Stead, não se presta a uma reprodução em meio-tom.

O Rev. Charles Hall Cook, B.D., Ph.D., numa esmerada brochura fotográfica, da qual tirei extratos, diz: —

"O aspeto geral da forma psíquica sob inspeção minuciosa é diferente da minha fotografia e das outras. O rosto tem um aspeto ceroso. Como o de um molde feito de cera ou de 'Gesso de Paris'. O vestuário tem um aspeto curioso, como se fosse feito de substância fluídica. Tenho observado em círculos mediúnicos, sob condições de teste, o aspeto ceroso dos rostos de formas materializadas. E a substância de aspeto peculiar do seu vestuário. Também a forma psíquica na imagem tem o aspeto não de achatamento, como se faz na estampagem. Mas sim o de um objeto arredondado ou que ocupa dimensões no espaço. Estes incidentes sugerem que o retrato psíquico seja uma forma 'materializada' que foi fotografada. Invisível ao olho físico, mas não à câmara.

Existem muitas e marcantes semelhanças do rosto psíquico com os rostos das fotografias. Enquanto as dissimilitudes são aparentemente sem importância, exceto num caso. O aspeto geral da cabeça e do rosto da imagem psíquica é parecido com o das imagens de Stead. Refiro-me à fisionomia, feições proeminentes, simetria, plenitude e redondeza da cabeça e do rosto."

O autor segue isto com uma análise cuidadosa e acrescenta: —

"Há uma diferença, uma grande diferença. É a ausência total no retrato psíquico de patilhas nos lados do rosto. As quais são conspícuas em todas as imagens do Sr. Stead, exceto na 'juvenil' 4, na qual as patilhas aparecem escassas. Por que há esta diferença? Uma diferença marcada, na verdade — a ausência total de patilhas no rosto psíquico. Porquê?

Uma luz lateral é lançada sobre esta questão pelo livro do Dr. Coates, *'Photographing the Invisible'*. Este volume contém ampla prova da reprodução de retratos originais por agência espiritual. Em algumas destas, existem diferenças mais ou menos observáveis. Embora em alguns casos a reprodução seja quase totalmente um fac-símile do original, há uma diferença marcada. Uma diferença

evidentemente feita de propósito. Qualquer que tenha sido o objeto na mente do artista espírito, é mui evidente neste caso um facto. O retrato psíquico não foi produzido de forma fraudulenta. Possivelmente este facto explica por que a diferença foi feita e o propósito dela.

E chega de estudo crítico e comparação da imagem psíquica com cinco fotografias do Sr. Stead. No decurso do qual nada menos que duas dezenas de semelhanças reais foram apontadas. Algumas das quais são conspícuas pela sua identidade ou igualdade. Em que direção apontam estes factos? Ou o que sugerem como uma explicação razoável? Uma explicação razoável? Sim, nos dados dos factos."

"No livro referido, intitulado *'Photographing the Invisible'* — citando em substância a opinião publicada de eminentes cientistas, jornalistas e outros qualificados para pronunciar um julgamento fiável —, 'existe uma avassaladora massa de evidências para a produção de fotografias psíquicas por agência espiritual.' E o tipo mais convincente de evidência citado em apoio a esta conclusão são os numerosos casos de reconhecimento.

Agora, olhando para este retrato do ponto de vista da interpretação dos factos que foram apontados, há algo a considerar. Se ele pretende ser uma manifestação do Sr. Stead, ou indicar a sua presença em qualquer sentido que seja, é razoável pensar um facto. As muitas e marcantes semelhanças do mesmo com fotografias tiradas dele em vida não são desprovidas de propósito. E quem negará? Ou com que fundamento de conhecimento experimental e razão pode ele negar que estes factos tenham um significado definido? Isto é, levar ao reconhecimento e, em última análise, a uma profunda convicção desse facto.

Rev. CHARLES HALL COOK, B.D., Ph.D."

Como resultado de um estudo cuidadoso desta fase da psicofísica, desejo enfatizar a minha convicção. A convicção de que "O Espírito não pode ser fotografado". Que algo invisível pode — um modelo em alguns casos, uma fase de materialização, matéria sob alguma forma —, sim. O Espírito, nunca. O "extra" psíquico na fotografia do Dr. Cook não é um retrato do Sr. W. T. Stead como ele era no corpo.

Embora não seja diferente da eterealização de Stead descrita pelo Conde Cedo Miyattovich, que comentou o aspeto cuidado do seu amigo. Muitas das feições são parecidas com as do Sr. Stead, mas o *tout ensemble* falha. Como retrato, o "extra" carece da rudeza de feições do Sr. Stead. E apresenta uma brandura totalmente fora de harmonia com a expressão leonina do Sr. Stead. Mas que é genuíno apesar de tudo isso, não tenho a menor dúvida.

Enviei o relato do doutor com fotografias e o que precede à Srta. Stead. Ela respondeu: —

"Devolvo as fotos do meu pai. Não acho a do Espírito mui parecida. É parecida nos detalhes, mas não na expressão. Acho a sua explicação excelente."

Uma cópia da imagem Martin-Stead foi enviada à Srta. Harper, que diz: —

"Partes do rosto assemelham-se ao Sr. Stead, e outras partes são igualmente dissemelhantes. Alguém o tomaria por um retrato de alguém 'algo parecido com o Sr. Stead'. Claro que não se conhecem as dificuldades que cercam os nossos queridos amigos que desejam impressionar a sua semelhança física numa placa. Nem o quanto têm de extrair tanto do médium como do participante, o que pode detrair da semelhança perfeita."

As opiniões de duas pessoas mais em contacto com o Sr. Stead não são favoráveis à aceitação da foto Martin-Stead. A carta da Srta. Harper é interessante em mais do que um aspeto. Mas a sua expressão "semelhança física" é informativa, como distinta da conceção geral de fotografias de espíritos. A sua afirmação está correta. Inteligências no Invisível, dadas as condições apropriadas, tentam dar-nos semelhanças físicas do que outrora foram, mas não como são agora.

A FOTOGRAFIA PSÍQUICA COLLEY-STEAD.

Estou grato à Srta. Scatcherd pelos factos relativos a esta fotografia. A qual se encontra nos seus artigos que aparecem nas edições de novembro e dezembro da *The International Psychic Gazette*, intitulados "Spirit Photography: Psychophasms and Skotographs".

O artigo é demasiado longo para citar. E contento-me em produzir uma das várias ilustrações, a saber, a n.º 12, e resumir livremente o relato desta. Em duas ocasiões anteriores a esta fotografia especial, obteve-se um extra do Sr. Stead numa placa de tamanho normal na Reitoria de Stockton, numa festa no jardim. Por acidente, uma pequena porção da placa ficou por expor. E nesta aparece o rosto do Sr. Stead e um rosto maior que se parece com o de uma Sra. M, cujo rosto é suficientemente claro para ser reconhecido. No dia seguinte, a 14 de maio, no estúdio do Sr. Young, em Warwick, o rosto do Sr. Stead surgiu novamente. E cada uma das vezes claro o suficiente para ser reconhecido.

Numa segunda placa tirada nesse dia, houve uma reprodução da assinatura do Sr. Stead. É bastante percetível na impressão, mas não se reproduz bem. A coisa singular a seu respeito é que o "t" está cortado. A Srta. Scatcherd, que possui centenas delas, não tem nenhuma com o "t" cortado. Remetendo o assunto para a Srta. Gillam, secretária particular do Sr. Stead, a Srta. Scatcherd foi informada de um facto. Em ocasiões especiais, o Sr. Stead cortava o "t". Ela escreve: —

"Encontro o 't' cortado numa inscrição numa fotografia que a Madame Novikoff me mostrou na semana passada.

A 5 de julho passado, fui novamente a Stockton. E como o Arquidiácono tinha os seus amigos mediúnicos com ele, implorou-me que me juntasse a eles.

Tivemos uma curta sessão. O psíquico disse que um cavalheiro idoso estava ao meu lado e que queria dar-me a sua imagem. Deu-me instruções. Segui-as fielmente. Abri um novo pacote de placas, selecionei duas e pedi ao Arquidiácono Colley que as colocasse no caixilho escuro para mim. Ele assim fez. Depois foi-me dito para as trazer comigo toda a noite ou colocá-las debaixo da minha almofada.

Não as coloquei debaixo da minha almofada. Mantive-as nos meus braços enquanto dormia. E coloquei-as no meu bolso enquanto me vestia e durante o pequeno-almoço. Depois fomos fotografados. O Arquidiácono numa e eu na outra. No último momento, insisti em que uma cortina simples fosse fixada sobre a porta da Reitoria, como um melhor fundo. E disse mentalmente: —

‘Sr. Stead, por favor apareça na placa do Arquidiácono, não na minha. Vai dar-lhe tanto prazer.’

Desenvolvi as placas. Na minha estão duas formas indistintas. Na do Arquidiácono está um rosto que se assemelha mui de perto ao Sr. W. T. Stead. Na verdade, é muito mais parecido com ele em expressão do que algumas das suas numerosas fotos em existência.”

A Srta. Scatcherd, que não professa ser uma “perita”, é uma excelente fotógrafa apesar de tudo. O Sr. Young, fotógrafo de Warwick, e o falecido Arquidiácono Colley não precisam de defesa nem de apresentação.

Na contribuição do Sr. H. Blackwell, o Sr. Stead é relatado como tendo afirmado que desejava ser fotografado. Tendo em conta as declarações da Sra. Harper, e a sua foto tirada com a Brownie n.º 2; as fotos de Crewe do Sr. William Walker e do Sr. Orr; a foto Martin-Denver do Rev. Charles Hall Cook, e as referidas pela Srta. Scatcherd, temos fundamentos razoáveis para concluir uma coisa. As Inteligências no Invisível tentaram dar-nos fotografia do Sr. Stead. O extra na placa com o Arquidiácono Colley é certamente a melhor destas produções psíquicas. Que assim seja não é surpreendente, pois foi tirada sob as melhores condições possíveis: —

- **(a)** O Arquidiácono Colley, um excelente fotógrafo e ele próprio um psíquico, estava plenamente em simpatia com o Sr. Stead.

- **(b)** A Srta. Scatcherd, uma amiga mutua e de confiança tanto do Sr. Stead como do Arquidiácono.

- **(c)** O operador era um médium não profissional, bem testado e fiável.

- **(d)** O resultado foi um retrato distintamente reconhecível nas feições e na expressão do falecido W. T. Stead. Também é digno de nota que nenhuma imagem semelhante do Sr. Stead tenha sido tirada dele em vida.

O SR. STEAD APARECE EM ROTHESAY

Além das provas dadas pelos presentes em Cambridge House, Wimbledon, Surrey, quanto aos acontecimentos extraordinários ali ocorridos, relatarei agora as minhas próprias experiências pessoais.

Os fenómenos psicofísicos apelam àqueles que descartam os fenómenos de transe, automáticos, clarividentes e clariaudientes. Tendem a considerá-los como pertencentes ao subjetivo e à região do autoengano e da imaginação. No nosso estado atual, a picada de um alfinete chamar-nos-á a atenção. Enquanto um pensamento num sonho, por mais belo que seja, é tratado como uma "fantasia" e descartado.

Mas, o que faremos quando os falecidos nos apelam ao reconhecimento por todos os modos? Foi seguramente o que o Sr. Stead fez. Em tudo vemos o mesmo espírito, mas com diferentes formas de manifestação.

Não vou detalhar aqui os muitos casos marcantes de eterealização e de fenómenos de voz ocorridos quando a Sra. Wriedt esteve connosco. Isso aconteceu nas nove sessões notáveis realizadas na nossa casa. Extrairei das minhas notas apenas o que se relaciona com o Sr. Stead.

No sábado, 13 de julho, às 20h, na nossa primeira sessão com a Sra. Wriedt, apareceu o rosto de uma velha tia. Apareceu também o do nosso filho David, o de Jack, filho do Sr. Galloway, e o do Sr. W. T. Stead. Estes foram vistos com mais ou menos clareza por aqueles a quem as "aparências" se apresentaram.

Pelo que observei e pelos comentários dos participantes, estas eterealizações têm o aspeto de uma nuvem fina e pelicular. O rosto e a forma — tanto quanto visíveis — apresentam-se assim. As inteligências operadoras apresentam esta imagem luminosa a alguns. Enquanto os que estão em ângulos retos em relação à apresentação apenas veem a faixa luminosa, ou a borda da nuvem próxima de si.

Às vezes, a forma ou a semelhança nebulosa volta-se de um participante para outro. E é vista por eles à vez. Isto aconteceu mais do que uma vez. Quando alguns clamavam e diziam: — "Não vê aquela luz (ou aquela forma), Sr. Coates?", eu tinha frequentemente de dizer "Não". Depois a luz vinha e eu via o rosto.

Estes rostos eterealizados apareciam frequentemente de forma súbita. Moviam-se rapidamente e depois desapareciam com a mesma rapidez. Embora fossem aparências reconhecíveis e animadas, não têm a definição de uma pintura ou de uma imagem. Assemelham-se mais ao rosto de um amigo a olhar para nós através de uma cortina de tule ou rede branca fina. Tornada visível a partir de alguma qualidade luminosa, inerente e emanada.

Estas eterealizações são totalmente objetivas. Não há dúvida alguma de que são vistas como todos os objetos externos o são. Isto deve-se a que a luz vinda deles atua no olho. Com esta tentativa de explicação, entrarei em mais detalhes sobre as manifestações psicofísicas do Sr. Stead em Glenbeg House.

A 13 de julho, por volta das 20h20, ocorreram três eterealizações em rápida sucessão. Cada uma permaneceu o tempo suficiente para ser reconhecida. O Sr. Stead era uma delas, mas não tão bem definido como o da minha velha tia. A Sra. Coates e alguns dos que estavam perto de mim viram o rosto. Mas ninguém no lado oposto da sala o viu. E a Sra. Wriedt, a médium, não o viu — apenas a luz.

Aqui, portanto, embora não houvesse a menor dúvida nas nossas mentes sobre esta eterealização, ela não foi tão claramente observada por outros. Faltou-lhe ter uma prova suficientemente corroborante por testemunhas independentes. Considero isto de importância. Talvez eu seja difícil de agradar, mas sei o que o mundo quer.

Quarta-feira, 17 de julho. Numa sessão privada realizada às 14h, estavam apenas sete pessoas presentes, incluindo a médium. Eram amigos mais em contacto connosco. E a sessão era privada porque os nossos filhos desejavam comunicar. E fizemo-lo da forma mais eficaz.

Não tratarei do que ocorreu, mas limitar-me-ei à manifestação do Sr. W. T. Stead.

Por volta das 15h, fomos sobressaltados pela sua voz direta a dizer: —

"Meu querido Sr. Coates, sabe quem eu sou."

Soube-o assim que ouvi aquela voz.

"Sou o Stead. Deus o abençoe pelo trabalho que está a fazer. Deus a abençoe, Sra. Coates, por me permitir enviar aquela mensagem ao mundo. Deus abençoe todos os queridos amigos aqui presentes. Que sejais verdadeiros. Que nunca vos envergonheis nem tenhais medo do Espiritualismo. Que nunca vos esqueçais dos privilégios que recebestes ao conhecer esta grande revelação. Deus permita que nunca tenhais de sofrer por causa dela como eu sofri.

Querido Sr. e Sra. Coates, eu ajudar-vos-ei. Se algum de vós estiver em dificuldades em qualquer altura, chamai por mim. E tentarei estar convosco e ajudar-vos. Deus abençoe todos os queridos amigos. E lhes dê força e poder para darem a conhecer esta grande verdade. Sou o Stead e regressei para junto de vós. Deus a abençoe, Sra. Coates, por me acolher na sua aura, e a si, Sr. Coates. Digam ao Sr. Robertson que estive aqui."

Eu sabia que era o Stead. Mas os tons cheios e calorosos da sua saudação sobressaltaram-me, tal como a todos nós.

A Sra. Wriedt quase desabou quando ouviu a voz. Disse: "Oh, querido Sr. Stead! Que bom da sua parte ter vindo." Não sabíamos então, como soubemos depois, de um facto. O Sr. Stead, no Julia's Bureau, ordenara à Sra. Wriedt que fosse a Rothesay, pois ele tinha uma mensagem para entregar.

Os presentes recordar-se-ão da natureza da sua mensagem. Encontra-se dada de forma imperfeita acima. Embora não haja muito

da sua capacidade ali, a mensagem é direta. O tom vibrante e a convicção na sua voz não serão facilmente esquecidos.

Os seguintes testemunham a exatidão do que precede: — O Sr. e a Sra. Duncan, de Edimburgo; a Sra. M'Callum, de Glasgow; a Srta. Arrol, la Sra. Coates, a Sra. Wriedt e o autor. Destes, o Sr. e a Sra. Duncan, incluindo nós próprios, estávamos presentes na ocasião em que a mensagem foi recebida a 26 de abril de 1912. Havia algo de apropriado em que o Sr. Duncan, de Edimburgo, estivesse presente. Ele fora o primeiro a enviar aquela mensagem para a Imprensa. E agora estava presente quando o Sr. Stead se nos dirigia em voz direta.

Na sessão seguinte — a nona da série, realizada no mesmo dia (17 de julho, às 20h) —, tivemos provas ainda mais marcantes do regresso do Sr. Stead. Sem detalhar tudo o que ocorreu nessa ocasião, o que fica reservado para tratamento noutro local, notarei um facto. Relativamente ao Sr. Stead, ocorreu o seguinte: —

Por volta das 21h, o "Dr. Sharp", o guia da Sra. Wriedt, na sua voz habitualmente alta e em staccato, clamou: — "Sr. Duncan, como não vê muito bem, quero que se levante do seu lugar. Venha para junto do Professor Coates, de modo a ficar mais perto do gabinete." Como a sala estava às escuras, o Sr. Duncan não conseguia ver muito bem como obedecer às instruções. O "Dr. Sharp" resolveu cedo a dificuldade ao dizer: —

"Pegue nas mãos dos que estão perto de si. E passe para onde o Sr. Coates está sentado." Depois gritou para o meu amigo, o Sr. Alexander, que é um pouco surdo: "Agora, jovem, sente-se no lugar do Sr. Duncan, e os restantes mudem de lugar. Aí está, Sr. Duncan. Está sentado ao lado do Sr. Coates."

Quando o "Dr. Sharp" se certificou de que tudo estava bem, disse: —

"Professor Coates, quero que se levante e dê um passo em frente. Assim mesmo."

Levantei-me e dei um passo em frente. Isto colocou-me a um pé ou dezoito polegadas da frente do gabinete.

O "Dr. Sharp" para o Sr. Duncan: "Agora, Sr. Duncan, dê um passo em frente e junte-se à mão do Sr. Coates. Queremos extrair força de ambos."

O que ia acontecer não sabíamos. Mas certamente um ar fresco circulou ao nosso redor. Não era desagradável, mas foi distintamente sentido. Suponho que parámos ali um a dois minutos quando nos foi dito para nos sentarmos.

A Sra. Coates sussurrou-me que via a forma do Sr. Stead. Olhei em direção ao gabinete. Não vi nada. Mas em menos tempo do que leva a escrever, ouvi os que me rodeavam exclamar: "Há uma luz no gabinete; ali está o Sr. Stead." Olhando nessa direção, eu, ou melhor, nós, vimos a nuvem de luz nebulosa. E o rosto e o busto ovais, mas indistintos, do Sr. Stead, por dois, talvez três segundos. Desapareceu de forma tão misteriosa como veio.

Um segundo ou dois depois, surgiu novamente. Vinha com as feições, a cabeça e o busto suficientemente distintos para que nós, de perto, observássemos que era ninguém menos que o Sr. Stead. A forma moveu-se. E pareceu dar a volta ao círculo, inclinando-se. Vários fizeram exclamações nesse sentido. E sei que quando o Sr. Duncan, a Sra. Coates, o Sr. Auld e eu falámos no sentido de que reconhecíamos o rosto, ele inclinou-se.

Havia uma expressão móvel que equivalia a um sorriso. E o rosto desapareceu. Os ombros estavam obscuramente visíveis para os que estavam perto. Mas a Sra. Coates disse que viu a forma inteira. Da qual a cabeça, o rosto e a barba luminosos eram aparentes à visão comum.

Pouco depois da retirada desta eterealização, ouvímos novamente aquela voz. Era tão individualizada, distinta e ressonante de alegria e vitória: —

"Meu querido Coates, meus queridos amigos, Deus vos abençoe a todos. Sou o Stead. Vós conheceis-me. Sois mui privilegiados por serdes testemunhas da grande verdade de que não há morte. Não estou morto. Os vossos próprios amigos puderam saudar-vos aqui. Que tenhais a audácia de ir destemidamente em frente. E de proclamar as boas-novas de grande alegria: não há morte. Estou aqui. Que nunca vacileis ou hesiteis em dar a conhecer o facto do regresso do espírito. Deus a abençoe, Sra. Coates, por dar a estes queridos amigos a oportunidade que tiveram hoje. A oportunidade de se reunirem com os seus entes queridos e comigo. Que todos aqui presentes sejam fortalecidos em todos os bons propósitos. E deem ao mundo o que receberam. Deus a abençoe, Sra. Coates, por dar os seus serviços, sem honorários ou recompensa, ao mundo dos espíritos. E ao Sr. Coates pela sua fidelidade em dar estes factos ao mundo. Deus vos abençoe a todos pelo vosso grande e nobre trabalho."

Compreendemos agora mais plenamente por que o "Dr. Sharp" movera o Sr. Duncan para mais perto do gabinete. Havia uma mente orientadora aqui. E era a do próprio Sr. Stead. Ele desejava dar uma oportunidade ao homem que primeiro deu a sua mensagem de 26 de abril ao mundo. Queria que ele visse o seu rosto. Devido às causas físicas mencionadas, se o Sr. Duncan se tivesse sentado onde estava, não teria visto o rosto do Sr. Stead tão claramente.

O Sr. Stead, como já mencionei, desejara que a Sra. Wriedt, quando no Julia's Bureau, fosse especialmente a Rothesay. Pois tinha uma mensagem para entregar. Ele cumpriu seguramente a sua promessa. Veio e falou na sua voz clara e enfática, obrigando à atenção.

O Sr. Stead parecia grandemente encantado por ser capaz de se mostrar, ou de mostrar o seu simulacro, por processos do espírito. E por se nos dirigir em voz direta.

Até agora, apenas vos dei o meu testemunho. Se este não pudesse ser apoiado pela corroboração de outras pessoas respeitáveis, não teria dado o meu.

TESTEMUNHO DA SRA. AGNES M'ALLISTER, DE GLASGOW E DO CAIRO, EGITO

"Querido Sr. Coates, — Estive presente nas noites de 13 e 17 de julho. Foi quando o Sr. Stead se eterealizou e foi tão claramente reconhecido por vários presentes. Eu não o conhecia. Ouvi-o dirigir-se a si — 'Sra. Coates e as queridas pessoas presentes'. Autorizo-o a usar o meu nome em evidência para os factos.

AGNES M'ALLISTER."

243, Great Western Road, Glasgow.

22 de julho de 1912.

TESTEMUNHO DO VEREADOR JOHN DUNCAN

(Presidente da Mesa da Confraria dos Ofícios, Conselho Municipal de Edimburgo) e da SRA. DUNCAN.

"Queridos Sr. e Sra. Coates, — A minha esposa e eu tivemos um grande prazer em estar novamente convosco. E em ter a oportunidade de encontrar a Sra. Wriedt na vossa casa. A sessão das 14h, a 17 de julho, pretendia ser especialmente para o Círculo de Rothesay. Era de natureza familiar e privada. Estavam sete pessoas presentes. O Sr. Stead falou da sua maneira clara e deliberada.

Novamente, na sessão da noite, na qual estavam catorze pessoas presentes, os resultados foram verdadeiramente maravilhosos. As formas eterealizadas eram claramente visíveis. Embora em alguns casos as feições não fossem claras para mim.

No caso do Sr. Stead, não tive dificuldade em reconhecer as suas feições e a forma eterealizada. Depois ele falou por um curto período de tempo na sua voz habitualmente enfática e deliberada. Mas não consegui memorizar nenhuma das suas observações nesta ocasião. A minha esposa e eu não temos dúvidas nas nossas mentes de uma coisa. O Sr. W. T. Stead foi capaz de voltar à terra e dar mensagens através da Sra. Wriedt e da Sra. Coates.

JOHN DUNCAN,
MARGARET DUNCAN."

Dunearn, Granton Road, Edimburgo, 23/8/12.

TESTEMUNHO DO SR. CHARLES WALKER, Comerciante, 30, Cambridge Gardens, Pilrig, Leith, e de ELIZABETH WALKER, sua esposa.

O Sr. Charles Walker e a sua boa esposa, cujo testemunho formal apresento abaixo, escreveram-me uma carta amigável de Stirling. Tinha a data de 18 de agosto de 1912. Ele diz: —

"Querido Sr. Coates, — Nem a Sra. Walker nem eu próprio tivemos o prazer de conhecer e ver o Sr. Stead em vida. Pelas fotografias, o seu rosto era-nos bastante familiar. De modo que pudemos reconhecer com certeza que era o Sr. Stead. O qual, na noite de 17 de julho passado, numa sessão realizada na sua casa, se eterealizou. E depois nos saudou numa voz alta e alegre: 'Deus vos abençoe a todos.'

Seguiu-se um curto discurso que não podemos repetir na íntegra. Lembrou-nos de que tínhamos sido mui privilegiados ao receber tão belas provas. Exortou todos os presentes a irem destemidamente em frente, contando as boas-novas de grande alegria: de que não havia morte. Terminando, disse: 'Deus vos abençoe a todos no vosso grande e nobre trabalho.'

CHARLES WALKER.

ELIZABETH WALKER."

Encerrarei esta parte com a evidência de três testemunhas.

TESTEMUNHO DO SR. PETER GALLOWAY, Comerciante de Vestuário, 98, Argyle Street, Glasgow, 30 de agosto de 1912.

"Querido Sr. Coates, — Tenho de lhe agradecer a oportunidade que tão amavelmente me deu. Refiro-me à oportunidade de estar presente nas sessões realizadas na sua casa com a Sra. Wriedt no mês passado. E sinto que não posso exprimir o prazer derivado de ser um participante nos maravilhosos fenómenos apresentados.

É natural que a parte mais maravilhosa e satisfatória para mim tenha sido quando olhei para o rosto eterealizado do meu rapaz. Quando ele se apresentou à minha frente, perguntei: 'És tu, Jack?' A figura acenou com a cabeça. E ele (Jack) confirmou o meu reconhecimento ao perguntar-me através do trompete: 'O que achou do meu rosto, pai?'

Não posso fechar esta carta sem mencionar um facto. O Sr. Stead também falou através do trompete e vi a sua forma eterealizada.

Sou, seu fielmente,
PETER GALLOWAY."

O Sr. Galloway aborda experiências pessoais ainda mais notáveis com o seu falecido. Mas abstenho-me de as apresentar. Produzi-las-ei quando concluir o meu tratamento das sessões de Wriedt em Rothesay.

DECLARAÇÃO DO SR. JOHN AULD, Engenheiro, Glasgow, Hazelcliffe, Ardbeg, Rothesay.

Este cavalheiro é um engenheiro e inventor de prestígio em Glasgow. Ao enviar-me um relato do que viu e ouviu quando assistia

às sessões de Wriedt em Rothesay, permite-me retirar o seguinte. Considero-o apropriado para este simpósio.

"A característica mais marcante das duas últimas sessões da série... foi o número de formas espirituais etéricas a ser vistas pela sala. Na última sessão, entre os primeiros a aparecer esteve o Sr. W. T. Stead. O qual reconheci imediatamente pelas suas fotografias.

O Sr. Stead foi seguramente visto por nós de forma objetiva. E as suas aparições foram imediatamente seguidas pela sua voz. A qual nos exortava em acentos fortes, vigorosos e naturais a trabalhar energeticamente por esta grande verdade. Ela é tão satisfatória para o coração faminto da humanidade.

JOHN AULD."

COMO FOI SUGERIDA A ESCRITA DESTA OBRA

Embora não estivesse disposto a dar experiências pessoais sobre assuntos psíquicos ao mundo, este livro não teria sido escrito se não fosse o seguinte: —

Na manhã de 19 de julho, quando estava ocupado a redigir notas sobre as sessões de Wriedt, fui fortemente impressionado. E de forma quase automática escrevi: —

A Sra. Coates entrou no quarto e chamei a sua atenção para a escrita. Subsequentemente enviei um artigo para o Light, sob este título. O Editor inseriu "Sr.". Eu posteriormente mudei-o para "W. T.". E reuni o material e a obra foi escrita.

Senti nessa manhã uma forte influência impulsionadora. A qual pensei ser a do Sr. Stead. Não conseguia falar sob direção, mas ouvi por modos psíquicos: "Sente-se à sua secretária, com a cabeça limpa, de manhã cedo. E eu ajudá-lo-ei com o seu trabalho."

A Sra. Coates perguntou-me quem me estava a influenciar — o Sr. Stead? Contou-lhe o que ouvi. Ela disse que estava contente e

expressou a sua opinião de que o Sr. Stead não pretendia que o facto fosse ocultado da Imprensa, como havia sido sugerido por alguns amigos. Sob o controlo do Sr. Stead, foi dada a seguinte mensagem: —

«Diga ao seu marido para se sentar à secretária com a cabeça clara e eu ajudá-lo-ei a dar alguns dos meus pensamentos ao mundo. Deus a abençoe, minha querida Sra. Coates, por se ter entregado tão livremente ao serviço do mundo espiritual. Sim, eu ajudarei a ambos se o seu marido fizer o que sugiro.»

Sra. Coates: «Foi afirmado que a Sra. Stead não tem sido favorável ao seu trabalho pelo Espiritismo. Quase não creio que isso seja verdade.»

Sr. Stead: «Minha querida Sra. Coates, prefiro não entrar em assuntos privados. A afirmação é parcialmente correta. A minha querida esposa, com os melhores motivos, não via os mesmos problemas da mesma forma que eu. Era extremamente dedicada aos meus melhores interesses e ter-me-ia poupado àquilo que pensava estar errado e que me traria prejuízo.

Uma mãe dedicada, eu não queria que ela andasse sobressaltada. Não consigo expressar o quão penhorado lhe estou. Se ela tentou refrear-me, foi pelo melhor. Sim, toda a minha família me é dedicada e cada um à sua maneira me honra, e continuará o trabalho que fui instrumento para iniciar. Quando chegar o momento certo, amigos mais próximos de casa tratarão disso.»

«Deus a abençoe, Sra. Coates, estou contente por ter sido capaz de a usar, e de me mostrar a todos vós. Tende bom ânimo, voltarei.»

Neste ponto houve uma interrupção. O Sr. Mackintosh, de Springburn, tinha feito uma visita. Vinha devolver um exemplar da Psychic Gazette. Tinha ficado profundamente interessado numa conferência do Conde Hamon, proferida no International Psychic Club, em Londres. No relato da conferência é afirmado: «Que os

Brahmins formavam um círculo… Sentavam-se em redor de acordo com a sua ordem zodiacal, e comunicavam com os Deuses e Governantes em esferas mais elevadas, etc.»

O Sr. Mackintosh alongou-se sobre isto com o seu entusiasmo habitual, apresentando certos cálculos astrológicos que fizera, com vista a organizar os participantes em círculos para a comunhão espiritual. O Sr. Stead controlou-me subitamente e disse: —

«Querido amigo, não sei quem é. Nunca o vi até o encontrar aqui. Estou contente por saber que está interessado neste assunto dos assuntos — este problema dos problemas. Tem menos interesse para si do que as suas especulações astrológicas. É aí que erra. Não digo que não haja anjos, arcanjos e governantes noutros mundos, que comuniquem na terra. Não sei. Se for verdade, não é de grande importância comparado com "Será que os mortos regressam?" Essa é a questão das questões, que aguarda solução em mil almas. São apenas os vossos Zés e Manuéis, aqueles que conheceu na carne, que podem responder à questão, não os arcanjos, os deuses e os governantes de outros mundos. O toque da mão desaparecida de uma criancinha no joelho de sua mãe; o som de uma voz que se calou, para os filhos de uma mãe que partiu. Estas são as evidências pelas quais a humanidade clama. Ajudará a dá-las? Quando fala de astrologia, apela aos poucos e eles não compreendem. Não digo que a astrologia não seja verdadeira; testei-a enquanto estive na terra e acredito que há muito de bom nela. Não sei mais sobre ela agora do que sabias então. Diga ao mundo — o seu mundo, o mundo do qual é o centro — o que sabe do Espiritismo — o que viu e ouviu aqui, e abençoá-los-á e far-lhes-á bem.

Dar-lhes-á aquilo de que as suas almas têm fome. Não são abstrações, proposições abstrusas e cálculos subtis que apelam ao coração, prendendo o pensamento mais profundo da alma. Dê-lhes astrologia e estará a bater com a cabeça contra uma parede de pedra, magoando-se a si próprio e não fazendo bem nenhum à parede. Dê-lhes algo ao alcance da compreensão, e melhor os servirá e fará bem à sua própria alma.»

«Não é o que gosta ou o que quer fazer que deve procurar fazer. Eleve-se acima de tudo isso e entregue-se mais plenamente para proclamar a verdade da sobrevivência para além do túmulo — a conquista da morte — a vitória da vida. Diga a todos no seu mundo o que viu, ouviu e sabe ser verdade. Então abençoá-los-á, e alargará o mundo de influência deles e o seu próprio. Cada um é o centro do seu próprio mundo. A Sra. Coates no dela, o Sr. Coates no dele, o senhor no seu, onde há verdadeira simpatia estes mundos tocam-se e afetam-se uns aos outros. Alargará então o seu mundo e trará alegria, saúde e felicidade aos outros, dando-lhes os factos e as lições simples deles derivadas.»

«Estou a ajudar o Sr. Coates, e temos de ir agora. Deus o abençoe, querido amigo. Viva para os outros e alargue a sua esfera de ação.»

A seguir dei por mim à secretária e escrevi rapidamente o que precede. Ainda sob direção, regressei à sala de estar, li o que ficou dito à Sra. Coates e ao Sr. Mackintosh, foi-lhes perguntado se representava fielmente o que tinha sido dito. Ambos concordaram que as afirmações estavam corretas. A influência desvaneceu-se e fiquei livre todo o resto do dia. Parece que o Sr. Stead me estava a ajudar de acordo com a promessa feita nas sessões realizadas na quarta-feira.

Nunca tive uma experiência semelhante na minha vida, pois em todos os casos em que as palavras vinham em moldes inspiracionais ou de semi-transe, era incapaz de me lembrar corretamente, e muito menos de registar o que tinha sido dito. Se o conteúdo é digno do Sr. Stead ou não, aqueles que o conhecem devem julgar por si mesmos.

CONFIRMAÇÃO DO QUE PRECEDE.

O Sr. Duncan Mackintosh, na sua carta datada de Springburn, 22 de Outubro de 1912, que acompanhava o seu relatório de experiências pessoais nas sessões de Wriedt realizadas em Rothesay, diz: —

«Não posso esquecer o discurso notável que o Sr. W. T. Stead proferiu através dos seus lábios naquela manhã de quinta-feira em que o visitei às 11 horas. O que o mundo quer não é um anjo ou arcanjo, mas o toque de uma mão desaparecida e o som de uma voz que se calou.»

A Menina Stead também confirma a referência privada como correcta, e diz que o todo é característico do seu pai.

CAPÍTULO IX

O Sr. W. T. Stead manifesta-se em Glasgow

Que W. T. Stead falou em Glasgow é testemunhado pelo Sr. James Robertson, Sr. Peter Galloway e outros, todos indivíduos sérios e de confiança. Mas para não ocupar demasiado espaço, apresento as declarações do Sr. William F. Thomson e do Sr. J. B. Surgenor. Apresento a carta deste último tanto mais livremente quanto não me era dirigida.

«Querido Sr. Galloway: — Tenho uma recordação muito clara e distinta da visita do Sr. W. T. Stead à sessão realizada com a Sra. Wriedt em casa do Sr. Robertson na sexta-feira à noite, 19 de Julho. Sentado, como estava, ao lado da médium, fiquei profundamente interessado na conversa devido à personalidade do orador — as circunstâncias trágicas da sua partida, e o facto de ele ser o primeiro (com exceção do "Dr. Sharp") a dirigir-se a ela pessoalmente. Primeiro expressou-se como estando contente por poder vir, e o prazer que lhe dava encontrar-nos a todos. Perguntou depois à Sra. Wriedt relativamente à sua proposta visita à África do Sul. Em resposta à sua pergunta sobre se ia ou não, ela respondeu que não podia ir sozinha, e que ele tinha prometido ir com ela. A resposta dele foi — "Sim, eu sei. Irei consigo na mesma." Ao que ela respondeu — "Claro que sim, Sr. Stead, mas não no corpo." A resposta dele foi — "Isso é impossível agora, mas de qualquer forma gostaria que fosse." Ela disse em seguida — "Quero falar-lhe, Sr. Stead, sobre a sua filha, que conheci em Londres." A resposta dele foi — "Sim, sei disso, mas não

discutiremos esse assunto agora; deixá-lo-emos para quando nos encontrarmos no Bureau de Júlia, quando voltar ao sul." A resposta dela foi — "Está bem, Sr. Stead, o senhor sabe melhor."»

«Dirigiu-se a seguir ao Sr. Robertson pelo nome, que expressou o seu prazer por ter a oportunidade de lhe falar, e seguiu-se uma curta conversa sobre o seu trabalho feito aqui, e que ele ainda continuava a realizar, do outro lado. A sessão foi, na minha opinião, das mais convincentes. As manifestações foram todas boas. Não havia como enganar a forte personalidade do Sr. Stead. A Sra. Wriedt é uma mulher com um dom maravilhoso, o qual, embora deva ser uma bênção para si própria, traz alegria ao que chora e transforma a escuridão da noite no brilho do sol do meio-dia.»

Com os melhores cumprimentos,
Seu fiel,
J. B. SURGENOR.»
Roselea, Marlborough Road, Cathcart,
14/8/12.

DECLARAÇÃO DO SR. WM. F. THOMSON

Este cavalheiro é um comerciante de Glasgow, de probidade comercial e carácter pessoal, e da sua interessante comunicação resumo o seguinte: —

«Querido Sr. Coates: — Estava em Kirkaldy naquela noite em que soube do desastre do "Titanic", confirmando a visão que acabo de

relatar. Na noite de sexta-feira seguinte estive num círculo privado realizado na casa do Sr. Robertson. O Sr. Galloway e eu éramos os únicos membros de fora, sendo o Sr. Robertson o psíquico, deu descrições clarividentes, transe parcial e discursos inspiracionais. Da sua honestidade e fiabilidade não necessita de ser informado.

Nessa noite estivemos sentados tendo a estranha sensação de calafrios a passar por todos nós durante quase uma hora. O Sr. Robertson foi controlado, e percebemos que era por alguém que tinha partido recentemente, incapaz de descrever o que o rodeava através do Sr. Robertson, mas o nome finalmente dado foi "W. T. Stead." Na noite de sexta-feira seguinte, o Sr. Stead manifestou-se novamente e fez-nos um discurso extremamente enérgico: alguns detalhes do desastre do "Titanic", mas principalmente relatando o seu conhecimento — durante a sua vida — quanto ao mundo dos Espíritos, e a alegria que tinha agora nas suas novas redondezas.

Não conheci o Sr. Stead em vida, mas fiquei muito impressionado com este novo controlo, e a sua pronunciação vigorosa e varonil. Não se podia deixar de notar o quão diferente esta personalidade era do Sr. Robertson. O discurso era de carácter declamatório, e o controlo do médium o mais positivo que alguma vez vira. Numa das sessões realizadas na casa do Sr. Robertson (19 de Julho), com a Sra. Wriedt, o Sr. Stead veio falar connosco através da trombeta. Deu o seu nome, e dirigiu-se aos presentes de uma maneira decidida e positiva. Falou à Sra. Wriedt sobre a sua pretendida viagem à África do Sul. Agradeceu ao Sr. Robertson por ser capaz de entrar na sua aura e escrever e falar através dele. O Sr. Robertson disse — "Bem, bem, por que não haveria de o fazer?" Havia formas luminosas — mas sem traços distintos.»

«Pessoalmente, não tenho qualquer dúvida, não porque tenha tido qualquer prova direta, além de ouvir uma voz dar o nome do Sr. Stead, falando como foi dito. Não o conhecia, mas tive muitas provas convincentes daqueles que, eu sabia, tinham partido há alguns anos, que se deram a conhecer a mim. Não haverá bom propósito servido

em entrar em detalhes, pois estes, por muito valiosos que sejam para mim, não têm suporte no Regresso do Sr. Stead.»

Sou, etc.,
WILLIAM F. THOMSON.»
Orkie House,
Newlands, Glasgow.
18 de Set. de 1912.

Não proponho dar mais evidências quanto às comunicações do Sr. Stead em Glasgow, mas é interessante notar como estas experiências e as datas coincidem com a tentativa feita por o Sr. Stead no dia 21, e o sucesso seguinte a 26 de Abril em Glenbeg House, mostrando, com as experiências que se seguiram, quão determinado o Sr. Stead estava, em que através de vários canais e por diferentes modos, o facto da Vida no Além devesse ser tornado conhecido.»

DECLARAÇÃO DO VEREADOR WALTER APPLEYARD,
Juiz de Paz, Endfield Crescent,
Sheffield.

O testemunho do Vereador Appleyard não é de todo menos valioso por ser breve. Ele diz: —

«Querido Sr. Coates. — Terá o Sr. Stead Regressado? pergunta o senhor. Sem dúvida que sim — e mostrou-se na minha casa por materialização etérea, mas apenas por alguns segundos. O facto não seria evidência para o mundo exterior, mas fiquei satisfeito quanto à sua semelhança.»

Seu fiel,
WALTER APPLEYARD.»
Sheffield, 15 de Set./12.

UMA MENSAGEM DE SARAH FLOWER ADAMS

Numa sessão realizada em Glenbeg House, Rothesay, às 20h do dia 9 de Agosto de 1912, na presença da Menina Lemon e do Sr. Wiseman, de Norwich, da Menina Ferguson, da Sra. Coates, e dos Srs. Auld, Reid, Alexander, e do escritor, ocorreu o seguinte: —

A reunião foi aberta por louvor e oração, seguidos por um discurso, que não necessita de ser relatado aqui. A Sra. Coates foi controlada às 20h45 por uma estranha para nós. Sob essa personalidade a psíquica disse: —»

«Queridos amigos, desejo-vos o bom sucesso de Deus nos vossos esforços sinceros. Sei que estais à procura de luz, mas como eu própria — enquanto na terra — tereis muitas provações e lágrimas antes de alcançardes a meta. Na terra, tive uma vida difícil desde a infância. Ansiava por alimento espiritual. Tive de lutar para ganhar conhecimento. As minhas amizades eram poucas na verdade, mas eram provadas e verdadeiras.

Tive de passar por provações terrenas, e através da fé trabalhei arduamente para obter discernimento espiritual. Aprendi como tantas almas sinceras na terra são frequentemente mal compreendidas. Os de mentalidade material não as compreendem. Sempre assim foi. Se Cristo estivesse convosco hoje, seria tratado como alguém fora de si. Todos crucificámos Cristo através da incompreensão da sua vida e missão, e os homens estão a crucificá-lo de novo hoje. Ele morreu para que pudéssemos ser espiritualmente desvelados seguindo o seu

ensinamento. O caminho do sacrifício é o caminho do progresso espiritual e da vida. As canções mais doces foram arrancadas de corações partidos. Se tiverdes fé no cuidado e amor infinitos do vosso Pai Celestial terás poder dado a vós a partir do mundo espiritual, que vos capacitará a ir para a frente, para cima e para diante nos caminhos do progresso espiritual, sereis capacitados a fazer o bem em todos os momentos. Todos são filhos de Deus, mas nem todos sabem disso. Têm de aprender através do sofrimento a tornarem-se os filhos de Deus.»

«Queridos amigos, pensem nisso, se pudessem apenas ver as profundezas da miséria na terra os vossos corações sangrariam, e esforçar-vos-íeis sinceramente por remover alguma dela. Alguns estão sempre a esforçar-se por se erguer e são sempre deitados abaixo, e não até que a luz do céu brilhe sobre eles sabem que não lutaram em vão. Na terra sentiam que não havia ninguém para ajudar, ninguém para os amar, tão grande era a sua luta impiedosa. Tudo isto deve ser mudado pelo poder do amor manifestado no avivamento do espírito.»

«O motivo é tudo para nós, e onde o motivo é correto, não há nada a temer. Queridos amigos, quando venho ver a posição que as minhas irmãs têm na terra entristeço-me, mas alegro-me por saber que em data não distante a maternidade e a fraternidade feminina serão mais respeitadas e estimadas, e homens e mulheres estarão unidos com pureza de motivo. Então tereis uma raça nobre. Os filhos felizes de pais amorosos farão o mundo alegrar-se.»

«Desculpem-me, esta noite, dar-vos esta pequena mensagem. Passei por tanta miséria na terra, falo livremente quando digo que o amor espiritual e a pureza de coração são a necessidade da hora. Estejam certos, aqueles que pegam neste assunto a partir de um motivo correto serão levados a rezar, "Cria em mim um coração puro, ó Senhor, e renova um espírito reto dentro de mim." Serão verdadeiramente abençoados, e uma bênção para os outros.»

«Houve uma queda sobre a terra: uma queda do espírito para os sentidos e as exigências não esclarecidas do corpo. O espiritual eleva

o homem fora do materialismo grosseiro para a vida do espírito. Uma vez iluminados, as canções de alegria do coração serão cantadas. Que "Mais Perto, meu Deus, de Ti" seja a vossa aspiração, tema e vida.»

SARAH FLOWER ADAMS.»

Foi uma questão de conjetura o porquê de esta Inteligência, dando o nome acima, se dirigir a nós. Mas houve duas sugestões, a saber: —

1.ª Que ela poderia estar em simpatia com o Sr. W. T. Stead, que se refere a ela na mensagem dada a 26 de Abril; e

2.ª Houve uma doce voz espiritual feminina ouvida acima do acompanhamento de corneta e do canto dos participantes, numa noite em que "Mais Perto, meu Deus, de Ti" foi cantado. O "Dr. Sharp" disse que era a senhora que o escrevera.

Quer estas explicações estejam corretas ou não, la mensagem foi dada, o hino foi cantado como descrito.

UMA MENSAGEM DE JÚLIA.

Nunca se pode dizer se uma comunicação vem realmente da Inteligência que afirma ser Júlia, Stead ou outro indivíduo, e é difícil dizer quão pouco ou muito emana do psíquico. Embora isto seja verdade e uma medida da nossa ignorância, não há dúvida sobre as comunicações serem recebidas em estados psíquicos.

É interessante notar que esta é a segunda mensagem recebida de Júlia. A primeira, que veio antes de o Sr. Stead se materializar etereamente e falar em Rothesay, foi surpreendentemente verificada, e a que se segue abaixo subsequentemente. Não só a aceito como genuína, mas apresento-a *verbatim*.

Miss Julia A. Ames

Sexta-feira, 9 de Agosto de 1912, às vinte e uma horas, a Sra. Coates, sob controlo, disse: —

«Sou a Júlia, desejo felicitar todos os aqui presentes pelo bom trabalho em que tão sinceramente estais empenhados. O meu antigo chefe está aqui esta noite e tenciona estar frequentemente convosco nestas reuniões. Ele está extremamente ansioso por manter o contacto e superar as dificuldades de comunicação. O Sr. Stead tem informações a transmitir que serão valiosas. Embora encantado com o que foi alcançado desde aquele dia, não ficará satisfeito enquanto muito mais não for feito. O seu trabalho em casa está a decorrer satisfatoriamente. Tantos fiéis, capazes e dedicados a trabalhar nesta grande causa. Cérebros e mãos prontos a ser usados.

A oposição está a enfraquecer. Desejo fazer-vos saber que pretendemos reunir um exército em nosso redor para trabalhar na terra, para trabalhar pela causa que o Sr. Stead tinha no coração e pela qual tanto fez na terra. O Sr. Stead quer infundir mais entusiasmo nos amigos aqui, para que ponhais mais coração no trabalho. São necessários mais médiuns, e em círculos corretamente constituídos estes podem ser desenvolvidos. O nosso objetivo é usar todos os que pudermos e desenvolver mais médiuns para o Sr. Stead.

Quando digo o Sr. Stead, quero dizer mais trabalhadores para levar por diante aquilo que ele e eu laborámos para fazer avançar.» Dirigindo-se ao escritor: — «Tenho de lhe agradecer pelo trabalho que está a fazer e nós ajudá-lo-emos. Sabe agora que é nosso desejo colocar a informação perante o público no mais breve momento. Persevere, siga em frente, não se atrase! O Sr. Stead é um terror para o trabalho, e quando uma coisa tem de ser feita não tolera demoras. Ele está a treinar-nos agora. Outrora eu liderei-o, ele está agora a liderar-nos a todos. No espírito, ele está a ajudá-lo com o que tem em mãos. Estive aqui apenas uma vez, mas tentarei vir novamente e assistir-vos para seguirdes em frente no espírito correcto. O Sr. Stead não poderá vir esta noite. Deixo-vos a mensagem dele — perseverai — boa noite, amigos.»

Por que razão Júlia — ou a Inteligência controladora — haveria de chamar ao Sr. Stead «O meu chefe», não é facilmente explicado; a referência ao «trabalho em casa a decorrer satisfatoriamente», só pode ser compreendida por aqueles que sabem. A esperança expressa pela utilidade contínua do Bureau de Júlia é bastante natural. A probabilidade é que, como esforço, falhará por falta do cérebro e da presença visível do Sr. Stead, mas o trabalho ali inaugurado nunca falhará, pois já vimos, o Sr. Stead manifesta-se não apenas através dos seus velhos amigos — mas agora por todo o mundo.

CAPÍTULO X

O Sr. W. T. Stead Reaparece em Rothesay

Seria impossível por falta de espaço, bem como desnecessário, relatar tudo o que teve lugar na sessão realizada em Rothesay, na noite de 28 de Julho de 1912, mas por conveniência alguns pontos podem ser notados. Os psíquicos — uma senhora e um cavalheiro, bem conhecidos em Glasgow, não profissionais, não recebendo honorários e recusando publicidade, foram-nos apresentados por amigos mútuos, o Sr. e a Sra. David Wright, de Glasgow, na tarde do dia em que se realizou uma sessão muito notável. Por conveniência, chamarei aos psíquicos «Sr. e Sra. Curtis», lamentando o facto ao mesmo tempo. Contudo, compenso esta perda dando os nomes das testemunhas que estavam presentes.

Pouco depois de o «Sr. e a Sra. Curtis» nos terem sido apresentados, o Sr. Wright e o «Sr. Curtis» juntaram-se a mim na sala de estar, onde realizamos as nossas sessões, para uma conversa tranquila. Não estávamos sentados há muito tempo quando o «Sr. Curtis» comentou sobre o poder que sentia na sala, e passou para um estado psíquico, no qual descreveu com a máxima exatidão alguns amigos falecidos. Estes não precisam de ser detalhados aqui. O seguinte, no entanto, será a propósito. Tratava-se da descrição de um homem idoso, com uma testa maciça, olhos brilhantes, cabelo branco, ligeiramente calvo no topo, muito mais farto em cabelo e barba do que eu, sobrancelhas mais escuras e mais farfalhudas do que as minhas. O espírito apareceu com folhas de papel na mão, incutindo no psíquico que havia algo que ele queria que eu escrevesse, e que havia algo que eu tinha escrito que ele queria corrigido, testemunhando agrado por eu ter sido capaz de captar o espírito dos seus pensamentos tão bem quanto tinha feito.

Devido a certas afirmações que me foram feitas pela «voz» do Sr. W. T. Stead e do Dr. Andrew Jackson Davis, nas sessões realizadas na quarta-feira, 17 de Julho, assumi naturalmente que a descrição dada era a do Sr. Stead. Eu disse: «Julgo que compreendo. Consegue obter mais alguma coisa?» O «Sr. Curtis» perguntou-me: «conhece alguém

ligado a, ou que tenha estado na prisão? Este espírito aparece agora num fato de roupas de prisão, coberto de setas largas.» Eu disse que julgava que sim, mas que nunca tinha visto um prisioneiro num fato marcado com setas largas, o qual tenho entendido que é usado por condenados.

O psíquico disse: «Esta pessoa deseja recordar-lhe a mente de que tinha sido injustamente acusada numa boa causa e aprisionada há muitos anos. Reconhece isso?» Não querendo comprometer-me, disse: «Julgo que sim.» Na verdade, senti que sim, mas pensei ser melhor esperar até receber algo mais definitivo.

O Sr. David Wright, dirigindo-se a mim, disse: «O Sr. Stead sofreu numa boa causa há anos. Ele orgulhava-se bastante disso, e no aniversário da sua detenção costumava usar o seu fato de prisão.» Eu disse então: «Acredito que deve ser o Sr. Stead, pois ele tem-me instado a escrever sobre o seu regresso.» Para o psíquico: «Consegue obter isso? Quero dizer, o espírito deseja ser reconhecido como o Sr. Stead, que deseja que eu faça certas correções nas mensagens recebidas?»

A isto o «Sr. Curtis» respondeu: «Sim, o Espírito está a sorrir.»

Isto por si só não significaria muito, mas combinado com experiências recentes, tinha um significado para mim que era valioso. Foi na primeira visita do Sr. Stead a Glasgow após a sua prisão e enquanto na mesma plataforma que travei conhecimento com ele, e subsequentemente escrevi as minhas impressões sobre o seu carácter. Ai! tal é a grandeza. O psíquico nem conhecia a aparência do Sr. Stead nem estava ciente de que ele tinha sido aprisionado.

Eu não saberia dizer se o seu fato de prisão estava adornado com setas largas. Tomei a visão como simbolizando que ele, William T. Stead, ainda se regozijava por ter sido «Um prisioneiro por amor de Cristo». Seguramente que sim. O Sr. Stead nunca se arrependeu de escrever «O Tributo Donzel da Babilónia Moderna», que chocou a

pruderie vitoriana ao ponto de reconhecer as horríveis condições na vida social para as quais tinha tão convenientemente fechado os olhos.

Lembrei-me de que tinha em casa um exemplar do primeiro número da The International Psychic Gazette, contendo o retrato do Sr. Stead, e trazendo-o para o «Sr. Curtis», perguntei-lhe: «Isso assemelha-se ao espírito que viu?» Ele disse: «Sim, mas com roupas de prisão ele parecia muito mais jovem, com o cabelo e a barba mais escuros, de facto, fulvos.»

Agindo com base na pista sobre os papéis, enviei alguns à Menina Estelle Stead, que gentilmente apontou os meus erros, e eu mandei-os emendar.

Relativamente à sessão realizada na noite seguinte à entrevista registada, abster-me-ei de dar detalhes do que teve lugar além do que é realmente necessário para enfatizar o regresso do Sr. Stead, pois esse parece ser o fardo das muitas comunicações dele recebidas. Devo, contudo, notar que há uma grande semelhança na mediunidade destes psíquicos e na da Sra. Wriedt. Na presença deles, temos todos os fenómenos que caracterizavam as sessões de Wriedt, exceto as vozes diretas. Em vez destas, tínhamos as vozes do psíquicos modificadas pelas Inteligências controladoras para representar as dos falecidos. Tínhamos na presença deles belas luzes, e percebíamos propósito e Inteligência orientadora por trás delas.

O ponto seguinte é que, embora tenha de preservar o anonimato do psíquico, sou capaz de contrapor isso dando os nomes das testemunhas e participantes neste círculo, a saber — o Sr. e a Sra. Stevenson, o Sr. e a Sra. David Wright, a Menina Abernethy, o Sr. Reid, o Sr. Alexander, la Sra. Coates, e o escritor, todos os quais, com exceção da Menina Abernethy, eram membros do círculo de Rothesay. Cada uma destas pessoas está disposta, se necessário, a testemunhar sob juramento o que teve lugar. O «Sr. Curtis» presidia ao órgão, e enquanto tocava, as luzes eram vistas a vir da direção dele e a aproximarem-se dos participantes conforme desejado, ou para quem eram destinadas. A «Sra. Curtis» sentava-se entre os presentes,

entre o Sr. e a Sra. Wright. A Sra. Coates foi abordada por belas luzes, que dançavam diante dela, e o psíquico deixou o órgão, sob o controlo da filha mais velha da Sra. Coates. A sala e as mãos da Sra. Coates ficaram cheias de um perfume estranho mas muito delicioso. A Sra. Coates sentiu as suas mãos cheias de um líquido de qualquer espécie, e teve o mesmo salpicado sobre si, mas no término da sessão não havia sinais de nenhum dos dois no seu vestido ou nas suas mãos.

Inúmeras luzes foram vistas e mensagens de pessoas falecidas — mais ou menos apropriadas — foram transmitidas aos seus amigos presentes. Os dons mediúnicos do «Sr. e da Sra. Curtis» foram realçados pela clareza com que cada controlo era capaz de estabelecer a sua identidade.

Após uma manifestação de uma filhinha do «Sr. e da Sra. Curtis», que tinha partido há cerca de dois anos, tivemos uma calmaria nos procedimentos, e depois veio a

SÚBITA MATERIALIZAÇÃO ETÉREA DO SR. STEAD.

Diante de nós, na direção do gabinete (o mesmo gabinete que eu tinha mandado fazer e que foi usado nas sessões de Wriedt), apareceu uma luz nublosa do tamanho de uma mão de homem. Era diferente das luzes brilhantes anteriormente testemunhadas, nenhuma das quais era tão grande. Esta luz nublosa, prendendo a atenção daqueles que estavam imediatamente diante dela, moveu-se como nas materializações etéreas que tínhamos testemunhado ultimamente. A Sra. Coates, que estava sentada ao meu lado, sussurrou que via o Sr. Stead diante do gabinete. Eu não vi nada. Sabendo que ela tinha visão clarividente, esperei para ver a verificação em algo objetivo. A pequena luminosidade avançou para nós, e tornando-se mais definida, vimos presentemente o rosto bem conhecido de W. T. Stead. Após o reconhecimento por parte do Sr. e da Sra. Stevenson, da Sra. Coates, de alguns outros e de mim próprio, houve um desvanecimento temporário por um segundo ou dois, depois o rosto veio maior e mais claro do que antes, quando vimos o simulacro iluminado do Sr. W. T.

Stead por tempo suficientemente longo para um reconhecimento indubitável.

A Sra. Coates disse — «Oh, Sr. Stead, é o senhor; e estou contente por ter vindo novamente. Vejo-o com a máxima clareza.» A cabeça inclinou-se, ou antes, o rosto moveu-se para a frente e para baixo. A Sra. Coates disse — «Está a inclinar-se porque o reconhecemos?» e a inclinação foi repetida várias vezes à medida que o rosto dava a volta ao círculo. A Sra. Coates declarou que via a figura inteira. O Sr. Stead estava em trajo comum, mas a figura permaneceu invisível para nós, estando apenas o rosto iluminado. Quando a materialização etérea passou, uma voz vinda do gabinete dirigiu-se a nós.

«Meu querido Coates, estou contente por ser capaz de mais uma vez me mostrar a si e aos queridos amigos aqui. Deus vos abençoe a todos, e que sejais encorajados a continuar no bom trabalho em que estais empenhados. Deus a abençoe, minha querida Sra. Coates, pela sua ajuda, e que estes queridos amigos nunca se esqueçam da valiosa evidência de regresso espiritual que aqui obtiveram. Não há trabalho mais importante; continuai a persegui-lo, apesar de todo o abuso e calúnia, e a vossa recompensa será grande no conforto e na alegria dos outros. Apesar de desastres que causam a morte e do fim aparente de todas as coisas, a vida é inconquistável. Deixai que todos saibam que não há morte. Eu, W. T. Stead, não estou morto. Estou vivo, vivo para todo o sempre, e regozijo-me, com alegria indizível, por tornar o facto conhecido a vós e através de vós aos outros.

Que este seja o fardo da vossa mensagem para o mundo — morrendo por falta de conhecimento. Não há morte. A morte é o pesadelo dos séculos, que deve ser sacudido antes que o verdadeiro progresso espiritual na terra seja possível. Continuai no bom trabalho, e não deixeis que ninguém vos estorve. Deus vos abençoe a todos, queridos amigos. Deus o abençoe, querido Coates; dê estes factos ao mundo, de William Thomas Stead.»

Não foi tanto o que foi dito, como a maneira pela qual foi dirigido a alguns dos presentes, que tinham estado nas sessões de Wriedt, mas que não tinham estado presentes quando o Sr. Stead se tinha materializado etereamente e falado antes, o que tornou esta visita e materialização etérea tão convincentes. É possível que o Sr. Stead tenha sido capaz de aparecer diante de nós e falar, não apenas por causa da excelente mediunidade, mas pelo facto de a sala e o gabinete terem sido usados pelo Sr. Stead quando a Sra. Wriedt esteve aqui.

Posso também imaginar que o Sr. Stead, quando capaz, usará todas as oportunidades, aqui e noutros locais, para enfatizar o seu tema, «Como sei que os Mortos Regressam». Suspeito também que ele desejava dar uma mensagem que alcançasse um círculo mais amplo do que os poucos presentes que ele nesta ocasião encorajou e instou a serem firmes, apesar da calúnia e do abuso.

Houve mais luzes e mensagens para os presentes, quando fui abordado por alguém chamado «Diretor» numa voz muito profunda, instando-me a levar a cabo os desejos do Sr. Stead, fornecendo a homens e mulheres ponderados evidências de sobrevivência individual para além do túmulo, e do regresso daqueles a quem estimavam mortos. Isto tentei fazer neste simpósio e testemunho sem hesitação a boa-fé de todas as testemunhas, escritores, e indubitavelmente daquilo que testemunhei. Mais uma vez digo, se o Sr. Stead não regressou e falou, estamos então face a face com um mistério ainda maior.

DECLARAÇÃO DO SR. PETER REID,
Artista e Designer, Ardbeg,
Rothesay, Bute.

«Estive presente numa sessão realizada em Glenbeg House a 26 de Abril, quando a Sra. Coates foi controlada por uma Inteligência que afirmava ser o Sr. Stead. O Vereador John Duncan, a Sra. Duncan, de Edimburgo, e várias outras senhoras e cavalheiros estavam presentes. Aquela mensagem, que li, foi corretamente relatada e subsequentemente dada à imprensa.

«Também estive presente em cinco sessões nas quais a Sra. Wriedt, a médium de trombeta, era a psíquica. Testemunhei várias materializações etéreas a 13 de Julho, sendo uma a do Sr. W. T. Stead. Não o vi claramente de onde estava sentado. Pelo que teve lugar, soube que o seu rosto foi reconhecido.

«Na noite de quarta-feira, 17 de Julho, o Sr. Stead materializou-se etereamente duas vezes. A primeira vez em forma nublosa — não muito clara. A segunda vez, suficientemente definido para ser reconhecido. Quando a Sra. Coates e outros falaram, a cabeça inclinou-se em reconhecimento. Mais tarde ouvi-o a dirigir-se ao Professor e à Sra. Coates numa voz sincera e simpática. Havia algo de otimista e cativante no tom daquela voz clara, e a sua bênção de despedida deve ser lembrada por todos. Estavam 14 pessoas presentes, incluindo a Sra. Wriedt e eu próprio.

«Novamente, na noite de Domingo, 28 de Julho, estive presente numa sessão em Glenbeg House, quando os psíquicos eram uma senhora e um cavalheiro na vida privada. Sendo não profissionais, não tenho a liberdade de dar os seus nomes. Em adição a várias luzes, houve uma materialização etérea do Sr. Stead. Pouco depois, o Sr. Stead falou — através do "Sr. Curtis". O que mais me espantou foi a forte semelhança entre a voz do psíquico e a que fora ouvida dez dias antes — na sessão de os de Wriedt. A semelhança no tom, expressão e ênfase, ao dirigir-se ao Professor e à Sra. Coates e aos outros participantes, foi certamente muito notável.

«Soube desde então que os psíquicos privados nem conheciam nem tinham ouvido o Sr. Stead falar em vida, e não estiveram nas sessões da Sra. Wriedt.»

PETER REID.»
Rothesay, 10/8/12.

Sei que as declarações deste cavalheiro estão correctas, e as mesmas são realçadas pelo simples facto de que nestas sessões ele

teve evidências convincentes dos seus próprios amigos no invisível. É artista e designer de profissão, e é notório por um trabalho que exige excelentes poderes de observação.

DECLARAÇÃO DO SR. DAVID WRIGHT,
103, Woodville Gardens,
Langside, Glasgow.

«Querido Sr. Coates, — Com referência a "Terá W. T. Stead Regressado?", li a declaração do Sr. Reid relativamente às sessões de 13 e 28 de Julho, e posso corroborar plenamente o que ele diz. O meu testemunho seria redundante face ao relato completo e verdadeiro dado pelo Sr. Reid.

Seu sinceramente,
20/8/12. DAVID WRIGHT.»

TESTEMUNHO DO SR. E DA SRA. STEVENSON,
Orcadia, 6, Herries Road,
Maxwell Park, Glasgow.

«Querido Sr. Wright, — Analisámos o relatório da sessão realizada na casa do Sr. Coates, mas não podemos acrescentar nada além das notas que se referem a nós da parte dos nossos filhinhos.

Sentimos que gostaríamos de felicitar o Sr. Coates pela sua excelente memória, por ter registado tão fielmente a sessão sem notas. Não temos nada a acrescentar; exceto que vimos distintamente a materialização etérea do Sr. Stead, e ouvimos o médium sob o seu controlo dirigir-se a nós . . .

Seus sinceramente,
ELIZ. Y. STEVENSON.»
15 de Agosto de 1912.

Além das declarações por mim feitas nos extratos de uma sessão privada, mais testemunhos são dificilmente necessários.

O SR. STEAD MANIFESTA-SE AOS SEUS AMIGOS.

Não há dúvida sobre a Menina Stead receber mensagens; mas e quanto aos outros parentes? Pode haver pouca dúvida de que, onde quer que houvesse a porta aberta e a mente receptiva, o Sr. Stead entraria e comunicaria com os seus. Deve ser lembrado que mesmo para uma mensagem telefónica deve haver um transmissor, um modo ou meio — médium — de transmissão, e um recetor. Estes três são necessários. Se não houver ninguém para atender ao «toque» preliminar, e nenhuma atenção for prestada deste lado, nenhuma mensagem pode ser entregue. Embora concedendo as dificuldades no caminho, e a imperfeição dos meios, atrevo-me a dizer que o Sr. Stead se esforçou por comunicar com os seus e, em todos os casos em que houve a mente recetiva, teve sucesso, encontrando, também, as formas e meios de o realizar.

Um cavalheiro e a sua sobrinha estavam hospedados para férias no Hidro dos Kyles of Bute. Enquanto lá estavam, encontraram o Sr. John Duncan, de Edimburgo, e souberam pela primeira vez das mensagens de Stead, e também do notável artigo da Menina Stead, «W. T. Stead e o Espiritismo», na Nash's Magazine. Este cavalheiro era ninguém menos que o Sr. «Thomson» (esse, contudo, não é o nome), o velho amigo do Sr. Stead. Interessados, o Sr. «Thomson» e o Sr. e a Sra. Duncan fizeram-nos uma visita.

Durante uma conversa agradável, este cavalheiro elogiou o Sr. Stead como um homem de valor inestimável e de carácter íntegro; mas pensava que, na sua confiança honesta e bem-intencionada nos seus semelhantes, o Sr. Stead tinha sido enganado em ligação com o Espiritismo. Quanto a si próprio, nem acreditava nem desacreditava. Não tinha tempo para isso e dava-lhe pouca atenção. Enquanto esteve connosco, o Sr. Duncan deu a este parente um esboço das materializações etéreas e das manifestações de voz direta do Sr. Stead em Glenbeg House, a tudo o qual ele ouviu com uma incredulidade bem-humorada.

Depois do chá, organizou-se uma sessão improvisada, constituída pelo velho amigo do Sr. Stead, o Sr. e a Sra. Duncan, a Sra. Coates e o escritor. No decurso da conversa, tinha sido feita referência ao teste que o Sr. Stead fizera à psicometria da Sra. Coates. O parente do Sr. Stead subitamente tirou uma carta do bolso e, dobrando-a com o lado do endereço para dentro, entregou-a à Sra. Coates, com a observação: «Bem, experimente essa.»

Não preciso de detalhar o que foi dito. Foi uma leitura corretíssima do carácter e da disposição do missivista para com o Sr. «Thomson», mas o que foi curioso foi que a leitura foi obscurecida pela presença de uma senhora, tanto assim que a Sra. Coates não conseguia livrar-se dela, e pensou que a senhora tinha algo a ver com a carta.

Perguntei ao amigo do Sr. Stead: «Quem escreveu a carta é uma senhora?» «Não», foi a resposta imediata. Fui então subitamente impelido a dizer: «Essa carta foi escrita pelo seu filho, e a senhora que está a impressionar a Sra. Coates é a sua esposa.» Essa era a solução correta.

Pouco depois, a Sra. Coates foi controlada pela esposa do visitante, que se deu a conhecer a ele. Falou da sua vida com ele, da sua partida, da união deles e do que ele tinha sofrido. Falou também da maneira mais simpática sobre o seu parente, o Sr. Stead, e da sua grande perda, concluindo o controlo com palavras amáveis e encorajadoras para o seu marido e enviando uma mensagem para o seu filho. Não havia nada a contestar. Era tudo novo e estranho para o Sr. «Thomson», e tanto mais quanto todas as afirmações eram exatas.

Enquanto todos conversavam, o Sr. Stead apoderou-se de mim e dirigiu-se ao seu velho amigo com: «Meu querido Tom, estou contente por teres vindo.» Não sei exatamente o que teve lugar; mas no final, dizem-me, este cavalheiro estendeu a mão e, agarrando a minha, disse: «Adeus, William.»

É dificilmente possível que um homem com a fibra e a individualidade do Sr. «Thomson» pudesse ser prontamente convencido com uma única experiência deste género. Ele, contudo, concedeu prontamente que o que tinha tido lugar modificara as suas opiniões. Concedeu também permissão para que os detalhes fossem enviados para Londres.

A Menina Stead, na sua carta datada de 8 de Outubro, disse: —

«Querido Sr. Coates, — Envio-lhe em anexo o prefácio para o simpósio. . . . Estou muito interessada no que diz sobre a visita do meu parente, e estou tão contente por o meu pai ter sido capaz de falar com ele.

Com amáveis cumprimentos para a Sra. Coates e para si próprio,
ESTELLE W. STEAD.»

Poderá alguém, analisando o que precede, imaginar que a mera coincidência explica o que teve lugar? O velho amigo do Sr. Stead visita Bute, e isso sem conhecimento de um interesse consciente pelo Espiritismo, encontrando o Sr. John Duncan, que estava presente quando a notável mensagem do Sr. Stead foi recebida, e trazendo assim a introdução ao velho amigo do Sr. Stead da história das manifestações em Cambridge House e em Glenbeg House. Não apenas isso, mas para a sua primeira experiência de Espiritismo.

O Sr. Duncan escreveu-me e informou-me de que o Sr. «Thomson» ficara muito impressionado com o que tinha tido lugar, e tinha prometido fazer investigações mais completas sobre o assunto. Além disso, em resposta ao meu pedido sobre se ele me poderia ajudar a expor mais detalhadamente à Menina Stead o que se passara, o Sr. Duncan, na sua carta datada de 1 de Novembro de 1912, disse: «Não me consigo lembrar do que se passou entre Stead e o amigo dele na sua casa. Tinha referência aos seus encontros e relacionamentos passados, mas não consigo recordar os detalhes.»

Um exemplo um pouco semelhante é dado na Reason, a publicação mensal do Rev. B. F. Austin, e é tão interessante que o apresento ligeiramente resumido. Nesse jornal, o escritor, o Sr. Mark A. Barwise, presidente da Associação Espiritual do Estado do Maine, aborda incisivamente várias comunicações que não têm valor probatório, e apresenta o que ele acredita ser

UMA VERDADEIRA COMUNICAÇÃO DE STEAD.

Numa sessão privada, realizada a 7 de Setembro de 1912, em Camp Etna, Maine, a comunicação foi recebida através da instrumentalidade da Sra. Florence Edgerley, esposa de um distinto conferencista em St. Louis. O Sr. Barwise diz: —

«William Penn Hussy, um comerciante de madeira, de Indianápolis, estava a visitar a sua antiga casa em Newburg, Me. A filha do Sr. Hussy casou com o terceiro filho de W. T. Stead, Alfred [editor da The Review of Reviews. — J.C.]. Nem o Sr. Hussy nem a Sra. Edgerley alguma vez se tinham visto ou ouvido falar um do outro antes de organizarem a sessão. Nesta sessão, a médium, que se encontrava num estado de semi-transe, recordou o jantar que o Sr. Hussy tivera com o Sr. Stead no Savoy, há dois anos, por ocasião da sua última visita a Londres; falou da viagem de ómnibus que fizeram pela cidade, e repetiu os pontos principais da conversa deles durante essa viagem, que se centrou na possibilidade de comunicar com o outro mundo e na mediunidade dos psíquicos.

O Sr. Stead tinha trabalhado uma tarde inteira com o Sr. Hussy num esforço para o convencer da verdade do Espiritismo, expondo-lhe experiências pessoais que se estendiam por muitos anos da mais próxima atenção ao assunto. Em muitos destes incidentes a Sra. Edgerley entrou com tal particularidade e exatidão que espantou o Sr. Hussy. A psíquica entrou em muitos outros assuntos de natureza pessoal e íntima inteiramente fora do alcance do seu conhecimento normal em vigília.

Quanto à veracidade deste relato, tomei todas as precauções na sua verificação. Procurei o Sr. Hussy e descobri que cada detalhe correspondia ao que me fora dito. O Sr. Hussy foi enfático ao afirmar que não era Espiritista. Sobre a questão de uma vida no além, ele era Agnóstico; mas, acrescentou ele, esta experiência dera-lhe muito em que pensar, e parecia algo como um quebra-cabeças.»

Não proponho acrescentar nada ao lúcido relato acima. Segue linhas semelhantes à tentativa do Sr. Stead de alcançar o seu velho amigo em Rothesay. Aqui encontramos o Sr. Hussy, de Indianápolis, a visitar a sua antiga casa em Newburg, Me., sem qualquer pensamento de, muito menos ligação com, o Espiritismo. Aqui obtém uma mensagem que prende o pensamento através de uma psíquica de reputação. Em ambos os casos, dois homens idosos, parentes por afinidade, são trazidos face a face com o genuíno no Espiritismo, e isso por alguém que os conhecia a ambos como só o Sr. Stead poderia, lidando com factos fora do conhecimento quer das psíquicas quer dos participantes.

Estes acontecimentos em Rothesay e em Camp Etna parecem ser mais do que acidentes. Eles sugerem um pré-acordo no invisível; um esforço do infatigável falecido para alcançar os seus, e para dar seguimento aos conselhos e argumentos dados quando ele, o Sr. Stead, estava no corpo.

Não temos aqui evidências da mesma mente a operar através de diferentes meios, em diferentes países, e desconhecidos uns dos outros, para incutir nos seus próprios parentes a realidade do Espiritismo? Creio que sim. Poderá haver outras explicações. Não conheço nenhuma. Com isto concluo a apresentação de algumas das evidências para o Regresso de W. T. Stead.

In Memoriam.

STEAD REGRESSOU! Está connosco hoje!
A força viva da sua Alma Imortal
Alcançou a terra a partir das Mansões dos Bem-aventurados

Para ser pioneiro, para curar e para consolar.

Estandartes de Amor, Luz, Verdade ele desfraldou;
Em armadura brilhante está pronto para a liça.
Stead regressou a este mundo egoísta,
Portador de verdades que a terra não pode contestar.

O maravilhoso amor de Cristo manifesta-se em Stead;
Amor de sacrifício! «A velha, velha História!»
A sua mensagem é para a terra: «Não há mortos.
Os amados e perdidos vivem agora na Glória.»

O seu lar é com os Espíritos dos Bem-aventurados;
Cantando os Aleluias das Esferas.
A sua alma energética regressa à terra,
«Lançando uma ponte sobre a sepultura», dissipando os medos da Dor.

Mulheres abandonadas! ele trouxe até Deus,
Ansiando por se erguerem do caminho que tinham trilhado;
Ajudou-as a carregar a sua carga desgastante,
Soldado da Misericórdia! Stead tem a sua recompensa.

Stead viverá e trabalhará ao longo dos séculos
Como Profeta, Líder, Espírito-Guia e Amigo.
O Livro da Vida tem nas suas páginas —
«William T. Stead, ao oprimido amparou.»

JESSIE COATES.
Glenbeg House,
Rothesay.

CAPÍTULO XI

Será que os Acontecimentos Vindouros Lançam as Suas Sombras Diante de Si?

Ao lidar com a questão acima, um caso concreto ajuda sempre. Encontramos isto na vida do Sr. Stead, e em algumas afirmações já registadas. É geralmente aceite que os acontecimentos vindouros lançam as suas sombras diante de si. É também admitido que nem sempre vemos as sombras — premonições, o que quer que sejam. Terá o Sr. Stead tido uma premonição da sua viagem do «Último Posto»? Eu diria que ele tivera muitos avisos e ouvira muitas afirmações curiosas, mas não creio que tenha tido um único aviso definitivo quanto ao desastre do «Titanic».

As observações precedentes surgem de reflexões sobre o Bureau de Júlia, e afirmações intrigantes que pretendem vir do Sr. Stead, subsequentemente à sua transição. Tomo duas: Em Chicago, a 28 de Abril, a Sra. Cora L. V. Richmond, falando na personalidade do Sr. Stead, diz: —

«Não creio que tenha tido qualquer "premonição" antes de deixar a Inglaterra, nem a minha mão escreveu, nem ninguém disse: "não vá naquele navio".»

Compare-se esta afirmação clara e definitiva com a da «Voz» ouvida em Cambridge House, a 18 de Junho. O Sr. Stead é relatado pelo Sr. de Kerlor como dizendo: —

«Meu querido Sr. de Kerlor, perdoe-me por não ter prestado atenção às previsões e avisos que me deu sobre a morte, o desastre e o afogamento, os quais se tornaram absolutamente verdadeiros.»

Isto é explícito. As duas afirmações parecem irreconciliáveis. Poderá a Inteligência que deu a primeira em Chicago, a 28 de Abril, ser a mesma que falou em Wimbledon a 18 de Junho? Qual é a explicação?

Para voltar, «Teria o Sr. Stead avisos ou premonições?» Ele certamente tinha — muitos. Mas ou os esquecera ou, como o homem que era, trabalhava enquanto era dia, igualmente indiferente quer caísse no seu trabalho quer fosse «chamado a casa» durante o seu sono.

Antes de lidar com qualquer das afirmações da voz conforme registadas pelo Sr. de Kerlor, ou com as da Sra. Cora L. V. Richmond, lançarei um olhar sobre algumas outras. Quanto a previsões, é bom recordar de passagem que, já em 1892, na Review of Reviews, defendendo a sua crença de que os mortos regressam, o Sr. Stead, para ilustrar as suas concepções, retratou o afundamento de um Navio de Linha da White Star, dizendo: «Consideremos o Oceano Atlântico como uma sepultura», e procedeu a dar as suas opiniões. Este artigo tinha uma sugestividade profética do que poderia acontecer e do que aconteceu.

Mas indo ainda mais para trás, apareceu, antes dos dias da Review of Reviews, nas páginas da Pall Mall Gazette, um poderoso artigo da pena do Sr. Stead sobre o afundamento de um navio de linha moderno, com todos os seus horrores, na forma de uma narrativa de um sobrevivente. Ele continuava para mostrar como a maioria dos passageiros estava condenada de antemão, tudo o qual foi tão surpreendentemente corroborado no desastre que paralisou o mundo do «Titanic». A este artigo, o Sr. Stead juntou uma nota editorial, como se segue: —

«Isto é exatamente o que poderia ter lugar, e o que terá lugar, se os navios de linha forem enviados para o mar com falta de barcos.»

Compare-se isto com o que teve lugar, e o resumo do Lord Mersey relativo ao desastre do «Titanic», vinte e seis anos depois.

Outra fase foi a premonição que o Sr. Stead ocasionalmente mencionava após o tratamento de «Mafeking» que recebera de «indivíduos baixos da pior espécie», a qual era — «Tive a visão de uma turba, e isto fez-me sentir que não morrerei de uma forma comum à maioria de nós, mas por violência, e como um de muitos numa multidão.»

Isto foi cumprido, na realidade, não por ser espancado até à morte por uma multidão de Londres embebida em cerveja, mas sob a luz das estrelas do céu, no meio de uma multidão em luta de homens, mulheres e crianças pobres, tão subitamente mergulhados nas águas geladas do Atlântico. Aqui, novamente, foi o cumprimento de uma premonição. Ele certamente não morreu de uma forma comum. Morreu, como frequentemente afirmara, com as suas botas calçadas. Ele era um de uma multidão de seres em luta, alguns dos quais combateram e fizeram atos terríveis no seu desespero por viver.

O Sr. James Douglas, escrevendo num belo espírito, no Star, disse: «Quem pode tomar o lugar de Stead como profeta? Ai! caímos em tempos terríveis em que qualquer tipo de fé ardente é quase uma indiscreção, e em que a moderação tépida é uma virtude quase universal. Devíamos rezar por mais alguns fanáticos como Stead.»

Este fanático, Stead, certamente acreditava em premonições, e nenhum homem nos tempos modernos foi dotado de um discernimento profético mais fino ou de maior poder de um inglês adjetivado e enérgico, para dar uma expressão lúcida e enfática aos seus pensamentos, impelido a isso pelas suas visões.

Quanto à sua idade, e ao período da sua morte, é curioso que a primeira indicação tenha surgido através de um teste de quiromancia — não por sua própria iniciativa — realizado em ligação com a Pearson's Magazine (Jan., 1892). Todas as delineações foram dadas por «Teresina», uma aluna de Cheiro, sem estar ciente do carácter e da pessoa dos originais.

Das nove palmas selecionadas, uma pertencia ao Sr. Stead, sete a outras pessoas proeminentes, e uma a um criminoso notório. Não estou interessado nas outras leituras — que foram notáveis como um todo — mas cito em parte o que o Sr. Stead disse: — «Rogo devolver-lhe a delineação da quiromante. . . . Em relação a datas, ela diz que vou morrer quando tiver 63 anos. Isso é um assunto sobre o qual nada posso dizer. A Madame Blavatsky costumava dizer que eu viveria até passar dos setenta e cinco. Acho que uma profecia é quase tão boa como a outra. Sinais de colapso aos quarenta e cinco podem ser considerados toleravelmente próximos, pois este ano, pela primeira vez na minha vida, tive de me ausentar da comparência regular no escritório….

A minha impressão é que a sua quiromante está um pouco errada nas datas. A única outra data que ela menciona é sobre eu ter alcançado o sucesso antes dos trinta. Se alcancei algum sucesso que possa ser chamado de brilhante, foi quando tinha de 33 a 36 anos. Trinta e seis foi o ano em que fui para a cadeia, o que, como sabe, considero a glória máxima da minha vida até esse ponto.»

No que precede temos um toque de auto-revelação, mas o ponto que desejo notar é que a idade dada é 63 anos. O Conde Hamon (mais bem conhecido como Cheiro) foi convidado em 1893, pelo Sr. W. T. Stead, a visitá-lo nos seus escritórios, em Mowbray House. Este leitor científico de sinais, na sua encantadora obra* diz: — «Que nunca se importa de interpretar as vidas daqueles que conhece intimamente, e que frequentemente desapontava os seus amigos ao recusar-se sequer a olhar para as suas mãos. O Sr. Stead era um destes.» Cheiro acrescenta: — «Expliquei-lhe a minha dificuldade, que ele achou lógica e razoável, e por isso contentei-me em tirar uma impressão da sua notável mão para a minha coleção e explicar-lhe o significado das diferentes linhas conforme mostradas

* Págs. 88, 89, 90, «Cheiro's Memoirs: the Reminiscences of a Society Palmist.» Londres: Wm. Rider & Son, Ltd. na sua mão. . . Anos mais tarde, encontrámo-nos em Paris. . . . O Sr. Stead tinha regressado da sua visita ao Czar a propósito do seu grande movimento

de Paz. . . . O Sr. Stead fez-me dizer-lhe algumas coisas sobre o carácter de pessoas cujos números, de acordo com o meu sistema, eram "chaves" para o seu carácter e para os principais acontecimentos da sua vida.

Quando terminei, ele disse-me que os números que me tinha dado eram os dos seus próprios filhos e, tanto quanto podia julgar, o quadro que eu fizera era exato até aos mais pequenos detalhes de carácter; e cerca de dez anos mais tarde tive a satisfação de ouvir dele que até os acontecimentos que eu indicara em Paris também se tinham cumprido.»

Não é surpreendente, então, que o Sr. Stead — como inúmeras outras personalidades perspicazes — tivesse grande confiança na capacidade de Cheiro, e devesse abordá-lo novamente. Numa interessante conferência sobre «Experiências em Fenómenos Psíquicos», proferida em Maio, perante a London Spiritualist Alliance, Cheiro, referindo-se aos seus vinte anos de amizade com o Sr. Stead, e aludindo à crença do Sr. Stead de que encontraria a morte às mãos de uma turba — provavelmente como resultado de alguma ação sua que provocaria o ressentimento popular, como na guerra da África do Sul, Cheiro discordou. Ele estava seguro de que qualquer perigo para a vida do Sr. Stead «seria da água, e de mais nada.» Numa carta datada de 21 de Junho de 1911, Cheiro diz: «Escrevi-lhe que os meses mais críticos seriam Julho, Outubro, Dezembro e Abril. Que ele tinha nascido no que é chamado de a Casa Principal da Água, e que viajar ser-lhe-ia "perigoso no mês de Abril de 1912".» Em confirmação disto, o conferencista leu para a assistência alguma correspondência que passara entre o Sr. Stead e ele próprio, durante 1911.

Será que os acontecimentos vindouros lançam as suas sombras diante de si? Acredito que sim. O período da morte do Sr. Stead e a maneira da mesma, conforme indicados pelas suas próprias impressões, o período de data de «Teresina», idade 63, dando o ano de 1912, a dedução de Cheiro, a saber, que o perigo para a vida do Sr. Stead seria da água e que o mês de Abril de 1912 seria especialmente

perigoso, juntamente com o seu trágico cumprimento, dá a alguém motivos para «pensar furiosamente». Mas há mais do que isso.

A Menina May de Witt Hopkins, uma senhora americana, uma linguista consumada e uma psíquica dotada, escreveu para a Light, a 18 de Junho, uma premonição do Destino do Sr. Stead, que ela tivera em Outubro de 1911. Ela diz: — «Tinha acabado de ver o Sr. Stead em Paris (no seu caminho para Constantinopla, como delegado da Paz), e estava a escrever sobre o assunto à Menina Scatcherd, uma amiga comum, quando ouvi de forma clarividente, como por vezes me acontece, uma voz solene dizendo: "Está próximo o tempo em que ele será chamado a casa." "O quê!" exclamei mentalmente, "na Turquia?" "Não", veio a resposta, "não antes do seu regresso a Inglaterra. Na primeira metade do próximo ano — em seis meses." Houve um intervalo, e depois ouvi novamente a voz dizer: "O tempo dele chegou; a sua carreira terminou." Um pouco sobressaltada, mencionei parte do que tinha ouvido na minha carta à Menina Scatcherd, suavizando-o ao dizer — "claro que é apenas a minha imaginação".»

«Na sua viagem de regresso, o Sr. Stead passou novamente por Paris. Quando ele me disse adeus, soube que nunca mais o veria — de facto, senti um destino a pairar sobre ele, embora não soubesse como viria. Isto explicará a certos amigos mútuos em Londres as invulgares perguntas que fiz sobre a saúde do Sr. Stead, e se ele estava a ser cuidadoso com ela.»

«O Sr. Stead escreveu-me em Abril dizendo que ia embarcar para Nova Iorque, mas não mencionou qual o navio. No dia seguinte ao desastre do "Titanic", fui assombrada por um perfume inexplicável de rosas e, lembrando-me de que a minha falecida mãe tinha sido avisada de uma morte por um odor persistente e estranho, exclamei — "Há alguém que conheço que está morto e a tentar fazer-me ciente disso." Assim que vi nos jornais que o Sr. Stead estava no "Titanic" soube que ele estava morto e não estaria entre os sobreviventes.»

«O Sr. Stead tinha grande fé nos meus poderes psíquicos, mas pessoalmente sou bastante cética em relação a eles. Não que não

acredite em comunicação espiritual, mas penso que muitas manifestações podem ser atribuídas ou ao magnetismo, à leitura de mentes, ou ao eu subconsciente. Portanto, não sei se a visão mental que tive do Sr. Stead após o desastre foi mera imaginação ou algo mais. Vi-o muito pálido, vestido de preto, sem chapéu e a pingar água. Senti a sua presença alguns dias mais tarde, mas desta vez forte, jubilosa e cheia de sol. Como disse, sou cautelosa com a minha imaginação; não obstante, tive algumas experiências extraordinárias, que provam pelo menos o poder maravilhoso do próprio espírito de alguém.»

Esta senhora teve experiências extraordinárias, e a sua maravilhosa previsão ao Sr. Stead sobre o que teria lugar em Constantinopla foi uma delas, mas disso não é necessário tratar aqui. Nada a não ser uma convicção honesta dos factos relatados poderia levá-la a enfrentar a publicidade. A Menina Hopkins não é uma psíquica profissional — embora isso não seja nenhuma desonra — mas não pode haver a menor suspeita de motivos monetários ou de auto-publicidade nas suas afirmações convincentes. Nestas, três ou quatro coisas destacam-se: —

(a) O Sr. Stead, porque testara os dons dela, e conhecendo a sua probidade, tinha grande confiança nos poderes dela.

(b) A Menina Scatcherd foi informada deste aviso prévio clarividente (em Outubro de 1911) na altura da sua receção.

(c) A morte do Sr. Stead teve lugar na primeira metade do ano seguinte, a saber, em Abril de 1912.

(d) Certamente que houve algum elo de ligação entre a perceção psíquica da Menina Hopkins em Outubro e o seu cumprimento, quer por visão quer, ai de nós, por facto, em Abril de 1912.

O Sr. W. de Kerlor, numa conferência proferida no «The International Psychic Club», Londres, a 26 de Junho, detalhou entrevistas que tivera com o Sr. W. T. Stead.

Sem seguir o conferencista nos seus detalhes, eles resumem-se a isto: súbito desapontamento ao ver as mãos do Sr. Stead, percebendo

que tinha diante de si um homem de convicções positivas, completamente imbuído do espírito de auto-dependência e de fortes convicções de levar todos os seus planos materiais a um desfecho bem-sucedido, enquanto ele (O Sr. de Kerlor) psiquicamente sentia que nenhuma coisa dessas aconteceria. Disse ao Sr. Stead, referindo-se à linha do Destino: «Esta é uma linha que significa que a sua vida terminará tragicamente, terminará em público: ou será espezinhado, ou espancado até à morte, de uma maneira extremamente inesperada.»

O Sr. Stead esperava sempre um fim um pouco dramático para a sua vida, mas concluiu que o Sr. de Kerlor não lhe podia dizer nada sobre as suas mãos. O psíquico, não vendo nada senão uma parede preta, e correntes cruzadas a reverterem todas as convicções otimistas do Sr. Stead, foi impelido a dizer: «Lamento não poder ver melhores coisas para si.» Esta entrevista teve lugar a 16 de Setembro de 1911, e foi a primeira vez que o Sr. de Kerlor vira o Sr. Stead. O Sr. Stead tinha então 62 anos.

Três dias mais tarde, tiveram uma sessão de clarividência. Nesta entrevista, em vez de dar ao Sr. Stead algo encorajador, o Sr. de Kerlor informou-o: «Vejo uma luz triangular acima da sua cabeça, que se parece muito com a lâmina da guilhotina!» O Sr. Stead riu-se e disse: «É engraçado; o Dr. Baraduc em Paris também viu, não um triângulo, mas luz a assumir a forma de um óvalo.» O Sr. de Kerlor diz que não gostou de dizer tudo o que viu e sentiu sobre esta luz, mas disse: «A partir deste símbolo deve apressar-se com os seus planos, não deve perder tempo nenhum.» Omito todas as outras matérias com referência à proposta viagem do Sr. Stead à Rússia. Os poderes psíquicos insistiram que o Sr. Stead iria à América, ideia que ele não aceitou.

A entrevista prolongou-se, e em resposta à afirmação do Sr. Stead: «Quero ir à Rússia; quero saber sobre isso», o conferencista disse: «Não consigo ver nada senão a imagem de um enorme navio preto, do qual vejo a parte traseira; onde o nome do navio deveria estar escrito há uma coroa de perpétuas.» . . . «Só consigo ver metade do navio: esse símbolo pode significar que na altura em que este navio

estiver concluído — quando se for capaz de o ver em todo o seu comprimento, é talvez nessa altura que irá na sua viagem.»

Subsequentemente a isto e mais perto do período do desastre do «Titanic», o Sr. de Kerlor teve dois sonhos. Extrato de um o seguinte: —

«Sonhei que estava no meio de uma catástrofe na água; havia massas de corpos a lutar na água, e eu estava entre eles. Podia ouvir os seus gritos por ajuda, e quando as vozes cessavam podia ver algumas formas espirituais a subir para cima, enquanto outras pareciam ir para baixo, e a minha alma estava no meio delas.» Ele viu no dia seguinte nos jornais que um barco se tinha perdido no Nilo, e 200 pessoas tinham sido afogadas. Não conseguiu ligar este acidente com o que vira na noite anterior, porque nesse sonho vira mais de mil corpos na água.»

O Sr. de Kerlor diz que contou ao Sr. Stead este sonho, e que da última vez que foi abordado — pelo telefone — pelo Sr. Stead, tinha a mesma história para contar, e o navio preto significava limitações, dificuldades e morte. O Sr. Stead respondeu: — «Oh, sim; bem, bem, o senhor é um profeta muito sombrio, adeus», e desligou. Apresento os factos, e acrescento que, como analisei cuidadosamente o relatório taquigráfico das entrevistas em Setembro, o Sr. de Kerlor não profetizou a morte aos 63 ou a morte por afogamento, embora seja provável que o pensasse, tendo o que precede na sua mente, quando esteve na sessão de Wriedt.

Pessoalmente, nunca pensaria em consultar sequer um reputado ou qualquer estudante do oculto quanto ao futuro, ou sobre o que ia acontecer, embora saiba que tais previsões são possíveis. Até agora «a cada dia basta o seu cuidado» tem sido bom o suficiente para mim. No entanto, não se pode entrar no exame destas afirmações em relação a uma personalidade marcante sem ficar convencido de que os acontecimentos vindouros lançam as suas sombras diante de si, embora muitas vezes não passem de «sombras».

No término de um manuscrito automático recebido pela Menina Scatcherd, a 11 de Março de 1912, antes do desastre do «Titanic», e portanto um mês antes de o Sr. Stead embarcar, ocorreu o seguinte: —

«Para ambos: — Colocai o vosso trabalho, a vossa missão em primeiro lugar. O dia está adiantado. O tempo diante de vós no qual deveis fazer a nossa vontade é breve. Deus seja com todos nós. Ámen.»

Não na altura, mas subsequentemente ao desastre, o teor do que precede tornou-se significativo. Isto também poderia ter algo a ver com a vaga perceção que o Sr. Stead tinha de que algo o aguardava num futuro próximo, e de que estava à espera de ordens de marcha, conforme expresso na sua última carta ao Dr. Clifford, tratada mais adiante.

À Menina Harper, o Sr. Stead escreveu no Domingo de Páscoa de 1912: «Sinto como se algo estivesse para acontecer, em algum lugar ou de alguma maneira, e que será para o bem.»

O Sr. R. Penny, de Bristol, que durante muitos anos conheceu o Sr. W. T. Stead pessoalmente, parecia tão angustiado com certos contratempos que estava tão convencido de que provavelmente teriam lugar, que escreveu expressamente ao Sr. Stead sobre eles e recebeu o seguinte:

«Querido Penny, — Muito obrigado pela sua amável carta, que me chega no momento em que estou a partir para a América. Espero sinceramente que nenhuma das desventuras que parece pensar possam acontecer a mim próprio ou à minha esposa, e escrever-lhe-ei quando regressar.

Sou, Seu verdadeiramente,
W. T. STEAD.»

Intimamente relacionado com aquele triste acontecimento, que impediu o Sr. Stead quer de regressar quer de escrever, como

pretendia, está o depoimento da Madame Isabelle de Steiger, de West Southbourne, Bournemouth, Inglaterra, na sua carta para a Light, 17 de Junho de 1912, na qual ela cita de uma carta do falecido Sr. Vincent N. Turvey — um cavalheiro na vida privada, e um clarividente dos mais dotados — a sua aflição quanto à perda de um navio de linha que teria lugar em dois dias.

«A carta que recebi», diz a Madame de Steiger, «na segunda-feira, 15 de Abril, fala por si mesma.»

«Talvez se esteja a perguntar se conversou com um assassino em massa no sábado. Dei-lhe uma pista muito ampla do desastre verdadeiramente terrível de hoje com o "Titanic". Disse-lhe que "Eu" causei o que "previ" — ou "senti" como se tivesse causado, quando disse: "Se eu lhe disser que em dois dias um grande navio de linha se perderá. . . ." "Eu" soube disso na quarta-feira passada, e contei-o a um homem na quinta-feira: portanto, no sábado apenas lhe repeti o meu conhecimento.»

Não apresentarei as especulações do vidente entre Turvey, ele próprio, e o «Eu sou» que viu. Ele continua a dizer: «O meu coração sangra pelos que choram, toda a minha alma chora pela perda de vidas, mas "Eu" não penso mais nisso do que o senhor pensa sobre a destruição de um navio de sonho, com vidas de sonho a bordo dele. . . . Seu verdadeiramente, VINCENT N. TURVEY.»

A Madame de Steiger afiança esta conversa de sábado e ficou horrorizada ao ver o cumprimento tão tragicamente realizado antes de receber a carta do Sr. Turvey. O testemunho final quanto às sombras que prognosticam aquilo que está para vir temo-lo na última carta do Sr. Stead ao Dr. Clifford. No serviço fúnebre, realizado na Capela de Westminster, na noite de quinta-feira, 20 de Abril, durante um elogio — caracterizado por profundidade de sentimento e grande eloquência — o fervoroso pregador vendeu uma das últimas cartas escritas pelo Sr. Stead, a bordo do «Titanic», na qual ele dizia: —

«Vou à América para proferir um discurso, mas sinto como se…. algo estivesse à minha espera, algum trabalho importante ser-me-á revelado. O que seja, não sei. Aguardo as minhas ordens de marcha, estando certo de que Aquele que me chamou tornará conhecida a Sua boa vontade e agrado no tempo devido.»

«As pessoas lembravam-se dele, talvez, principalmente como jornalista, mas para mim», disse o Dr. Clifford, «ele era um profeta saído diretamente do Antigo Testamento. Para ele, a Imprensa era uma espada para abater os inimigos da retidão.»

Sim, o Sr. Stead sentia algo à sua espera. Tinha chegado a um período na sua carreira em que não tinha planos, a aparente falta de sucesso desalentava-o de certa forma — e ele estava à espera que o algo se desvelasse e de receber as suas ordens de marcha*. Elas chegaram com uma rapidez súbita — no tempo devido, ele e aqueles que com ele estavam foram chamados a viver e a trabalhar noutro plano de existência. Isso é uma coisa diferente de afirmar que as «ordens de marcha» do Sr. Stead estavam destinadas, e para as levar a cabo cerca de 1600 e tal vidas preciosas e uma nobre embarcação tiveram de ser condenadas em consequência.

Houve certamente um cumprimento trágico de todos estes vários prognósticos, mas como podem estes ser reconciliados com a afirmação feita no discurso da Sra. Richmond (28 de Abril, em

** Ver o Manuscrito Automático da Lady Archibald Campbell — página 28.*

Chicago) — «Não creio que tenha tido qualquer "premonição" antes de deixar a Inglaterra, nem a minha mão escreveu, nem ninguém me disse "Não vá naquele navio".»

Esta afirmação parece, à primeira vista, ser totalmente irreconciliável com as pretendidas entrevistas com o Sr. de Kerlor, e com a «voz» que foi ouvida na sessão em Cambridge House, Wimbledon, a 18 de Junho. Aqui está, na verdade, algo para fazer

sorrir os saduceus. Eu não sorrio. A simples razão, a meu ver, é que a afirmação dada pela Sra. Richmond, sob controlo, é a mais correta das duas. É tão próxima de ser absolutamente correta quanto possível, e isto, não obstante ter sido feita no espaço de catorze dias a partir da passagem do Sr. Stead.

Ele não teria, com toda a probabilidade, qualquer recordação (assumindo que foram corretamente relatadas) de estas entrevistas terem tido lugar em Setembro de 1911. Muita água teria corrido sob a ponte da sua vida laboriosa desde então, e o Sr. Stead, com a sua determinação otimista e entusiástica, teria mais em que pensar do que nestas afirmações visionárias e indefinidas sobre ser espancado até à morte num parque público ou sobre os sonhos do Sr. de Kerlor e outras coisas sombrias. Mesmo com a perceção premonitória de algo, não sabia o quê, mencionada na sua carta ao Dr. Clifford, todas as coisas pertencentes à sua memória terrena poderiam ter escapado à sua atenção, neste período inicial de controlo de uma psíquica.

«Não creio que tenha tido qualquer premonição antes de deixar a Inglaterra.» Não há uma negação real nisto. Equivale a «Não me lembro de ter tido uma premonição mesmo antes de iniciar esta viagem.» Era quase certo que assim fosse, tão focado estava o desejo do Sr. Stead de proclamar a verdade que enriqueceu a sua experiência em vida. «Nem a minha mão escreveu.» Isto era uma simples afirmação de facto. «Nem ninguém me disse "Não vá naquele navio".» Isto é absolutamente correto. De facto, toda a referência está correta. O Sr. Stead não teve nenhuma premonição definida em si mesmo, a sua mão não escreveu, e ninguém lhe disse para não ir naquele navio.

O que havemos de fazer então com as afirmações da «voz» na sessão de Cambridge House, a 18 de Junho, quase dois meses depois? Como podem estas estar corretas? Poderia a mesma inteligência inspirar estas afirmações contraditórias? Sim! certamente.

Por que haveria de ser esse o caso? Sob as novas circunstâncias, com uma médium diferente, na sua própria casa, em Londres, e na

presença do Sr. de Kerlor, alguns elementos da memória terrena em ligação com aquelas experiências psíquicas seriam recordados; e o Sr. Stead tê-las-ia conectado com a experiência real de uma saída súbita e trágica desta vida. Ainda assim seria verdade que ele não tivera, antes do embarque, uma premonição em si mesmo, a sua mão não escrevera, e ninguém, nem mesmo o Sr. de Kerlor, lhe dissera para não ir naquele navio.

O teor da afirmação feita pela «voz» estava correto, mas os detalhes correspondentes às várias impressões ou recordações do Sr. de Kerlor não estavam. Fica claro, contudo, que o Sr. Stead agora conectava estes prognósticos (subsequentemente ao discurso de Chicago) com o desastre do «Titanic», mas não antes.

Com isto, então, completo este estudo, a saber, que na presença do Sr. de Kerlor, e em Londres, ele lembrou-se de algumas coisas do que o vidente tinha dito, e percebeu que essas coisas tinham uma relação com o seu falecimento, embora não fossem lembradas nem faladas em Chicago*.

Se, como temos razões para acreditar, o Sr. Stead foi ferido, magoado antes da morte, se não em parte a causa dela, a sua memória, de acordo com factos psíquicos bem conhecidos, levaria algum tempo a regressar gradualmente, e mesmo assim dependeria da médium e das condições se estas poderiam ser expressas. Nesta sessão particular a «voz» iria, de acordo com a lei de seguir a linha de menor resistência, fazer uso das conceções dominantes na mente do Sr. de Kerlor, embora verbalmente não em exato acordo com

* Desde que escrevi este capítulo, soube que a Menina Stead, que estava presente quando o seu pai entrevistou o Sr. de Kerlor, diz: «Em Abril o meu pai partiu. Não creio que ele tivesse qualquer premonição consciente, mas, subconscientemente talvez tivesse. Ele colocou os seus papéis em perfeita ordem antes de partir. Disse-me: "Tenho o pressentimento de que tenho um grande trabalho a fazer.... É suposto eu fazer apenas um discurso na América.... Que trabalho exato o Sócio Sénior tem para eu fazer nos Estados não sei, mas estou certa de que

quando chegar a Nova Iorque, receberei as minhas ordens de marcha."» — International Psychic Gazette, Novembro de 1912.

A afirmação da Menina Stead, baseada em conhecimento pessoal, é apoiada pela última carta do Sr. Stead ao Dr. Clifford. Quaisquer que fossem as vagas premonições que brotassem da sua subconsciência, é perfeitamente claro que nem em Setembro de 1911, nem em qualquer outra altura, ele teve um aviso definitivo de que a sua carreira terrena terminaria em Abril de 1912.

O que realmente teve lugar na entrevista clarividente quando a Menina Estelle Stead e a Menina Scatcherd estavam presentes. Não houve nada sobre um navio ou afogamento, mas houve algo sobre morte por violência e multidões.

Apresentei agora uma variedade de instâncias em relação a um indivíduo proeminente para levar à conclusão de que «os acontecimentos vindouros lançam as suas sombras diante de si.» Penso que pode haver pouca dúvida na matéria. Embora isto seja verdade, não tenho qualquer crença no fatalismo, em conceitos que retiram o esforço individual e a responsabilidade humana.

Posso conceber uma consciência mais elevada e uma gama mais ampla de perceção no homem espiritual tornando-se ciente de e impressionando intuitivamente o homem exterior do dia-a-dia. Posso acreditar que o homem exterior possa estar tão ativamente ocupado e tão focado em levar a cabo algum propósito ao ponto de estar, temporariamente, surdo e cego àquilo que é ouvido e visto pelo espírito. Mas isso não é fatalismo.

Talvez não seja nem lógico nem consistente. Não pretendo ser o primeiro, e até que saiba muito mais sobre as leis da vida, do ser e do progresso, não assumirei ser o segundo. Há muito que não compreendo, e menos sou capaz de interpretar. Estou contente por saber que cada efeito tem uma causa.

Devidamente considerado, não há acidentes, tudo é o resultado de lei e ordem. Não tenho dúvidas de que as estrelas têm a sua influência nas condições terrenas. Posso acreditar, também, que a minha mente afeta o meu corpo, cabeça, produz rugas nos cantos dos meus olhos enquanto escrevo, e linhas nas palmas das minhas mãos. Não acredito, contudo, que o meu destino seja fixado por uma ou por qualquer destas coisas, ou que alguns homens estejam destinados a ser grandes, nobres e sábios, outros criminosos, ou eu próprio um tolo, em consequência.

Acredito que dentro do universo e da constituição humana há espaço para o desempenho responsável da faculdade humana, do pensamento e da ação varonis. Não penso que o homem seja um autómato. Stead não o era, e embora os acontecimentos vindouros tenham lançado sombras no seu caso e no nosso, sejamos sábios no nosso dia e geração, e trabalhemos em harmonia com Deus e a Natureza, tanto quanto saibamos. Se não soubermos, ser-nos-á ensinado. Sendo assim, aprendamos a fazer o melhor uso da vida, e das nossas oportunidades, como fez o Sr. Stead, e importará pouco se deixamos esta vida nas nossas camas, ou por um chamado acidente.

Sim. Os acontecimentos vindouros lançam as suas sombras diante de si, e isto é ilustrado de forma marcante pela vida, morte e factos registados do REGRESSO DE W. T. STEAD.

FIM